

REVISTAS
Revista de Maranhão Para o Brasil:

REVISTAS
Revista do Maranhão Para o Brasil.

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

O III.

1.º DE JANEIRO DE 1941

NUM. 24



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

O III.

1.º DE JANEIRO DE 1941

NUM. 24



O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

Agencia Nacional

Agencia Havas

British News Service

Agencia Transocean

União Jornalistica Brasileira

CORPO REDACCIONAL

Prof. Nascimento Moraes

Padre Astolpho Serra

Erasmo Dias

A. Pires Ferreira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

BIBLIOT ECA PUBL
DOAÇÃO do
Fm... 4 de junho 1938
MIRANDA

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASAMENTO, etc., procure FOTO-GRAVADOR O IMPARCIAL e de Athènas. SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO. -RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) - FONE, 1501.

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director --- A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO
ERASMO DIAS

Redactor-Correspondente

DR. PAULO DE OLIVEIRA
Therezina—Piauhy

Propriedade da Emp

IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUE

NUMERO AVULS

Na Capital

Por via postal

ASSIGNATURAS

Por 6 meses

Por 1 anno

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmo Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalistica Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

BIBLIOT ECA PUBLICA
DOAÇÃO do
Fm... 4 de junho 19...
MIRANHÃO



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director --- A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO
ERASMO DIAS

Redactor-Correspondente

DR. PAULO DE OLIVEIRA
Therezina—Piauhy

Propriedade da Emp.

IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUE

NUMERO AVULS

Na Capital

Por via postal

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes

Por 1 anno

POR QUE SE DISSOLVEU

O CLUB FAMILIAR

REGISTRO SETORIAL
Séq. Obras Raras.

Nº 28
Data 23/11/73

VALERIO SANTIAGO

Entre os factos mais curiosos e estarrrecentes que Fernando Caleça trouxe da Capital da República, aos seus companheiros de bohemianismo em São Luiz, estava o casamento de Rodolfo Aires com a viúva do dr. Alexandre Bernardes de Souza, uma das maranhenses mais formosas de seu tempo, e uma das mais cultas que abrilhantaram as opulentas reuniões familiares dos venturosos capitalistas desta cidade.

Fernando Caleça, o "primus inter pares" dos guardas livros da Praia Grande, conhecido pelo cognome de "polyglota do commercio", porque falava e escrevia correctamente várias línguas, e era homem de espírito, com uma bagagem invulgar de conhecimentos literários, deixara de propósito, por derradeiro, a notícia daquele casamento.

Recebido pelos seus amigos e colegas com um grande e rumoroso baile que se realizou no palacete do Clube Familiar, à rua Candido Ribeiro, esteve, durante a noite, em todas as rodas, contando as delícias da vida na Metrópole, onde se demorara oito meses, e também a dar notícia dos maranhenses que ali o cercavam com especial dedicação e inexcedível solicitude. Dansava pouco, galanteava de raspão e conversava muito, com cavalheiros de todas as idades e senhoras de todo gosto e feitio, que lhe fizeram estafante interrogatório, especialmente sobre a vida de maranhenses que residiam, havia muitos anos, no Rio, e nunca mais voltaram ao Maranhão como só quase sempre acontecer. Fernando Caleça teve que fazer às moças casamenteiras uma crônica verbal, à guisa de palestra, dos últimos figurinos, das mais requintadas expressões de gosto no pentear e no calçar. A respeito das cinturas grossas e cinturas finas fez um folhetim que foi muito aparteado pelos mais bem aprumados e elegantes que se achavam nessa captivante reunião, justificada pelas suas numerosas relações na sociedade de São Luiz, muito parcimoniosa, pelo anno de 1764, em gestos dessa natureza. Comtudo, explicava-se facilmente o seu prestígio social. Ia pela casa dos 28 anos, e era sócio interessado da importante casa comercial de Rabello & Comp. de cujo escritório era chefe. Eis aí os dois elementos principais. Ajunte-se agora a sua sympathia pessoal e os dinheiros que

um português, seu tio, gerente de bancos e poderoso acionista de companhias, com muita miseria, lhe estava guardando, sem intenção alguma, quase inconsciente, e só porque era sovino. Em summa: Fernando Caleça, elegante, de boa estatura, sorridente, com uma juba le leão da moda, e attitudes discretas e passos e gestos bem medidos, estava, positivamente, no "carnet" de todas as moças bonitas de São Luiz!

Quem, de mau gosto e sem ambições, ali, não o queria para genro, para cunhado e para marido?

Segundo a praxe daquelle tempo, ao se apagarem as luzes da festa, quando as famílias começavam a sahir, ás 2 da madrugada, os rapazes reuniram-se, a pouco e pouco, disfarçadamente, na vasta sala junto do bufet. E naquella noite, ficaram todos, até o dr. Ignácio Costa, médico de brilhante projeção e festejado poeta, que não pertencia á roda de Fernando Caleça, e que por motivos ignorados não sympathisava com elle.

Approximava-se a hora sagrada da bohemianismo, a hora das confissões reservadas, do mundanismo



BIBLIOTECA
PORTO FRANCO

Senhorita Mgnolia Gomes Pereira elemento destacado da cidade de Porto Franco, e seu irmãozinho Clovis

POR QUE SE DISSOLVEU

O CLUB FAMILIAR

REGISTRO SETORIAL
Sociedade Obras Raras.

Nº 28
Data 23/11/73

VALERIO SANTIAGO

Entre os factos mais curiosos e estarrrecentes que Fernando Caleça trouxe da Capital da República, aos seus companheiros de bohemianismo em São Luiz, estava o casamento de Rodolfo Aires com a viúva do dr. Alexandre Bernardes de Souza, uma das maranhenses mais formosas de seu tempo, e uma das mais cultas que abrilhantaram as opulentas reuniões familiares dos venturosos capitalistas desta cidade.

Fernando Caleça, o "primus inter pares" dos guardas livros da Praia Grande, conhecido pelo cognome de "polyglota do commercio", porque falava e escrevia correctamente várias línguas, e era homem de espírito, com uma bagagem invulgar de conhecimentos literários, deixara de propósito, por derradeiro, a notícia daquele casamento.

Recebido pelos seus amigos e colegas com um grande e rumoroso baile que se realizou no palacete do Clube Familiar, à rua Cândido Ribeiro, esteve, durante a noite, em todas as rodas, contando as delícias da vida na Metrópole, onde se demorara oito meses, e também a dar notícia dos maranhenses que ali o cercavam com especial dedicação e inexcedível solicitude. Dansava pouco, galanteava de raspão e conversava muito, com cavalheiros de todas as idades e senhoras de todo gosto e feitio, que lhe fizeram estafante interrogatório, especialmente sobre a vida de maranhenses que residiam, havia muitos anos, no Rio, e nunca mais voltaram ao Maranhão como só quase sempre acontecer. Fernando Caleça teve que fazer às moças casamenteiras uma crônica verbal, à guisa de palestra, dos últimos figurinos, das mais requintadas expressões de gosto no pentear e no calçar. A respeito das cinturas grossas e cinturas finas fez um folhetim que foi muito aparteado pelos mais bem aprumados e elegantes que se achavam nessa captivante reunião, justificada pelas suas numerosas relações na sociedade de São Luiz, muito parcimoniosa, pelo anno de 1764, em gestos dessa natureza. Comtudo, explicava-se facilmente o seu prestígio social. Ia pela casa dos 28 anos, e era sócio interessado da importante casa comercial de Rabello & Comp. de cujo escritório era chefe. Eis aí os dois elementos principais. Ajunte-se agora a sua sympathia pessoal e os dinheiros que

um português, seu tio, gerente de bancos e poderoso acionista de companhias, com muita miseria, lhe estava guardando, sem intenção alguma, quase inconsciente, e só porque era sovino. Em summa: Fernando Caleça, elegante, de boa estatura, sorridente, com uma juba le leão da moda, e attitudes discretas e passos e gestos bem medidos, estava, positivamente, no "carnet" de todas as moças bonitas de São Luiz!

Quem, de mau gosto e sem ambições, ali, não o queria para genro, para cunhado e para marido?

Segundo a praxe daquelle tempo, ao se apagarem as luzes da festa, quando as famílias começavam a sahir, às 2 da madrugada, os rapazes reuniram-se, a pouco e pouco, disfarçadamente, na vasta sala junto do bufet. E naquella noite, ficaram todos, até o dr. Ignácio Costa, médico de brilhante projeção e festejado poeta, que não pertencia á roda de Fernando Caleça, e que por motivos ignorados não sympathisava com elle.

Approximava-se a hora sagrada da bohemianismo, a hora das confissões reservadas, do mundanismo



Senhorita Mgnolia Gomes Pereira elemento destacado da cidade de Porto Franco, e seu irmãozinho Clovis

precarias das páginas profanas e das libações á farta.

Depois que longe rodaram os últimos carros e que desapareciam nas sombras das esquinas distantes os últimos palanquins, carregados pelos escravos, os criados do Club fecharam a porta e as janellas, apagaram os candelabros de prata dos salões da frente. Irrompia, então, já dentro o alarido de bohemia.

As casacas eram jogadas por cima das cadeiras, dos sofás, do parapeito das janellas, como uma coisa vexatoria dos membros e dos movimentos e expressões livres. Aregacavam-se mangas de camisa, arrancavam-se as gravatas impertinentes e os peitilhos lusídos, que obrigavam o tronco a uma pose irritante e o pescoço a uma desarticulação lenta e insinuante de uma compostura que fazia parte da boa educação, numa solemnidade que fazia de um rigorismo em tudo o seu alto grau de distinção.

Fernando Caleça foi o primeiro a desalinhavar-se. Como se ouvissem a palavra de ordem, todos o acompanharam, em ancas de liberdade.

Os criados começaram, então, o maior serviço daquela noite, conduzindo as salvas grandes cheias de copos e de gárrafas das mais variadas bebidas.

Os bohemios ocuparam as cadeiras em volta da mesa.

Uns fumavam cigarros e outros charutos. Médicos, bachareis, professores, jornalistas, engenheiros e guarda livros. Alegria esfusante. Pilnerias,



S. Benedicto, imagem venerada na cidade de Viana

chalaças, trocadilhos e risadas desmascaradas. Eram os comentários do baile que sahiam, cada qual mais picante e licencioso.

Fernando Caleça começou a falar das rodas bohemias que frequentava na metrópole, e das quais faziam parte muitos maranhenses. O mes citava, alguns ainda moços, já mais enciados dos que se achavam em volta da mesa. Então lembravam casos particulares porque alguns bohemios se haviam caracterizado aqui em São Luis, onde não podiam ser esquecidos, pois estavam na galeria dos grandes vultos da pagodeira, nas horas mortas, nos bairros esconhos onde se reuniam para tirar a máscara e viver em breves horas como desejavam viver sempre.

—Mas como estamos a recordar os faustos de nossa bohemia, eu guardei uma novidade para vocês, disse Fernando Caleça, depois de esvaziar um alentado cálice de absinthio.

Os bohemios fizeram silêncio. O príncipe ia falar.

—Será o diamante negro desta noite? perguntou o dr. Barradas, ao aproximar da boca um copo de cerveja.

E o Fernando, enxugando os lábios, num fino guarda uapo:

—Creio que sim.

Movimento de atenção.

—O nosso bem amigo e companheiro de bons dias, Rodolfo Ayres recebeu, em matrimônio, a exma sra. dona Vanda Vilela Bernardes de Souza, viúva do illustre e antigo magistrado Bernardes de Souza, uma das glórias da cultura jurídica do nosso Maranhão.

Os bohemios estremeceram.

Ouviram-se exclamações de todo geito, unas abafadas, outras bem sonoras. Ouviram-se phrases gaiatas, grotescas e breves conceitos navalhantes.

—Mas é possível? perguntou o dr. Gayoso, redactor do "Tempo".

—Tres meses antes de minha chegada ao Rio Foi uma das primeiras notícias que soube, numa reda de maranhenses.

—O Rodolfo Ayres! Coitado!

—Positivamente endoideceu!

—Discordo. Queim endoideceu foi a Vanda.

—O Rodolfo vai acabar tuberculoso e cardíaco, dentro de poucos annos, como acabou o dr. Bernardes, que, diga-se de passagem, era excellente criatura.

—Hemem de exemplarissima educação.

—De uma delicadesa verdadeiramente encantadora!

—E que servia a Vanda como um escravo que se sentisse bem com a sua escravidão.

precarias das páginas profanas e das libações á farta.

Depois que longe rodaram os últimos carros e que desapareciam nas sombras das esquinas distantes os últimos palanquins, carregados pelos escravos, os criados do Club fecharam a porta e as janellas, apagaram os candelabros de prata dos salões da frente. Irrompia, então, já dentro o alarido de bohemia.

As casacas eram jogadas por cima das cadeiras, dos sofás, do parapeito das janellas, como uma coisa vexatoria dos membros e dos movimentos e expressões livres. Aregacavam-se mangas de camisa, arrancavam-se as gravatas impertinentes e os peitilhos lusídos, que obrigavam o tronco a uma pose irritante e o pescoço a uma desarticulação lenta e insinuante de uma compostura que fazia parte da boa educação, numa solemnidade que fazia de um rigorismo em tudo o seu alto grau de distinção.

Fernando Caleça foi o primeiro a desalinhavar-se. Como se ouvissem a palavra de ordem, todos o acompanharam, em ancas de liberdade.

Os criados começaram, então, o maior serviço daquela noite, conduzindo as salvas grandes cheias de copos e de gárrafas das mais variadas bebidas.

Os bohemios ocuparam as cadeiras em volta da mesa.

Uns fumavam cigarros e outros charutos. Médicos, bachareis, professores, jornalistas, engenheiros e guarda livros. Alegria esfusante. Pilnérias,



S. Benedicto, imagem venerada na cidade de Viana

chalaças, trocadilhos e risadas desmanchadas. Eram os comentários do baile que sahiam, cada qual mais picante e licencioso.

Fernando Caleça começou a falar das rodas bohemias que frequentava na metrópole, e das quais faziam parte muitos maranhenses. O mes citava, alguns ainda moços, já mais encicidos dos que se achavam em volta da mesa. Então lembravam casos particulares porque alguns bohemios se haviam caracterizado aqui em São Luis, onde não podiam ser esquecidos, pois estavam na galeria dos grandes vultos da pagodeira, nas horas mortas, nos bairros esconhos onde se reuniam para tirar a máscara e viver em breves horas como desejavam viver sempre.

—Mas como estamos a recordar os faustos de nossa bohemia, eu guardei uma novidade para vocês, disse Fernando Caleça, depois de esvaziar um alentado cálice de absinthio.

Os bohemios fizeram silêncio. O príncipe ia falar.

—Será o diamante negro desta noite? perguntou o dr. Barradas, ao aproximar da boca um copo de cerveja.

E o Fernando, enxugando os lábios, num fino guarda uapo:

—Creio que sim.

Movimento de atenção.

—O nosso bem amigo e companheiro de bons dias, Rodolfo Ayres recebeu, em matrimônio, a exma sra. dona Vanda Vilela Bernardes de Souza, viúva do illustre e antigo magistrado Bernardes de Souza, uma das glórias da cultura jurídica do nosso Maranhão.

Os bohemios estremeceram.

Ouviram-se exclamações de todo geito, unas abafadas, outras bem sonoras. Ouviram-se phrases gaiatas, grotescas e breves conceitos navalhantes.

—Mas é possível? perguntou o dr. Gayoso, redactor do "Tempo".

—Tres meses antes de minha chegada ao Rio Foi uma das primeiras notícias que soube, numa roda de maranhenses.

—O Rodolpho Ayres! Coitado!

—Positivamente endoideceu!

—Discordo. Queim endoideceu foi a Vanda.

—O Rololpho vai acabar tuberculoso e cardíaco, dentro de poucos annos, como acabou o dr. Bernardes, que, diga-se de passagem, era excellente criatura.

—Hemem de exemplarissima educação.

—De uma delicadesa verdadeiramente encantadora!

—E que servia a Vanda como um escravo que se sentisse bem com a sua escravidão.

—E apesar disso aquelle homem soffreu o que o diabo engeitou no inferno !

—Havia dias que não almoçava, nem jantava.

—Pior ainda ! Encontrei-o por varias vezes mal vestido, atravessando como o desvalido as ruas desta cidade !

—Pobre do Rodolpho !

—Como todos vocês estão enganados : Ninguem acertou com a situação do casal, que vive num ambiente de paz e conforto. Visitei-o varias vezes, na Tijuca, numa casa luxuosa e querida. Um autentico e feliz ninho de amôr !

—É' posivel ! disseram muitas vozes ao mesmo tempo !

—Estás fazendo ironia !

—É' melhor contares o drama desse casal : exclama o dr. Casaes, um dos grandes clinicos de São Luiz.

—Dirás melhor, o inferno desse casal ! O Calvario do Rodolpho !

—Ou melhor, de mais uma victim da Vanda !

—Todos estão errados ! affirmou, convencidamente, o Fernando, baforando a fumaça de um havana legitimo.

—Então, devenda esse mysterio !

—Ou essa feiticaria !

—Nem mysterio, nem feiticaria. O caso, estudei-o bem.

—Vamos a isso !

—A Vanda está casada com um homem, que é de facto, um ceraão generoso e bom, mas que é estupido e grosstero, como ninguem. Vocês o conhecem tão bem quanto eu ! Com as mulheres, então, não tem mãos a medir ! Vocês sabem a surra que ele deu naquella Rittinha, do Becco-Escuro; do escandalo que fez num baile, em S. Pantaleão, com a Santoca, que por um triz voltou nua para casa ! O Rodolfo é um homem risrido, de poucas palavras, e quando fala a uma mulher de sua estima, não pede, — manda, ordena, intima, e não aceita replicas. Como vêm, do dr. Bernardes ao Rodolfo Ayres — um abysmo ! Vanda, mulher culta e bonita, tem, infelizmente, traços bem pronunciados de um complexo de inferioridade. A delicadeza não a captiva. As bôas maneiras não a seduzem, os gestos de distinção, não a persuadem ! Esses predicados elle não desconhece sem um sorriso de mofa, sem um olhar zimbeteiro !

O dr. Bernardes vivia para adora-la, para lhe adivinhar os pensamentos, para lhe satisfazer todos os caprichos e para se dobrar a todas as suas vontades. Vanda abominava a sua conducta. Aborrecia-se com as suas plumas de delicadeza, eu antes com a sua subserviencia sem termos, subserviencia que elle cuidava ser a melhor forma de agradar uma mulher.

E tornou-se insupportavel ! Essa uniformida-



Aci Cavalcante a quem ATHENAS rende esta expressiva homenagem a seus merecimentos de applicado alumno do Collegio Anglo Americano, acaba de chegar do Rio, para suas ferias em Recife, tendo, brilhantemente, concluido o quarto anno secundario, naquelle educandario, onde conquistou, ainda, a medalha de ouro de sua classe, pelos resultados de suas notas distintas. Aci Cavalcante é justo orgulho de seus extremecidos paes o Tenente-coronel Flavio Bezerra Cavalcante, commandante do 24 B/C e de sua dignissima esposa d. Alice Cantinho Cavalcante, aos quaes enviamos nossos parabens e respeitosos saudares

vel na adulação irritava o temperamento e os sentimentos de Vanda. Ora, ella encontrou no nosso Rodolfo o homem que era desejado pelos seus nervos. Porque estima-la é contraria-la ! Repelir-lhe os pedidos, é provocar-lhe es assaltos da paixão ! Dizer-lhe palavras asperas, palavras duras, é incentiva-la ao amôr.

Parece um paradoxo o que lhes digo, mas é a verdade ! Vanda não me tolerava, quando moça. Evitava-me e dizia ás suas amigas que era uma criatura ridicula. Mas desde uma noite que eu aachei um meio de, silenciosamente, a humilhar, num baile na casa do coronel Paiva, onde ella irradiava cheia-de beleza, passou a tratar-me bem.

—É' curioso ! exclamou o Inacio Costa.

—Curioso e original, continuou Fernando Calleja, ufano de suas observações. E mudando de tom :

—A brutalidade do Rodolfo é um estímulo para

—E apesar disso aquelle homem soffreu o que o diabo engeitou no inferno !

—Havia dias que não almoçava, nem jantava.

—Pior ainda ! Encontrei-o por varias vezes mal vestido, atravessando como o desvalido as ruas desta cidade !

—Pobre do Rodolpho !

—Como todos vocês estão enganados : Ninguem acertou com a situação do casal, que vive num ambiente de paz e conforto. Visitei-o varias vezes, na Tijuca, numa casa luxuosa e querida. Um autentico e feliz ninho de amôr !

—E' posivel ! disseram muitas vozes ao mesmo tempo !

—Estás fazendo ironia !

—E' melhor contares o drama desse casal : exclama o dr. Casaes, um dos grandes clinicos de São Luiz.

—Dirás melhor, o inferno desse casal ! O Calvario do Rodolpho !

—Ou melhor, de mais uma victim da Vanda !

—Todos estão errados ! affirmou, convencidamente, o Fernando, baforando a fumaça de um havana legitimo.

—Então, devenda esse mysterio !

—Ou essa feiticaria !

—Nem mysterio, nem feiticaria. O caso, estudei-o bem.

—Vamos a isso !

—A Vanda está casada com um homem, que é de facto, um ceraão generoso e bom, mas que é estupido e grosstero, como ninguem. Vocês o conhecem tão bem quanto eu ! Com as mulheres, então, não tem mãos a medir ! Vocês sabem a surra que ele deu naquella Rittinha, do Becco-Escuro; do escandalo que fez num baile, em S. Pantaleão, com a Santoca, que por um triz voltou nua para casa ! O Rodolfo é um homem risrido, de poucas palavras, e quando fala a uma mulher de sua estima, não pede, — manda, ordena, intima, e não aceita replicas. Como vêm, do dr. Bernardes ao Rodolfo Ayres — um abysmo ! Vanda, mulher culta e bonita, tem, infelizmente, traços bem pronunciados de um complexo de inferioridade. A delicadeza não a captiva. As bôas maneiras não a seduzem, os gestos de distinção, não a persuadem ! Esses predicados elle não desconhece sem um sorriso de mofa, sem um olhar zimbeteiro !

O dr. Bernardes vivia para adora-la, para lhe adivinhar os pensamentos, para lhe satisfazer todos os caprichos e para se dobrar a todas as suas vontades. Vanda abominava a sua conducta. Aborrecia-se com as suas plumas de delicadeza, eu antes com a sua subserviencia sem termos, subserviencia que elle cuidava ser a melhor forma de agradar uma mulher.

E tornou-se insupportavel ! Essa uniformida-



Aci Cavalcante a quem ATHENAS rende esta expressiva homenagem a seus merecimentos de applicado alumno do Collegio Anglo Americano, acaba de chegar do Rio, para suas ferias em Recife, tendo, brilhantemente, concluido o quarto anno secundario, naquelle educandario, onde conquistou, ainda, a medalha de ouro de sua classe, pelos resultados de suas notas distintas. Aci Cavalcante é justo orgulho de seus extremecidos paes o Tenente-coronel Flavio Bezerra Cavalcante, commandante do 24 B/C e de sua dignissima esposa d. Alice Cantinho Cavalcante, aos quaes enviamos nossos parabens e respeitosos saudares

vel na adulacao irritava o temperamento e os sentimentos de Vanda. Ora, ella encontrou no nosso Rodolfo o homem que era desejado pelos seus nervos. Porque estima-la é contraria-la ! Repelir-lhe os pedidos, é provocar-lhe es assaltos da paixão ! Dizer-lhe palavras asperas, palavras duras, é incentiva-la ao amôr.

Parece um paradoxo o que lhes digo, mas é a verdade ! Vanda não me tolerava, quando moça. Evitava-me e dizia ás suas amigas que era uma criatura ridicula. Mas desde uma noite que eu achei um meio de, silenciosamente, a humilhar, num baile na casa do coronel Paiva, onde ella irradiava cheia-de beleza, passou a tratar-me bem.

—E' curioso ! exclamou o Inacio Costa.

—Curioso e original, continuou Fernando Calleja, ufano de suas observações. E mudando de tom :

—A brutalidade do Rodolfo é um estímulo para

Vanda. Conversando com Rodolfo, em sua presença, na sua sala de jantar, notou que ella prestava acurada atenção a todas as brutalidades de que elle se gabava haver praticado. Li na sua physionomia o grande prazer que sentia ouvindo-lhe os casos de grosseria. Vocês sabem que elle os conta, com a mais ingenua simplicidade.

E depois:

—Não sei se sabem que ha homens que manifestam a sua sensualidade, a dentadas a murros, com todas as violencias que forem possiveis no leito nupcial.

Os bahemios já sob a acção do alcool siltavam gargalhadas e berros que rasgavam o silencio da noite.

E Fernando Caleça sorrindo:

Nada de mais. Há homens que quando noivos fazem idilios ao luar com as suas amadas. Cochicham a um canto da sala phrases perfumadas que ninguem ouve. Prodigalizam as suas eleitas caricias que provocam extases espirituais. Mas tambem ha homens que passam o noivado altecando com

ellas. São pequenas desavenças que nascem do instinto sexual e que augmentam a intensidade da corrente amorosa. O homem se sente bem com esses amores que aliás são ephemeros. A mulher intimamente se reféstela com o breve afastamento gerado pelas discordias, e frue, em silencio, indivisivel bem estar.

E assim, no dia em que ambos se procuram com os olhos humidos de desejos sopitados, é grande o impeto com que se lançam, um dos braços do outro. Parece que adquiriram novas energias, e que descobriram, um no outro, novos atrativos. Pois bem, a brutalidade é o outro lado da medalha.

E não tenham duvida em acreditar que mulheres como Vanda se sentem bem com brutalidade do homem que se lhe approxima, fascinado pelos seus encantos. Daí a harmonia que eu encontrei no lar do nosso querido Rodolfo...

—...Que, todavia, procuraste... talvez porque não cuidavas que a sua brutalidade fosse completa, integral... acrescenta Ignacio Costa, com um ar escarninho e com o copo de cerveja que estava bebendo suspenso na mão esquerda.

—Não comprehendí, e é muito dificil eu não comprehender a palavra de um homem, especialmente quando esse homem é um eleito das musas.

—Não falei linguagem estrangeira. Expresso-me sempre num vernaculo domestico...

—Mas eu confesso que não te comprehendi. Não se pode duvidar da palavra de um homem que se confessa mediocre...

—...Quando a mediocridade que elle alega, de verdade, existe... Em caso contrario, não !

—Mas a minha mediocridade é conhecida de todos desta mesa !

—Oh ! Principe ! exclamou o poeta-medico.

—Oh Principe ! exclamaram todos.

—Diante de uma das figuras mais brilhantes da intellectualidade lo Maranhão dehoje; de um medico illustre, como o dr. Ignacio Costa, que vallo eu, mero contador das patacas que os portugueses ganham na Praia Grande ?

Ignacio Costa, sentindo acúleo de um subtil eufemismo:

—Poesia, meu querido Fernando, é synonimo de sensibilidade, de delicadeza, de sentimento refinados. Graças a Deus, sou poeta e porque sou, nunca me approximei de Vanda. Não me podia sentir atraido pela beleza de Vanda. Sempre vislumbrei nas suas expressões somaticas e moraes alguma coisa que eu repelia sem saber por que... Comtigo deu-se o contrario. Descobriste o segredo de seu temperamento. Experimentaste-a no baile no coronel Paiva. Cultivaste a sua estima. Tiveste meios de te fazer seu íntimo e depois que

(Continua na pagina V).



Hoje mais do que nunca elegancia é factor indispensavel ao exito social.

A elegancia é uma arte! E, como toda a arte tem o segredo. E' por isso que os elegantes nunca dispensam uma camisa EXITO confeccionada pela A EXPOZICAO

Vanda. Conversando com Rodolfo, em sua presença, na sua sala de jantar, notou que ella prestava acurada atenção a todas as brutalidades de que elle se gabava haver praticado. Li na sua physionomia o grande prazer que sentia ouvindo-lhe os casos de grosseria. Vocês sabem que elle os conta, com a mais ingenua simplicidade.

E depois:

—Não sei se sabem que ha homens que manifestam a sua sensualidade, a dentadas a murros, com todas as violencias que forem possiveis no leito nupcial.

Os bahemios já sob a acção do alcool siltavam gargalhadas e berros que rasgavam o silencio da noite.

E Fernando Caleça sorrindo:

Nada de mais. Há homens que quando noivos fazem idilios ao luar com as suas amadas. Cochicham a um canto da sala phrases perfumadas que ninguem ouve. Prodigalizam as suas eleitas caricias que provocam extases espirituais. Mas tambem ha homens que passam o noivado altecando com

ellas. São pequenas desavenças que nascem do instinto sexual e que augmentam a intensidade da corrente amorosa. O homem se sente bem com esses amores que aliás são ephemeros. A mulher intimamente se reféstela com o breve afastamento gerado pelas discordias, e frue, em silencio, indivisivel bem estar.

E assim, no dia em que ambos se procuram com os olhos humidos de desejos sopitados, é grande o impeto com que se lançam, um dos braços do outro. Parece que adquiriram novas energias, e que descobriram, um no outro, novos atrativos. Pois bem, a brutalidade é o outro lado da medalha.

E não tenham duvida em acreditar que mulheres como Vanda se sentem bem com brutalidade do homem que se lhe approxima, fascinado pelos seus encantos. Daí a harmonia que eu encontrei no lar do nosso querido Rodolfo...

—...Que, todavia, procuraste... talvez porque não cuidavas que a sua brutalidade fosse completa, integral... acrescenta Ignacio Costa, com um ar escarninho e com o copo de cerveja que estava bebendo suspenso na mão esquerda.

—Não comprehendi, e é muito dificil eu não comprehender a palavra de um homem, especialmente quando esse homem é um eleito das musas.

—Não falei linguagem estrangeira. Expresso-me sempre num vernaculo domestico...

—Mas eu confesso que não te comprehendi. Não se pode duvidar da palavra de um homem que se confessa mediocre...

—...Quando a mediocridade que elle alega, de verdade, existe... Em caso contrario, não !

—Mas a minha mediocridade é conhecida de todos desta mesa !

—Oh ! Principe ! exclamou o poeta-medico.

—Oh Principe ! exclamaram todos.

—Diante de uma das figuras mais brilhantes da intellectualidade lo Maranhão dehoje; de um medico illustre, como o dr. Ignacio Costa, que valho eu, mero contador das patacas que os portugueses ganham na Praia Grande ?

Ignacio Costa, sentindo acúleo de um subtil eufemismo:

—Poesia, meu querido Fernando, é synonimo de sensibilidade, de delicadeza, de sentimento refinados. Graças a Deus, sou poeta e porque sou, nunca me approximei de Vanda. Não me podia sentir atraido pela beleza de Vanda. Sempre vislumbrei nas suas expressões somaticas e moraes alguma coisa que eu repelia sem saber por que... Comtigo deu-se o contrario. Descobriste o segredo de seu temperamento. Experimentaste-a no baile no coronel Paiva. Cultivaste a sua estima. Tiveste meios de te fazer seu íntimo e depois que

(Continua na pagina V).

A EXPOZICAO



Hoje mais do que nunca elegancia é factor indispensavel ao exito social.

A elegancia é uma arte! E, como toda a arte tem o segredo. E' por isso que os elegantes nunca dispensam uma camisa EXITO confeccionada pela A EXPOZICAO

PERIÓDICO
DO AÇAO

437

16/07/1941

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

1.º DE JANEIRO DE 1941

NUM. 24

NASCIMENTO MORAES

UM ASPECTO DA LITERATURA SERTANEJA

Lampeão já está na galeria dos heróes sertanejos. A sua personalidade singular está a despírse, a pouco e pouco, de sua ferocidade apavorante. Se a pouco e pouco, de sua ferocidade apavorante. Perde, a mais e mais, as sombras mestas que a envolviam e que o precediam por toda parte, e levaram o terror e o panico a todas as localidades indefesas. Lampeão começa a dar os seus primeiros passos no mysterioso paiz das lendas. À sua figura de bandido não inspira mais aquellas comomoções tremendas que precedem a morte, aquellas afflícões delirantes que enlouqueciam as mães que sabiam que elle com a sua gente se approximavam de seus lares pobres e desprotegidos; que faziam tremer de odio e indignação os maridos que zelavam por suas esposas amantíssimas, e que enchia de estranha alegria a cabroeira sem eira nem beira, que, como mulambos humanos, rola pelas serras e serrotas dos nossos sertões despoliciaidos, roubando e matando para comer e vestir.

Lampeão começa a avultar na imaginativa dessas populações estagnadas, corroidas pelo analphabetismo e enervadas pelo alcool, dominadas pelas mais baixas ambições e pelos mais sordidos desejos. As mais recentes narrativas de seus feitos, já o apresentam com uma indumentaria apreciavel. Puzeram-lhe nos labios um sorriso de amargura, no olhar uma expressão de piedade, e por vezes, de compaixão. Quando torna o trabuco homicida é para vingar a morte de um desgraçado que

foi trucidado por um poderoso, ou para afugentar de um povoado a justiça macabra de um agente da policia civil. Agora, quando se desarticula com o seu bando, que entôa a sinistra marcha de guerra, é para soccorrer o poviléo faminto e nú, é para lhe dar alguns dias de fartura, de alegria e esperanças fugidias. E velhas e velhos tropegos e crianças flageladas por endemias locaes abraçam-se ao capitão Virgolino que a todos prodigalisa benefícios que são agradecidos com abundantes lagrimas e bençãos.

Aquella sua vida, pontilhada de crimes horripilantes quase desapareceu por entre as brumas da immensa saudade que deixou entre os seus protegidos e dedicados amigos, a quem devotadamente servia, com o perigo de sua vida e da vida de seus companheiros.

O sertão tem os seus poetas, os seus novelistas, os seus historiadores. Não figuram nos compendios de literatura, nas chronicas que ilustram as paginas dos nossos jornaes e das nossas revistas. Os seus livros não sahem das nossas afamadas casas editoras, pelo que, presumo que os literatos propriamente ditos sertanejos têm as suas typographias, pobres como elles, pois não publicam livros, mas folhetos mal impressos, de papel de má qualidade, que parecem cadernos de taverneiros, com uma capa de papel de cér, pior do que esses que as nossas livrarias vendem para embrul-

PERIÓDICO
DO AC&O

437

16/07/91

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

1.º DE JANEIRO DE 1941

NUM. 24

NASCIMENTO MORAES

UM ASPECTO DA LITERATURA SERTANEJA

Lampeão já está na galeria dos heróes sertanejos. A sua personalidade singular está a despír-se, a pouco e pouco, de sua ferocidade apavorante. se a pouco e pouco, de sua ferocidade apavorante. Perde, a mais e mais, as sombras mestas que a envolviam e que o precediam por toda parte, e levaram o terror e o panico a todas as localidades indefesas. Lampeão começa a dar os seus primeiros passos no mysterioso paiz das lendas. À sua figura de bandido não inspira mais aquellas comomoções tremendas que precedem a morte, aquellas afflícões delirantes que enlouqueciam as mães que sabiam que elle com a sua gente se approximavam de seus lares pobres e desprotegidos; que faziam tremer de odio e indignação os maridos que zelavam por suas esposas amantíssimas, e que enchia de estranha alegria a cabroeira sem eira nem beira, que, como mulambos humanos, rola pelas serras e serrotas dos nossos sertões despoliciaidos, roubando e matando para comer e vestir.

Lampeão começa a avultar na imaginativa dessas populações estagnadas, corroidas pelo analphabetismo e enervadas pelo alcool, dominadas pelas mais baixas ambições e pelos mais sordidos desejos. As mais recentes narrativas de seus feitos, já o apresentam com uma indumentaria apreciavel. Puzeram-lhe nos labios um sorriso de amargura, no olhar uma expressão de piedade, e por vezes, de compaixão. Quando toma o trabuco homicida é para vingar a morte de um desgraçado que

foi trucidado por um poderoso, ou para afugentar de um povoado a justiça macabra de um agente da policia civil. Agora, quando se desarticula com o seu bando, que entôa a sinistra marcha de guerra, é para soccorrer o poviléo faminto e nú, é para lhe dar alguns dias de fartura, de alegria e esperanças fugidias. E velhas e velhos tropegos e crianças flageladas por endemias locaes abraçam-se ao capitão Virgolino que a todos prodigalisa benefícios que são agradecidos com abundantes lagrimas e bençãos.

Aquella sua vida, pontilhada de crimes horribilantes quase desapareceu por entre as brumas da immensa saudade que deixou entre os seus protegidos e dedicados amigos, a quem devotadamente servia, com o perigo de sua vida e da vida de seus companheiros.

O sertão tem os seus poetas, os seus novelistas, os seus historiadores. Não figuram nos compendios de literatura, nas chronicas que ilustram as paginas dos nossos jornaes e das nossas revistas. Os seus livros não sahem das nossas afamadas casas editoras, pelo que, presumo que os literatos propriamente ditos sertanejos têm as suas typographias, pobres como elles, pois não publicam livros, mas folhetos mal impressos, de papel de má qualidade, que parecem cadernos de taverneiros, com uma capa de papel de cér, pior do que esses que as nossas livrarias vendem para embrul-



Nossa Senhora da Conceição, da Cidade de Viana, padroeira da formosa terra de Celso Magalhães, no seu andor enfeitado e cheio de iluminarias festivas

lhos e capas de livros. Os que me tem sido oferecidos por confrades que não conheço, porque não visitam cidades e passam a vida toda nessas invias paragens, onde não chega o mar, são todos de poucas páginas, no máximo, quarenta. Nesses folhetos é que encontro as "grandes epopeias sertanejas", conforme a expressão de um dos mais lidímos representantes dessa literatura, sobremaneira original. São relatos na sua maioria em versos de sete syllabas, e, às vezes, em prosa, sobre grandes criminosos que têm devastado o sertão brasileiro, chefiando hordas de bandoleiros que lhes prestam obediencia e respeito, e vivem á sombra de sua fama.

Nesses relatos, os poetas sublimam as acções dos criminosos, admiram a violencia de seus instintos, que lhes parecem sentimentos nobres, e justificam todas as atrocidades como que têm marcado a trajectoria de sua existencia. Nesses folhetos a lei aparece sempre com um espantalho tremendo, porque as autoridades civis a deturparem, a corrompem e fazem della torpe instrumento de suas vinganças. Os proprietarios de latifundiós, porque exploram os trabalhadores ruraes, porque tratam a chicote os seus servidores, são os poderosos protegidos pelos tenentes e sargentos

de polícia, commandantes dos destacamentos da força estadual, que comem, bebem e dormem nos seus solares como se fossem seus empregados.

Um **Varella**, por exemplo, que assaltou fazendas, que esfaqueou policias, e de tocaia, matou cobradores de casas commerciaes apparece nas páginas tremendas desses poetas, como um raio de Providencia Divina, a vingança de Deus, a justiça do tempo.

Esses poetas, que aliás não forciam a estrophe, e escrevem versos admiraveis, pela cadencia e encantadora simplesa, d que nos dão a impressão forte de que não conhecem outra linguagem, com a vehemencia de suas estrophes, com o enlevo com que tratam os seus heroes, criam sem o saber uma moral especial, que deve ser a moral da sociedade embrionaria em que vivem. Esses poetas, que são numerosos, podem ser considerados como os educadores de nossa gente nesses invios sertões, onde vivem entregues a si mesmos, e, ao que me parece, sem a menor noção da unidade nacional, inteiramente desintegrados da communhão brasileira.

Os conceitos que exaram sobre a conducta dos seus heróes causam pasmo e estarrecem o espirito de quem os lê pela primeira vez. Os prosadores escarneçem de tudo que causa lastima dentro de uma sociedade de individuos educados. Contam com ar senhoril de quem apresenta casos que fazem júis á admiração, negros episódios que revoltam os corações bem formados. Comprehendem-



Sr. Antenor Magalhães Amaral, collector federal no Municipio de Pedreiras, elemento destacado daquela cidade maranhense, do Alto Mearim



Nossa Senhora da Conceição, da Cidade de Viana, padroeira da formosa terra de Celso Magalhães, no seu andor enfeitado e cheio de iluminarias festivas

lhos e capas de livros. Os que me teem sido oferecidos por confrades que não conheço, porque não visitam cidades e passam a vida toda nessas invias paragens, onde não chega o mar, são todos de poucas paginas, no maxímo, quarenta. Nesses folhetos é que encontro as "grandes epopeias sertanejas", conforme a expressão de um dos mais lidímos representantes dessa literatura, sobremainha original. São relatos na sua maioria em versos de sete syllabas, e, ás vezes, em prosa, sobre grandes criminosos que têm devastado o sertão brasileiro, chefiando hordas de bandoleiros que lhes prestam obediencia e respeito, e vivem á sombra de sua fama.

Nesses relatos, os poetas sublimam as acções dos criminosos, admiram a violencia de seus instintos, que lhes parecem sentimentos nobres, e justificam todas as atrocidades como que têm marcado a trajectoria de sua existencia. Nesses folhetos a lei aparece sempre com um espantalho tremendo, porque as autoridades civis a deturparem, a corrompem e fazem della torpe instrumento de suas vinganças. Os proprietarios de latifundiós, porque exploram os trabalhadores ruraes, porque tratam a chicote os seus servidores, são os poderosos protegidos pelos tenentes e sargentos

de policia, commandantes dos destacamentos da força estadual, que comem, bebem e dormem nos seus solares como se fossem seus empregados.

Um **Varella**, por exemplo, que assaltou fazendas, que esfaqueou policias, e de tocaia, matou cobradores de casas commerciaes apparece nas páginas tremendas desses poetas, como um raio de Providencia Divina, a vingança de Deus, a justiça do tempo.

Esses poetas, que aliás não forciam a estrophe, e escrevem versos admiraveis, pela cadencia e encantadora simplesa, d que nos dão a impressão forte de que não conhecem outra linguagem, com a vehemencia de suas estrophes, com o enlevo com que tratam os seus heroes, criam sem o saber uma moral especial, que deve ser a moral da sociedade embrionaria em que vivem. Esses poetas, que são numerosos, podem ser considerados como os educadores de nossa gente nesses invios sertões, onde vivem entregues a si mesmos, e, ao que me parece, sem a menor noção da unidade nacional, inteiramente desintegrados da communhão brasileira.

Os conceitos que exaram sobre a conducta dos seus heróes causam pasmo e estarrecem o espirito de quem os lê pela primeira vez. Os prosadores escarneçem de tudo que causa lastima dentro de uma sociedade de individuos educados. Contam com ar senhoril de quem apresenta casos que fazem júis á admiração, negros episódios que revoltam os corações bem formados. Comprehendem-



Sr. Antenor Magalhães Amaral, collector federal no Municipio de Pedreiras, elemento destacado daquella cidade maranhense, do Alto Mearim



Na Suécia as mulheres formam batalhões à feição dos batalhões de homens e marcham para a defesa da pátria

e que os processos da vida social e política desses nucleos sertanejos, onde é outra a compreensão da justiça, da honra e da dignidade, são derivados de outras fontes, tem origens que permitem de ser estudadas pelos nossos sociólogos. Ali, parece que foi grande na formação dos nucleos um elemento indigená muito atrasado. Ali, ainda um elemento indigena mais adiantado. Aqui um elemento negro, puro. Ali, ainda o elemento negro, mas sensivelmente misturado com o elemento branco de íntima qualidade. Descobre-se, também, lendo essa literatura *sui-generis*, a baixa entalidade das autoridades locaes, de fazendeiros e criadores, que defendem os seus interesses mão armada, e dos que por essas paragens fanno do furtô um decidido elemento de sua prosperidade.

Esses folhetos correm, abundantemente, por todo o sertão. São lidos, avidamente, nos campos, nas herdades, nas fazendas. Os famulos, ás, reunem-se em torno das famílias de seus nhores para ouvir a leitura dessas epopéias. Reúnem-se, religioso silêncio, na varanda, apenas perturbado pelo café que de vez em quando é servido.

Nessas ocasiões, então, o mais sabido do grupo faz comentários a respeito, colorindo a nar-

rativa, ilustrando-a com aspectos particularíssimos de scenas, que escaparam ao talento do poeta ou do prosador.

E assim, forma-se nessas invias paragens, uma intellectualidade que o Brasil Mental não conhece, uma moral regionalíssima, um caráter que aberra daquela que se encontra delineado nos compendios de psychologia e nos nossos livrinhos de instrucção moral.

Começam agora a aparecer os commentadores sertanejos de Lampeão. Os seus panegiricadores surgem leoninos na tribuna sertaneja.

Incontestavelmente, é um dos perfis mais bem caracterizados. É uma das vocações mais bem pronunciadas do banditismo. Sua vida, estudada por um homem de genio, certo que o collocará no mais elevado plano de banditismo internacional. E esse banditismo synthetiza a moral dos nossos poetas e prosadores sertanejos, que me enviam os seus folhetos, como legitimos representantes da literatura nacional. Elles vivem a sua vida, dentro do mundo que lhes pertence pelo direito de conquista, que ninguém lhes pode tirar, senão o go-



Na Suécia as mulheres formam batalhões à feição dos batalhões de homens e marcham para a defesa da pátria

e que os processos da vida social e política desses nucleos sertanejos, onde é outra a compreensão da justiça, da honra e da dignidade, são derivados de outras fontes, tem origens que permitem de ser estudadas pelos nossos sociólogos. Aqui, parece que foi grande na formação dos nucleos um elemento indigená muito atrasado. Ali, ainda um elemento indigena mais adiantado. Aqui um elemento negro, puro. Ali, ainda o elemento negro, mas sensivelmente misturado com o elemento branco de íntima qualidade. Descobre-se, também, lendo essa literatura *sui-generis*, a baixa entalidade das autoridades locaes, de fazendeiros e criadores, que defendem os seus interesses mão armada, e dos que por essas paragens fanno do furtô um decidido elemento de sua prosperidade.

Esses folhetos correm, abundantemente, por todo o sertão. São lidos, avidamente, nos campos, nas herdades, nas fazendas. Os famulos, ás, reunem-se em torno das famílias de seus nhores para ouvir a leitura dessas epopéias. Reúnem-se, religioso silêncio, na varanda, apenas perturbado pelo café que de vez em quando é servido.

Nessas ocasiões, então, o mais sabido do grupo faz comentários a respeito, colorindo a nar-

rativa, ilustrando-a com aspectos particularíssimos de scenas, que escaparam ao talento do poeta ou do prosador.

E assim, forma-se nessas invias paragens, uma intellectualidade que o Brasil Mental não conhece, uma moral regionalíssima, um caráter que aberra daquela que se encontra delineado nos compendios de psychologia e nos nossos livrinhos de instrucção moral.

Começam agora a aparecer os commentadores sertanejos de Lampeão. Os seus panegiricadores surgem leoninos na tribuna sertaneja.

Incontestavelmente, é um dos perfis mais bem caracterizados. É uma das vocações mais bem pronunciadas do banditismo. Sua vida, estudada por um homem de genio, certo que o collocará no mais elevado plano de banditismo internacional. E esse banditismo synthetiza a moral dos nossos poetas e prosadores sertanejos, que me enviam os seus folhetos, como legitimos representantes da literatura nacional. Elles vivem a sua vida, dentro do mundo que lhes pertence pelo direito de conquista, que ninguém lhes pode tirar, senão o go-

verno quando solucionar definitivamente o problema da educação nacional.

E' estranhavel que os nossos romancistas regionalistas ainda não estudassem essa literatura de folhetos que percorre o sertão, alimentando o banditismo, robustecendo uma mentalidade extravagante que tece lôas ao crime e coloca num trono os facinoras.

E' de admirar que esses literatos sertanejos ainda não tenham sido apanhados pela objectiva desses talentosos e brilhantes observadores da vida de nossa gente que forma um mundo á parte dentro do Brasil e que se oppõem pelas suas convicções arraigadas ás victorias da Civilização e á integridade moral e intellectual de nossa nacionalidade.

Esses folhetos dos nossos confrades sertanejos, que vivem gostosamente, dentro de um ambiente, que classificamos de nocivo, porque é um ambiente onde o crime floresce, dominado pelos mais negros instintos, pelas mais sordidas paixões, á falta dos principios salutares de uma systematização educacional, esses folhetos lidos com attenção revelam um aspecto de nossa nacionalidade e são um dos mais importantes expoentes que podem contribuir para a formação da sociologia brasileira. São paginas toscas, escriptas com sinceridade,

dade, impregnadas das mais vivas impressões de uma sociedade vinculada a todas as desordens, a todas as aberrações da razão, ás depravações de todos os sentimentos criadores. São paginas em que as feras são apresentadas com as molduras de santos e de apostolos. Os maus e perversos são apontados como forças providenciaes. Para esses elementos sociaes o Brasil não existe na sua verdadeira expressão de Estado e os dirigentes do Estado são perfilados como energias destruidoras das populações, como factores que contribuem para a fome e a miseria que lavram dentro delles.

Esses folhetos para os politicos, para os sociologos e homens de letras devem ter uma importancia capital.

Acabo de ler, de Antonio Arraiz, escriptor espanhol, um livro extraordinario, **Puros Hombres**.

Na **Advertencia**, elle diz:

"Este é um livro brutal que se desenrola num ambiente sordido e violento, entre personagens primitivos. Senti tanto escrupulo em escrever muitas de suas scenas, como ardorosa tristeza no dia em que as vi". Bastante vacilei em faze-lo.

Produziram-me, seguramente, o mesmo desagrado que experimentará quem as lêr".

Incontestavelmente, **Puros Hombres** é um livro em que se encontram estampadas as coisas mais sordidas deste mundo, mas por isso mesmo mostra o fundo negro de uma sociedade brilhante, o tartu-



O gazogenio está sendo utilizado no Brasil. O pais que mais applica o gazogenio é a Suecia, que não possue petroleo, nem meios de obtel-o facilmente. Hoje, até os omnibus de Stockholm são movidos a gazogenio. Os carros de luxo tambem usam gazogenio. No "cliché" vemos uma elegante moça de Stockholm dando pressão ao seu carro

verno quando solucionar definitivamente o problema da educação nacional.

E' estranhavel que os nossos romancistas regionalistas ainda não estudassem essa literatura de folhetos que percorre o sertão, alimentando o banditismo, robustecendo uma mentalidade extravagante que tece lôas ao crime e coloca num trono os facinoras.

E' de admirar que esses literatos sertanejos ainda não tenham sido apanhados pela objectiva desses talentosos e brilhantes observadores da vida de nossa gente que forma um mundo á parte dentro do Brasil e que se oppõem pelas suas convicções arraigadas ás victorias da Civilização e á integridade moral e intellectual de nossa nacionalidade.

Esses folhetos dos nossos confrades sertanejos, que vivem gostosamente, dentro de um ambiente, que classificamos de nocivo, porque é um ambiente onde o crime floresce, dominado pelos mais negros instintos, pelas mais sordidas paixões, á falta dos principios salutares de uma systematização educacional, esses folhetos lidos com attenção revelam um aspecto de nossa nacionalidade e são um dos mais importantes expoentes que podem contribuir para a formação da sociologia brasileira. São paginas toscas, escriptas com sinceridade,

dade, impregnadas das mais vivas impressões de uma sociedade vinculada a todas as desordens, a todas as aberrações da razão, ás depravações de todos os sentimentos criadores. São paginas em que as feras são apresentadas com as molduras de santos e de apostolos. Os maus e perversos são apontados como forças providenciaes. Para esses elementos sociaes o Brasil não existe na sua verdadeira expressão de Estado e os dirigentes do Estado são perfilados como energias destruidoras das populações, como factores que contribuem para a fome e a miseria que lavram dentro delles.

Esses folhetos para os politicos, para os sociologos e homens de letras devem ter uma importancia capital.

Acabo de ler, de Antonio Arraiz, escriptor espanhol, um livro extraordinario, **Puros Hombres**.

Na **Advertencia**, elle diz:

"Este é um livro brutal que se desenrola num ambiente sordido e violento, entre personagens primitivos. Senti tanto escrupulo em escrever muitas de suas scenas, como ardorosa tristeza no dia em que as vi". Bastante vacilei em faze-lo.

Produziram-me, seguramente, o mesmo desagrado que experimentará quem as lêr".

Incontestavelmente, **Puros Hombres** é um livro em que se encontram estampadas as coisas mais sordidas deste mundo, mas por isso mesmo mostra o fundo negro de uma sociedade brilhante, o tartu-

O gazogenio está sendo utilizado no Brasil. O pais que mais applica o gazogenio é a Suecia, que não possue petroleo, nem meios de obtel-o facilmente. Hoje, até os omnibus de Stockholm são movidos a gazogenio. Os carros de luxo tambem usam gazogenio. No "cliché" vemos uma elegante moça de Stockholm dando pressão ao seu carro



VISÃO NOCTURNA

DEIXO O LIVRO DE NOVO. IMPOSSIVEL, RELELO.
 A MINHA INQUIETAÇÃO DORME BEM POUCO.. ENTANTO
 NELLE ESPLENDE A BELLEZA EM VERSOS D'OIRO; O SELLO
 DO GENIO NELLE POZ MARAVILHOSO ENCANTO.

A JANELLA ABRO ENTÃO SOBRE A NOITE. LEVANTO
 OS OLHOS PARA O CEU, EM DOLOROSO APPELLO,
 E DIVISO NO CEU, TOMADOS DE QUEBRANTO,
 VAGOS, ALDEBARAN... SIRIUS... O SETESTRELLO...

CAE DE LEVE A NEBLINA.ERRA SILENTE A BRISA.
 DO OPULENTO ARVOREDO OS GALHOS ONDULANTES
 ENTREMOSTRAM-SE AGORA UMA COISA IMPRECISA...

QUE TRISTEZA TÃO GRANDE, A DESTA NOITE CALMA !
 PORE'M ELLA SERA' MESMO DA NOITE ? OU ANTES
 SERA' POBRE DE MIM ! A SOMBRA DE MINHA ALMA ?

ALFREDO DE ASSIS

(Da Academia Maranhense)

física de uma sociedade lantejoulada pela cultura, as massas de indivíduos nauseabundos que figuram como protótipos sociais e bem assim o estado edimentar de homens que não foram educados, que vegetam nos porões de uma sociedade inferior e que vivem a vida sombria que elles mesmos concebem e que é a única que conhecem e que estimam. . .

Mas a verdade é que enquanto existirem essas sociedades embrionárias, esses chavacões de indivíduos que não são bafejados pela ação educacional dos governos, não haverá nunca uma sociedade integral, homogênea, de elementos harmoniosos. E essa sociedade influe na vida da **outra**, porque entre as duas não há fronteiras e a infiltração é de todos os dias. E quando os anormais inferiores, educados na alta sociedade, se desviam da directriz que lhes foi traçada, ou que a si trazaram é nessas sociedades relegadas, de aspecto

sombrio que ávidos vão buscar os elementos capazes de produzir o crime, com a deshumanidade que o momento opportuno lhes oferecer.

Inimigos, pela falsa educação que recebem, pelos sofrimentos que os angustiam, dos meios policiados, onde às vezes se encontram sociedades seleccionadas pelo trabalho, ninguém pode contar com elas para uma obra edificadora, para um emprehendimento que satisfaça as nobres aspirações de uma collectividade, na sua maioria de bem orientados.

E esse meio inferior, constituído de milhares de indivíduos, é uma das forças negativas que trabalham contra o progresso da nossa nacionalidade.

Urge edificar um apostolado moral e cívico nessas invias paragens do nosso immenso e rico Brasil; porque o magisterio primário que nellas existe não tem á sua responsabilidade a architectónica educacional das populações que as ocupam, sem Deus, sem Direito e sem Justiça.

VISÃO NOCTURNA

DEIXO O LIVRO DE NOVO. IMPOSSIVEL, RELEL-O.
 A MINHA INQUIETAÇÃO DORME BEM POUCO.. ENTANTO
 NELLE ESPLENDE A BELLEZA EM VERSOS D'OIRO; O SELLO
 DO GENIO NELLE POZ MARAVILHOSO ENCANTO.

A JANELLA ABRO ENTÃO SOBRE A NOITE. LEVANTO
 OS OLHOS PARA O CEU, EM DOLOROSO APPELLO,
 E DIVISO NO CEU, TOMADOS DE QUEBRANTO,
 VAGOS, ALDEBARAN... SIRIUS... O SETESTRELLO...

CAE DE LEVE A NEBLINA.ERRA SILENTE A BRISA.
 DO OPULENTO ARVOREDO OS GALHOS ONDULANTES
 ENTREMOSTRAM-SE AGORA UMA COISA IMPRECISA...

QUE TRISTEZA TÃO GRANDE, A DESTA NOITE CALMA !
 PORE'M ELLA SERA' MESMO DA NOITE ? OU ANTES
 SERA' POBRE DE MIM ! A SOMBRA DE MINHA ALMA ?

ALFREDO DE ASSIS

(Da Academia Maranhense)

físico de uma sociedade lantejoulada pela cultura, as massas de indivíduos nauseabundos que figuram como protótipos sociais e bem assim o estatuto edimentar de homens que não foram educados, que vegetam nos porões de uma sociedade inferior e que vivem a vida sombria que elles mesmos concebem e que é a única que conhecem e que estimam. . .

Mas a verdade é que enquanto existirem essas sociedades embrionárias, esses chavacões de indivíduos que não são bafejados pela ação educacional dos governos, não haverá nunca uma sociedade integral, homogênea, de elementos harmoniosos. E essa sociedade influe na vida da **outra**, porque entre as duas não há fronteiras e a infiltração é de todos os dias. E quando os anormais inferiores, educados na alta sociedade, se desviam da directriz que lhes foi traçada, ou que a si trataram é nessas sociedades relegadas, de aspecto

sombrio que ávidos vão buscar os elementos capazes de produzir o crime, com a deshumanidade que o momento opportuno lhes oferecer.

Inimigos, pela falsa educação que recebem, pelos sofrimentos que os angustiam, dos meios policiados, onde às vezes se encontram sociedades seleccionadas pelo trabalho, ninguém pode contar com elas para uma obra edificadora, para um emprehendimento que satisfaça as nobres aspirações de uma collectividade, na sua maioria de bem orientados.

E esse meio inferior, constituído de milhares de indivíduos, é uma das forças negativas que trabalham contra o progresso da nossa nacionalidade.

Urge edificar um apostolado moral e cívico nessas invias paragens do nosso immenso e rico Brasil; porque o magisterio primário que nellas existe não tem á sua responsabilidade a architectonica educacional das populações que as ocupam, sem Deus, sem Direito e sem Justiça.

Da Confissão

J. M. MOTTA ARAUJO

Pele Direito Judiciario a Confissão é o reconhecimento expresso que alguém faz, em juízo, do direito da parte contraria.

Em matéria civil-commercial definem: — "Confissão é a declaração com que o "devedor" reconhece a "obrigação contrahida" ou qualquer facto que a esta se refere".

De modo geral, a confissão divide-se em "ju-



DR. MOTTA ARAUJO

dicial" e "extra-judicial". Faz-se a primeira perante o juiz competente, por Termo nos autos, em Artigos ou por Depoimento; e a segunda, fora do juízo, perante o notário e sem a presença ou mandado do juiz: por viva voz, por escriptura pública ou particular.

Abstraindo-nos das diversas espécies que da confissão nos apresentam os tratadistas, acertaríamos sua divisão em "expressa" e "tática".

"Expressa" é a confissão escripta ou verbal; "tática", a que se induz da revelia.

O Código de Processo Civil e Commercial, baixado com o Decreto-Lei nº. 1.608, de 18-9-1939, posto em execução pelo Decreto-Lei nº. 1.965, de 16-1-1940, em seu art. 229, § 2º, declara que "a confissão poderá ser feita por petição ou depoimento".

A confissão é um dos meios ordinários da prova, sendo, aliás, a mais forte de todas as provas. Entretanto, para fazer prova plena é preciso que a confissão seja livre, espontânea, porque, quando obtida sob coação, por violência, não constitue prova cabal.

A confissão deve ainda ser clara, verdadeira, precisa, por isso que, se insegura ou indecisa, torna-se duvidosa, defeituosa e, em tais condições, é como se não existisse.

Pelo Direito Penal, a confissão não faz prova a favor do réu; assim no Direito Administrativo e Fiscal.

Temos ainda a considerar a confissão espiritual, de que trata a teologia cristã. Aqui, confissão é a declaração sacramental que o peccador faz dos seus peccados ao sacerdote, para eximir-se de culpa e receber o perdão.

Eis a formula: — "Eu, peccador, me confesso a Deus Todo Poderoso, etc.

O Terceiro Cathecismo dá Doutrina Cristã assim se expressa: — "A confissão é a acusação clara dos peccados, feita ao confessor aprovado, para receber a absolvição".

A confissão litúrgica deve ser feita por inteiro, sem aumento ou diminuição, e humildemente.

Occultar peccados seria sacrilegio e, assim, a absolvição não se daria completa. Melhor, portanto, é o culpado, já que resolveu se confessar, abrir todo o seu coração, expor sinceramente todas as suas faltas, por mais feias que sejam: mortaes ou veniaes. Só desse modo poderá o peccador, ou criminoso, ter completo alívio e consolação, descarregando a sua consciência.

O peccador, quando procura o ministro da Igreja, para confessar-se, é porque sente arrependimento das faltas e dos males que praticou, os quais arrenega e condena na hora da confissão, prometendo fazê-lo por toda a vida.

Supplica — "Padre, dae-me a vossa bênção porque pequei".

Resposta — "Eu te absolve dos teus peccados, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo".

Como se observa, grande é a diferença da confissão indicada no Direito Judiciário da de que trata a Religião Cathólica Apostólica Romana. Seus objectivos são opostos.

Da Confissão

J. M. MOTTA ARAUJO

• Pelo Direito Judiciário a Confissão é o reconhecimento expresso que alguém faz, em juízo, do direito da parte contraria.

Em matéria civil-commercial definem: — "Confissão é a declaração com que o "devedor" reconhece a "obrigação contrahida" ou qualquer facto que a esta se refere".

De modo geral, a confissão divide-se em "ju-



DR. MOTTA ARAUJO

dicial" e "extra-judicial". Faz-se a primeira perante o juiz competente, por Termo nos autos, em Artigos ou por Depoimento; e a segunda, fora do juízo, perante o notário e sem a presença ou mandado do juiz: por viva voz, por escriptura pública ou particular.

Abstraindo-nos das diversas espécies que da confissão nos apresentam os tratadistas, aceitariam os sua divisão em "expressa" e "tática".

"Expressa" é a confissão escripta ou verbal; "tática", a que se induz da revelia.

O Código de Processo Civil e Commercial, baixado com o Decreto-Lei nº. 1.608, de 18-9-1939, posto em execução pelo Decreto-Lei nº. 1.965, de 16-1-1940, em seu art. 229, § 2º, declara que "a confissão poderá ser feita por petição ou depoimento".

A confissão é um dos meios ordinários da prova, sendo, aliás, a mais forte de todas as provas. Entretanto, para fazer prova plena é preciso que a confissão seja livre, espontânea, porque, quando obtida sob coação, por violência, não constitue prova cabal.

A confissão deve ainda ser clara, verdadeira, precisa, por isso que, se insegura ou indecisa, torna-se duvidosa, defeituosa e, em tais condições, é como se não existisse.

Pelo Direito Penal, a confissão não faz prova a favor do réu; assim no Direito Administrativo e Fiscal.

Temos ainda a considerar a confissão espiritual, de que trata a teologia cristã. Aqui, confissão é a declaração sacramental que o peccador faz dos seus peccados ao sacerdote, para eximir-se de culpa e receber o perdão.

Eis a formula: — "Eu, peccador, me confesso a Deus Todo Poderoso, etc.

O Terceiro Cathecismo da Doutrina Cristã assim se expressa: — "A confissão é a acusação clara dos peccados, feita ao confessor aprovado, para receber a absolvição".

A confissão litúrgica deve ser feita por inteiro, sem aumento ou diminuição, e humildemente.

Occultar peccados seria sacrilégio e, assim, a absolvição não se daria completa. Melhor, portanto, é o culpado, já que resolveu se confessar, abrir todo o seu coração, expor sinceramente todas as suas faltas, por mais feias que sejam: mortaes ou veniaes. Só desse modo poderá o peccador, ou criminoso, ter completo alívio e consolação, descarregando a sua consciência.

O peccador, quando procura o ministro da Igreja, para confessar-se, é porque sente arrependimento das faltas e dos males que praticou, os quais arrenega e condena na hora da confissão, prometendo fazê-lo por toda a vida.

Supplica — "Padre, dñe-me a vossa bênção porque pequei".

Resposta — "Eu te absolve dos teus peccados, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo".

Como se observa, grande é a diferença da confissão indicada no Direito Judiciário da de que trata a Religião Cathólica Apostólica Romana. Seus objectivos são opostos.

O sacerdote recebe a confissão para perdoar, enquanto que o juiz o faz para condenar o criminoso confessado; aquelle é obrigado a guardar a confissão recebida debaixo de inviolável sigillo sacramental, ao passo que este dá-lhe publicidade, para apoio de sua sentença.

Mas, se assim determina a Igreja latina, é porque encara o peccador como offensor do Ente Supremo e que, confessando-se ao Seu ministério como delegado que é de Deus na terra, isso importa confessar-se ao Altíssimo. E quem se confessa a Deus, só a Elle é servido.

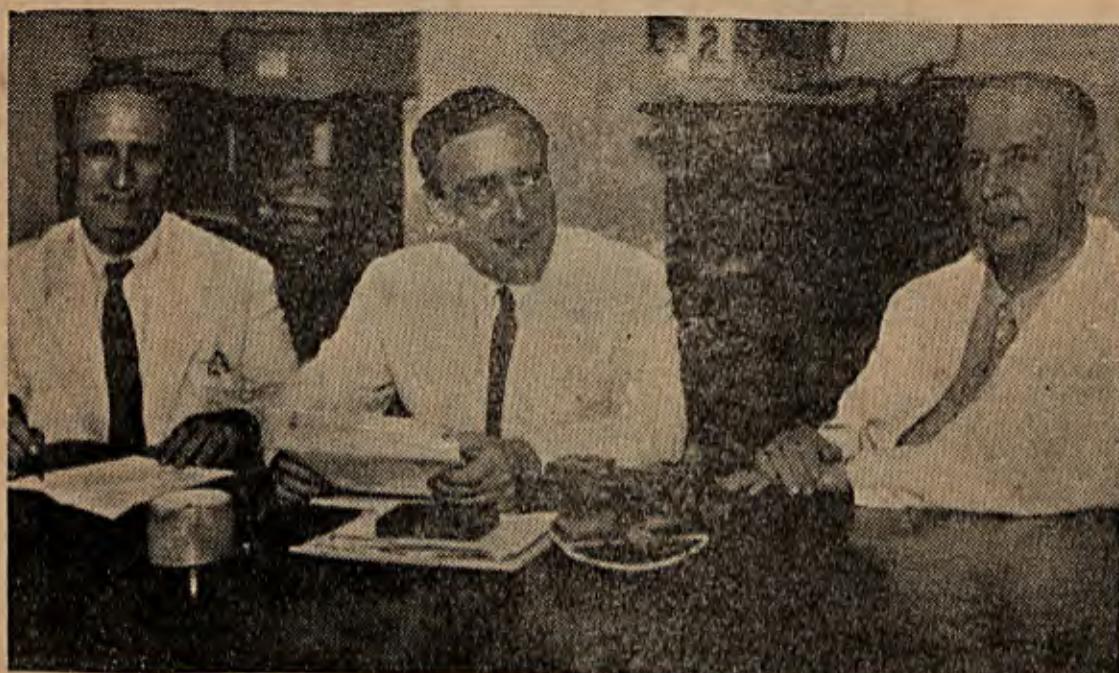
Dahi resulta que, para a Igreja, a confissão importa em absolvio, que é dada em virtude do arrependimento, da dor sincera do peccador, que jura regenerar-se, contricto, cheio de fé em Deus.

Em matéria penal, porém, sucede precisamente o contrario: reu confessado é reu condemnado, em vista de accusar-se a si mesmo, tangido pelos imperativos da consciencia ou do remorso.



Uma photographia do velho casarão da antiga Usina de S. Pedro do Engenho Central, onde, outrora, trepidou uma energica manifestação de vida economica de nosso Estado

NO MUNDO DOS CINEMAS



O Cine-Theatro Arthur Azevedo apparelha-se, dia a dia, para offerecer aos seus frequentadores os melhores "films". É uma deliberação que bem traduz o alto apreço em que a firma Mattos, Aguiar & Cia. Ltda., tem a sociedade maranhense proporcionando-lhes os melhores espectáculos e gratos entretenimentos para o espirito. O presente "cliché" foi apanhado no dia 4 de dezembro de 1940, quando o representante da Paramount S. A. assinava com a Empresa mais um contracto de boas produções para 1941. Vêem-se no "cliché" lado a lado o representante da importante fabrica de "films" os srs. Izidoro Aguiar e Anthero Segundo de Mattos, sócios da firma Mattos Aguiar & Cia.

O sacerdote recebe a confissão para perdoar, enquanto que o juiz o faz para condenar o criminoso confessado; aquelle é obrigado a guardar a confissão recebida debaixo de inviolável sigillo sacramental, ao passo que este dá-lhe publicidade, para apoio de sua sentença.

Mas, se assim determina a Igreja latina, é porque encara o peccador como offensor do Ente Supremo e que, confessando-se ao Seu ministério como delegado que é de Deus na terra, isso importa confessar-se ao Altíssimo. E quem se confessa a Deus, só a Ele é servido.

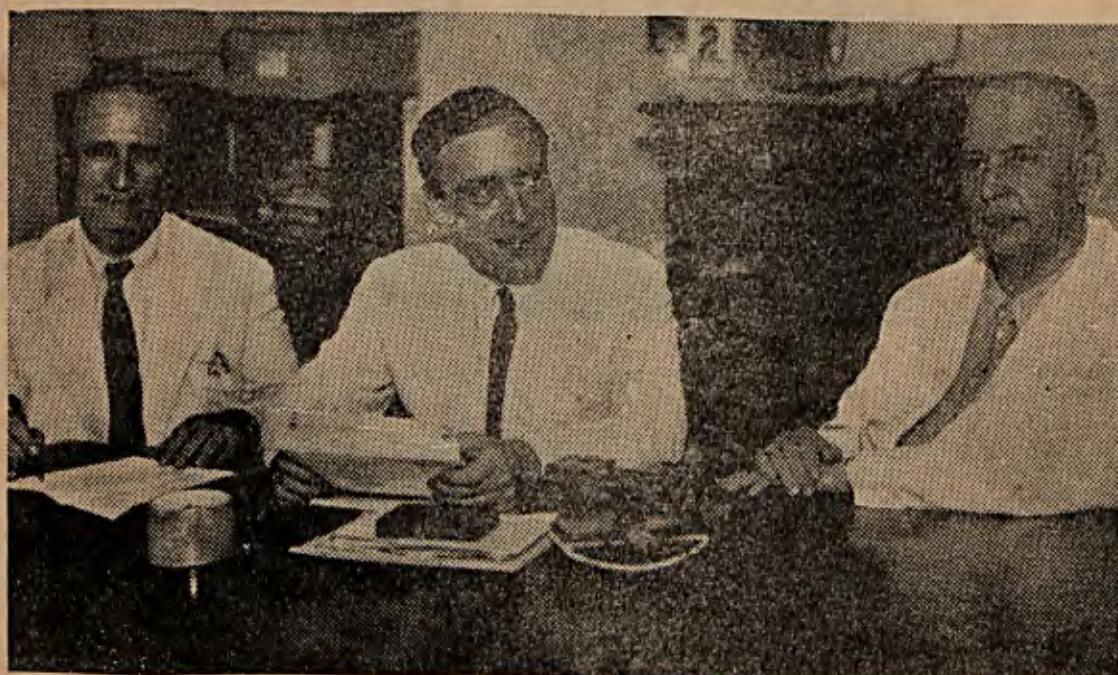
Dahi resulta que, para a Igreja, a confissão importa em absolvição, que é dada em virtude do arrependimento, da dor sincera do peccador, que jura regenerar-se, contricto, cheio de fé em Deus.

Em matéria penal, porém, sucede precisamente o contrario: reu confessado é reu condemnado, em vista de accusar-se a si mesmo, tangido pelos imperativos da consciencia ou do remorso.



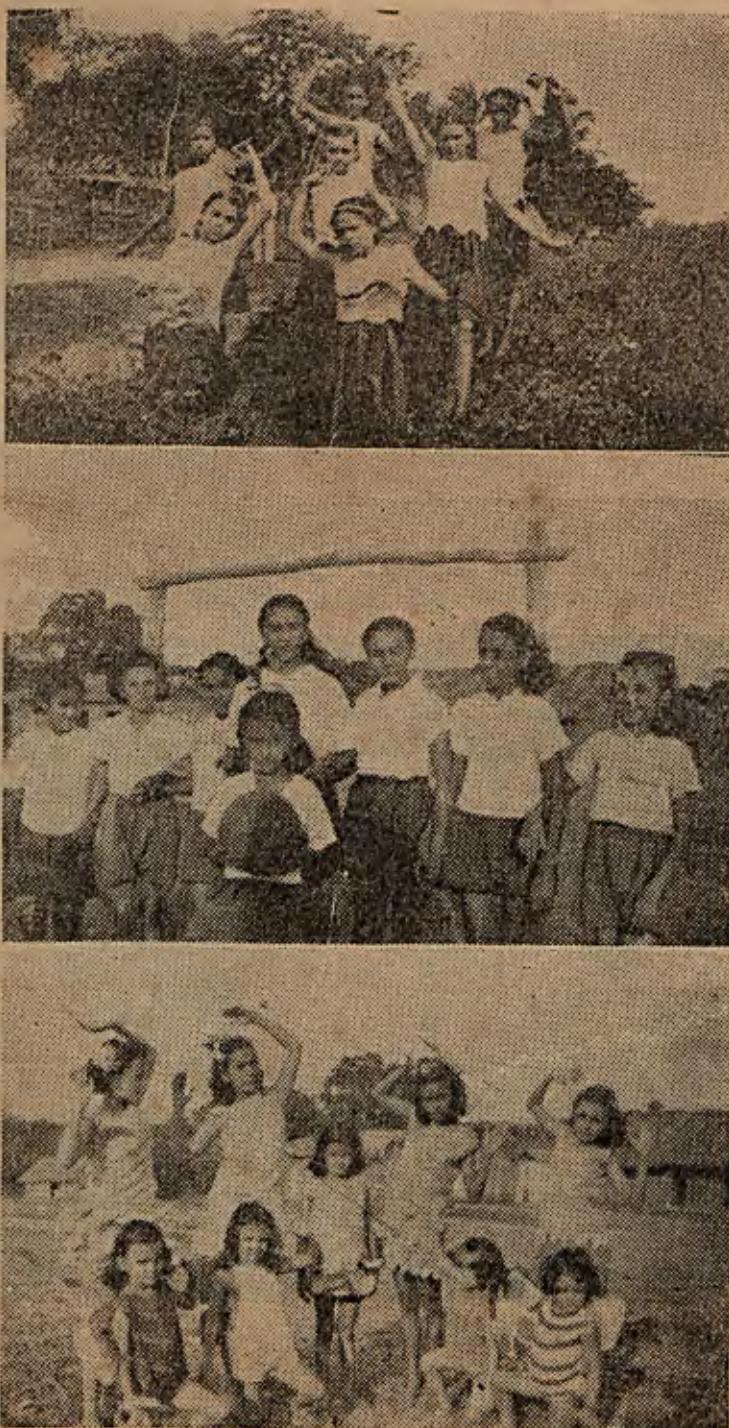
Uma photographia do velho casarão da antiga Usina de S. Pedro do Engenho Central, onde, outrora, trepidou uma energica manifestação de vida economica de nosso Estado

NO MUNDO DOS CINEMAS



O Cine-Theatro Arthur Azevedo apparelha-se, dia a dia, para offerecer aos seus frequentadores os melhores "films". É uma deliberação que bem traduz o alto apreço em que a firma Mattos, Aguiar & Cia. Ltda., tem a sociedade maranhense proporcionando-lhes os melhores espectáculos e gratos entretenimentos para o espirito. O presente "cliché" foi apanhado no dia 4 de dezembro de 1940, quando o representante da Paramount S. A. assinava com a Empreza mais um contracto de boas produções para 1941. Vêem-se no "cliché" ladeando o representante da importante fabrica de "films" os srs. Izidoro Aguiar e Anthero Segundo de Mattos, sócios da firma Mattos Aguiar & Cia.

PELO APRASIVEL CAJAPIÓ*



1º) Algumas alumnas da Escola agrupada de Cajapió, em dia de festa escolar; 2º) e quadro de voleiball do Club Feminino sob a direcção da prof.^a Zilia Bertrand; 3º) grupo de alumnas que tomaram parte nas festas cívicas de 7 de setembro

PELO APRASIVEL CAJAPIÓ*



1º) Algumas alumnas da Escola agrupada de Cajapió, em dia de festa escolar; 2º) e quadro de voleiball do Club Feminino sob a direcção da prof.^a Zilia Bertrand; 3º) grupo de alumnas que tomaram parte nas festas cívicas de 7 de setembro.

ESSE NOME DE

MARANHÃO

Jornalista, chronista, romancista, contista pittoresco, Raul de Azevedo é um nome que se impõe ao grande publico. E' longa a lista de seus livros. Actualmente dirige a revista "Aspectos", mensário cultural á feição de "Le Mois", de Paris que já é entre nós uma leitura imprescindível. Pertence Raul de Azevedo a varias associações culturais, entre ellas, o P. E. N. Club do Brasil

RAUL DE AZEVEDO

Elle trouxe grandes complicações, duvidas, então complexas. Primeiro, foi a origem da propria palavra, — no dizer do historiador patrício Rocha Pombo na sua "Historia do Brasil". Explicam-nas como providos da pergunta que teria feito algum dentre os que o descobriram: — "Isso á mar ou rio? — á qual deve ter outro respondido: — "Mar... ah não!" Pensam outros que provém das maranhas ou enganos e traições a que por ali, pelo estuario, se sujeitavam os navegantes, ou de uns contra outros. Varios chronistas, como Berredo ("Annales historicos do Maranhão") acreditam que Maragnon era o nome do primeiro que visitou o rio-mar. Esta opinião é aceita pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e outros. No seu trabalho sob o título da "Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela Corôa de Portugal", publicado na "Revista do Instituto", escreve o sabio naturalista: — "Depois do descobrimento dos Pinzons pela parte do mar, o segundo hespanhol que descobriu o Rio das Amazonas, pela parte de terra do Reino do Perú, parece ter sido um fulano Maranón, á quem attribuem o capitão Simão Estacio da Silveira e o bispo D. Fr. Christovão de Lisbôa a razão deste appellido, que do descobridor passou ao rio e deste á ilha do Maranhão. Vem depois a confusão que se fez dos nomes "Amazonas" e "Maranhão". Por fim Maranhão ficou designando definitivamente a ilha onde se acha a cidade de S. Luiz. Esta ilha do Maranhão foi primeiro conhecida por ilha da Trindade, depois, ao tempo dos sobreviventes da expedição Ayres da Cunha, por ilha das Vaccas; e com a ocupação francesa nos principios do seculo XVII,

teve o nome de S. Luiz, hoje restricto á cidade".

E' sabido que a descoberta do territorio hoje conhecido por Maranhão, é devida ao hespanhol Vicente Pinzon. Lê-se na obra de Reginald Lloyd sobre o Brasil, — "Em 1534, deu o governo portuguez a João de Barros e Fernando Alvares de Andrade toda a costa e as regiões do interior, que hoje comprehendem os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauiy e Maranhão, para searem administrados como duas capitaniais. Uma expedição com cerca de 1.000 colonos partiu de Portugal para tomar posse destas terras; mas, tendo naufragado nas costas do Maranhão, apenas uma centena daquelles homens sobreviveram. Dez annos depois, Luiz de Mello trouxe ao Brasil uma nova expedição, que tambem teve fim desastroso. Com quanto Portugal tivesse sempre considerado suas as costas do Maranhão, não eram elles, entretanto, nem bem conhecidas, nem tão pouco colonizadas quando, em 1594, os franceses, commandados por Jacques Riffault, de Dieppe, se estableceram na ilha do Maranhão, procurando alli firmar o seu domínio. Em 1612, fundaram elles a cidade de S. Luiz, assim denominada em homenagem à Luiz XIII Rei de França. Em 1614 foram os franceses batidos e expulsos do Maranhão, por Jeronymo de Albuquerque, e em 1621, o Maranhão, constituido pelas capitaniais do Pará e Ceará, ficou definitivamente organizado. Durante o dominio hollandez em Pernambuco tambem o Maranhão cahiu em seu poder; mas tarde, porém, foram os invasores expulsos. Em 1733, residiam os Governadores do Maranhão em Belem do Pará, e a administração

ESSE NOME DE

MARANHÃO

Jornalista, chronista, romancista, contista pittoresco, Raul de Azevedo é um nome que se impõe ao grande publico. E' longa a lista de seus livros. Actualmente dirige a revista "Aspectos", mensário cultural á feição de "Le Mois", de Paris que já é entre nós uma leitura imprescindível. Pertence Raul de Azevedo a varias associações culturais, entre ellas, o P. E. N. Club do Brasil

RAUL DE AZEVEDO

Elle trouxe grandes complicações, duvidas então complexas. Primeiro, foi a origem da propria palavra, — no dizer do historiador patrício Rocha Pombo na sua "Historia do Brasil". Explicam-nas como providos da pergunta que teria feito algum dentre os que o descobriram: — "Isso á mar ou rio? — á qual deve ter outro respondido: — "Mar... ah não!" Pensam outros que provém das maranhas ou enganos e traições a que por ali, pelo estuario, se sujeitavam os navegantes, ou de uns contra outros. Varios chronistas, como Berredo ("Annais historicos" do Maranhão) acreditam que Maragnon era o nome do primeiro que visitou o rio-mar. Esta opinião é aceita pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e outros. No seu trabalho sob o titulo da "Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela Corôa de Portugal", publicado na "Revista do Instituto", escreve o sabio naturalista: — "Depois do descobrimento dos Pinzons pela parte do mar, o segundo hespanhol que descobriu o Rio das Amazonas, pela parte de terra do Reino do Perú, parece ter sido um fulano Maranón, á quem attribuem o capitão Simão Estacio da Silveira e o bispo D. Fr. Christovão de Lisbôa a razão deste appellido, que do descobridor passou ao rio e deste á ilha do Maranhão. Vem depois a confusão que se fez dos nomes "Amazonas" e "Maranhão". Por fim Maranhão ficou designando definitivamente a ilha onde se acha a cidade de S. Luiz. Esta ilha do Maranhão foi primeiro conhecida por ilha da Trindade, depois, ao tempo dos sobreviventes da expedição Ayres da Cunha, por ilha das Vaccas; e com a ocupação francesa nos principios do seculo XVII,

teve o nome de S. Luiz, hoje restricto á cidade".

E' sabido que a descoberta do territorio hoje conhecido por Maranhão, é devida ao hespanhol Vicente Pinzon. Lê-se na obra de Reginald Lloyd sobre o Brasil, — "Em 1534, deu o governo portuguez a João de Barros e Fernando Alvares de Andrade toda a costa e as regiões do interior, que hoje comprehendem os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauiy e Maranhão, para searem administrados como duas capitaniais. Uma expedição com cerca de 1.000 colonos partiu de Portugal para tomar posse destas terras; mas, tendo naufragado nas costas do Maranhão, apenas uma centena daquelles homens sobreviveram. Dez annos depois, Luiz de Mello trouxe ao Brasil uma nova expedição, que tambem teve fim desastroso. Com quanto Portugal tivesse sempre considerado suas as costas do Maranhão, não eram elles, entretanto, nem bem conhecidas, nem tão pouco colonizadas quando, em 1594, os franceses, commandados por Jacques Riffault, de Dieppe, se estableceram na ilha do Maranhão, procurando alli firmar o seu domínio. Em 1612, fundaram elles a cidade de S. Luiz, assim denominada em homenagem à Luiz XIII Rei de França. Em 1614 foram os franceses batidos e expulsos do Maranhão, por Jeronymo de Albuquerque, e em 1621, o Maranhão, constituido pelas capitaniais do Pará e Ceará, ficou definitivamente organizado. Durante o dominio hollandez em Pernambuco tambem o Maranhão cahiu em seu poder; mas tarde, porém, foram os invasores expulsos. Em 1733, residiam os Governadores do Maranhão em Belem do Pará, e a administração



Dr. Raymundo Elias de Souza, illustre cirurgião-dentista, na cidade do Codó, e recem-formado pela Faculdade Odontologica do Pará

foi exercida no Maranhão por Capitães Geraes até 1772, quando o territorio maranhense foi definitivamente separado do Pará: com a separação das coroas brasileiras e portugueza, ficou o Maranhão constituindo uma província do Imperio; e em 1889, com a proclamação da Republica, foi Estado".

O dominio hollandez foi terrível para o Maranhão, na época de Lichthart, ao contrario da phase provectosa dos franceses. Índios e portuguezes, depois de horrivel batalha, expulsaram os invasores, e novamente foi a ilha reintegrada á Corôa de Portugal. Inesquecivel para todos nós foi o movimento ousado da libertação patrocinada por Beckman, calido no patíbulo. Tenhamos um preito de dôr e saudade pelo heroe e martyr que foi Beckman — de certo a primeira das grandes victimas em pról das liberdades patrias.

Da Independencia á Republica é feito mais surprehendente que tivemos foi a chamada "balaiada", revolução que irrompeu em 1833, suffocada por aquelle que depois foi o Marechal e Duque de Caxias.

Rico no sólo, na agricultura, na pecuaria, na industria, no commercio, na fauna e na flora, Agassiz assinalou desde aquellas épocas de antanho a sua importancia.

Antes, a sua valia fôra vastamente fixada na "Lettre d'un Pére Capucin", escripta pelo padre

Claudio d'Abbeville e pela primeira vez publicada por Tornaux Campans nos "Archives des Voyages", em 1612, segunda parte, e no opositório "L'arrivée des Péres Capucins et la conversion des saubages" pelo mesmo autor, em 1613; no livro celebre de Ivo d'Evreux "Voyage dans le nord du Brésil", apparecido em 1615; em Diogo de Campos Moreno, no manuscripto "Jornada do Maranhão", que saiu em 1812, de inconteste valor por ter sido o autor companheiro de Jeronymo de Albuquerque; e, "Les Fruits de La Mission", sahido em Yile, em 1614; em os "Andes Historicos" do famoso Berredo, no seu estylo tão gongorico, livro bem conhecido na sua terceira edição que traz um estudo sobre a vida, a época e os escriptos do autor pelo notavel historiador e saudosissimo amigo Pertino Miranda; em Antonio Henrique Leal nas suas "Locubrações de 1874"; em Cândido Mendes de Almeida nas "Memorias do Maranhão" de 1874; em a "Relação Sumaria das Coisas do Maranhão" de Simões Estacio da Silveira e outros.

O certo é que, no justo dizer de José Ribeiro do Amaral, na obra "Fundação do Maranhão", cedo seguiu á risca e com muita exactidão a Claudio D'Abbeville e a Diogo de Campos; Beauchamp e Berredo sómente, convindo notar que a compilação de Gayoso se resente de grande confusão e não poucas inexactidões.

Das suas hoje magnificas condições de salubridade falou e se brilhante scientista e festejado escriptor que é Afranio Peixoto, nas paginas refletidas do livro "Clima e Doenças no Brasil". Publicistas estrangeiros tambem nos fazem agora essa justiça.

Mas o maranhense emigra bastante, claro que na ambição humana de melhorar, e de preferencia para a Amazonia. Ahi, como é inconteste, elle triumphou. Ao sul tambem "Contamos", escrevia um sagaz observador, ao norte como no restante do Brasil, muitos maranhenses entre os de maior valor mental, alem dos altamente collocados na politica, nas funcções publicas, nos negócios, nas letras".

Se a psychologia do individuo é difícil e rara, que dizer da de um povo?

Classificar o seu caracter psycho-étnico, de certo reclamava a vasta competencia dum Euclides da Cunha, o maravilhoso autor dos "Sertões". Mas creio não será erro fixar o maranhense no typo intelligent, culto, contemporizador e accresentarei, eclectico.

Um publicista, Raymundo Lopes, — n'O Torrão Maranhense, — accrescentava "que as suas mais bellas qualidades, tolerancia e a ordem, ou melhor, adaptabilidade, chegam a degenerar em defeitos... Intellectualmente, nota-se a facilidade de idealizar e apprender. E' incontestavel que es-



Dr. Raymundo Elias de Souza, illustre cirurgião-dentista, na cidade do Codó, e recem-formado pela Faculdade Odontologica do Pará

foi exercida no Maranhão por Capitães Geraes até 1772, quando o territorio maranhense foi definitivamente separado do Pará: com a separação das coroas brasileiras e portugueza, ficou o Maranhão constituindo uma província do Imperio; e em 1889, com a proclamação da Republica, foi Estado".

O dominio hollandez foi terrível para o Maranhão, na época de Lichthart, ao contrario da phase provectosa dos franceses. Índios e portuguezes, depois de horrivel batalha, expulsaram os invasores, e novamente foi a ilha reintegrada á Corôa de Portugal. Inesquecivel para todos nós foi o movimento ousado da libertação patrocinada por Beckman, calido no patíbulo. Tenhamos um preito de dôr e saudade pelo heroe e martyr que foi Beckman — de certo a primeira das grandes victimas em pról das liberdades patrias.

Da Independencia á Republica é feito mais surprehendente que tivemos foi a chamada "balaiada", revolução que irrompeu em 1833, suffocada por aquelle que depois foi o Marechal e Duque de Caxias.

Rico no sólo, na agricultura, na pecuaria, na industria, no commercio, na fauna e na flora, Agassiz assinalou desde aquellas épocas de antanho a sua importancia.

Antes, a sua valia fôra vastamente fixada na "Lettre d'un Pére Capucin", escripta pelo padre

Claudio d'Abbeville e pela primeira vez publicada por Tornaux Campans nos "Archives des Voyages", em 1612, segunda parte, e no oposcio "L'arrivée des Péres Capucins et la conversion des saubages" pelo mesmo autor, em 1613; no livro celebre de Ivo d'Evreux "Voyage dans le nord du Brésil", apparecido em 1615; em Diogo de Campos Moreno, no manuscripto "Jornada do Maranhão", que saiu em 1812, de inconteste valor por ter sido o autor companheiro de Jeronymo de Albuquerque; e, "Les Fruits de La Mission", sahido em Yile, em 1614; em os "Andes Historicos" do famoso Berredo, no seu estylo tão gongorico, livro bem conhecido na sua terceira edição que traz um estudo sobre a vida, a época e os escriptos do autor pelo notavel historiador e saudosissimo amigo Pertino Miranda; em Antonio Henrique Leal nas suas "Locubrações de 1874"; em Cândido Mendes de Almeida nas "Memorias do Maranhão" de 1874; em a "Relação Sumaria das Coisas do Maranhão" de Simões Estacio da Silveira e outros.

O certo é que, no justo dizer de José Ribeiro do Amaral, na obra "Fundação do Maranhão", cedo seguiu á risca e com muita exactidão a Claudio D'Abbeville e a Diogo de Campos; Beauchambe a Berredo sómente, convindo notar que a compilação de Gayoso se resente de grande confusão e não poucas inexactidões.

Das suas hoje magnificas condições de salubridade falou e se brilhante scientista e festejado escriptor que é Afranio Peixoto, nas paginas refletidas do livro "Clima e Doenças no Brasil". Publicistas estrangeiros tambem nos fazem agora essa justiça.

Mas o maranhense emigra bastante, claro que na ambição humana de melhorar, e de preferencia para a Amazonia. Ahi, como é inconteste, elle triumphou. Ao sul tambem "Contamos", escrevia um sagaz observador, ao norte como no restante do Brasil, muitos maranhenses entre os de maior valor mental, alem dos altamente collocados na politica, nas funcções publicas, nos negócios, nas letras".

Se a psychologia do individuo é difícil e rara, que dizer da de um povo?

Classificar o seu caracter psycho-étnico, de certo reclamava a vasta competencia dum Euclides da Cunha, o maravilhoso autor dos "Sertões". Mas creio não será erro fixar o maranhense no typo intelligent, culto, contemporizador e accresentarei, eclectico.

Um publicista, Raymundo Lopes, — n'O Torrão Maranhense, — accrescentava "que as suas mais bellas qualidades, tolerancia e a ordem, ou melhor, adaptabilidade, chegam a degenerar em defeitos... Intellectualmente, nota-se a facilidade de idealizar e apprender. E' incontestavel que es-

OS DOIS ESQUELETOS

GABRIEL MARQUES

(Copyright U. J. B. para ATHENAS).

Dois de Novembro.

A noite ia alta.

O cemiterio da linda cidade dormia escondendo no seu ventre a angustia de milhares de corações enlutados. Sobre as lousas gelidas espalhavam-se punhados de flôres, ainda frescas, algumas, já emurcheadas, outras. Tumulos havia em que as coroas se amontoavam numa ignara ostentação. Com uma simples vista de olhos se podia catalogar, sem esforço e sem duvidas, o recheio das bolsas dos que a morte levára.

Subito, a lousa muito alva e muito fria de um tumulo riquíssimo, todo de marmore e com linda figura a chorar de joelhos, se abre, sem ruido, e das entradas lugubres surge um esqueleto de homem... Em pé sobre seu tumulo contempla as inúmeras e tão desiguais moradas mudas e fúnebres... Depois senta-se, com levesa de pluma, no marmore frio da tumba, e pende o crâneo, melancolicamente, qual estranha flor alvacenta que de repente murchasse...

Nisto, de outro tumulo proximo surge um outro esqueleto...

Sauda o companheiro numa curvatura respeitosa e exclama:

—Bôa noite, meu amigo!

O esqueleto que surgira primeiro, espanta-se:

—Também você ? !

—Sim. Todos os annos, a estas mesmas horas, dou um passeio por estas aldeias silenciosas e perfumadas... E' sempre agradável contemplar as flores... Ellas são puras e não têm nenhuma cul-

tes "athenienses" — permita-se o tradicional epíteto — têm, com os defeitos dos seus protótipos clássicos uma tradição de cultura literária relativamente notável, e cabe-lhe um lugar de destaque na formação intelectual nacional.

Ha uma qualidade suprema que nunca faltará ao colono maranhense, — o colono maranhense, — o colorido, a graça e o calor da dicção. Sob o ponto de vista da criação estética e científica, tem dado exemplo de espírito crítico claro e seguro, e de força conceptiva e associativa".

O que se evidencia, assinalou o escritor citado ahi acima, é o que falta ao nosso tipo social muito de experiência, de segurança, de ação. — Falta-nos sobretudo o que se pode chamar a coesão dinâmica, a unidade activa.

pa de que a humanidade seja tóla ou vaidosa, como é...

—Mas você foi sempre pobre !

—Pobre, propriamente, não.. Sempre me contentei com o que possuía. Fui feliz, portanto !

—Mas você nada possuía !

—Pois esse nada era o meu tudo. Não desejei demais nem gastei semi medida. Procurei ser justo e bom.

—Fez você justamente o contrário do que eu sempre fiz...

—Era o senhor muito rico, bem sei !

—Sim ! Sim ! Muito rico ! Muitíssimo rico, mesmo ! Que diferença !

—Naquelle tempo, não é ?...

—Ainda hoje, meu caro ! Já reparou a diferença das nossas tumbas ? A minha, é este palácio de marmore que você vê... A sua... A sua... é constituída por quatro tijolos e... um pouco de barro...

—E' ainda o reflexo da tóla vaidade dos que ficaram lá fóra...

—A demonstração viva de que a riqueza sempre vale alguma coisa...

—Mas isso, para nós, nenhuma significação já tem.

—Como ? !

—Meu caro, somos perfeitamente iguais ! Pôda mesma terra, essencia da mesma flor..

O esqueleto do homem rico ergueu-se:

—Não o entendo, francamente ! Explique-se melhor !

E o outro:

—Meu caro, sou apenas ósso... E seus ossos não são acaso muito iguais aos meus ? ...

—Os nossos ossos ! Os nossos ossos !

E os dois esqueletos se puzeram então a rir com escândalo. A rir lugubremente... dolorosamente...

As tres coisas mais difíceis da vida, já o disse Chilon de Sparta, um dos sete sabios da Grécia, são: "Guardar um segredo; esquecer as injurias; aproveitar as horas livres". Mas nenhum sabio, que eu saiba, — pondera E. Bevilacqua, — já sentenciou sobre as tres mais faceis. Modestamente direi quaes são: "Soffrer dos nervos; fabricar um soneto; conseguir uma cruz de cavaleiro".

OS DOIS ESQUELETOS

GABRIEL MARQUES

(Copyright U. J. B. para ATHENAS).

Dois de Novembro.

A noite ia alta.

O cemiterio da linda cidade dormia escondendo no seu ventre a angustia de milhares de corações enlutados. Sobre as lousas gelidas espalhavam-se punhados de flôres, ainda frescas, algumas, já emurcheadas, outras. Tumulos havia em que as coroas se amontoavam numa ignara ostentação. Com uma simples vista de olhos se podia catalogar, sem esforço e sem duvidas, o recheio das bolsas dos que a morte levára.

Subito, a lousa muito alva e muito fria de um tumulo riquíssimo, todo de marmore e com linda figura a chorar de joelhos, se abre, sem ruido, e das entradas lugubres surge um esqueleto de homem... Em pé sobre seu tumulo contempla as inúmeras e tão desiguais moradas mudas e fúnebres... Depois senta-se, com levesa de pluma, no marmore frio da tumba, e pende o crâneo, melancolicamente, qual estranha flor alvacenta que de repente murchasse...

Nisto, de outro tumulo proximo surge um outro esqueleto...

Sauda o companheiro numa curvatura respeitosa e exclama:

—Bôa noite, meu amigo!

O esqueleto que surgira primeiro, espanta-se:

—Também você?!

—Sim. Todos os annos, a estas mesmas horas, dou um passeio por estas aldeias silenciosas e perfumadas... E' sempre agradável contemplar as flores... Ellas são puras e não têm nenhuma cul-

tes "athenienses" — permita-se o tradicional epíteto — têm, com os defeitos dos seus protótipos clássicos uma tradição de cultura literária relativamente notável, e cabe-lhe um lugar de destaque na formação intelectual nacional.

Ha uma qualidade suprema que nunca faltará ao colono maranhense, — o colono maranhense, — o colorido, a graça e o calor da dicção. Sob o ponto de vista da criação estética e científica, tem dado exemplo de espírito crítico claro e seguro, e de força conceptiva e associativa".

O que se evidencia, assinalou o escritor citado ahi acima, é o que falta ao nosso tipo social muito de experiência, de segurança, de ação. — Falta-nos sobretudo o que se pode chamar a coesão dinâmica, a unidade activa.

pa de que a humanidade seja tóla ou vaidosa, como é...

—Mas você foi sempre pobre!

—Pobre, propriamente, não. Sempre me contentei com o que possuía. Fui feliz, portanto!

—Mas você nada possuía!

—Pois esse nada era o meu tudo. Não desejei demais nem gastei semi medida. Procurei ser justo e bom.

—Fez você justamente o contrário do que eu sempre fiz...

—Era o senhor muito rico, bem sei!

—Sim! Sim! Muito rico! Muitíssimo rico, mesmo! Que diferença!

—Naquelle tempo, não é?

—Ainda hoje, meu caro! Já reparou a diferença das nossas tumbas? A minha, é este palácio de marmore que você vê... A sua... A sua... é constituída por quatro tijolos e... um pouco de barro...

—E' ainda o reflexo da tóla vaidade dos que ficaram lá fóra...

—A demonstração viva de que a riqueza sempre vale alguma coisa...

—Mas isso, para nós, nenhuma significação já tem.

—Como?

—Meu caro, somos perfeitamente iguais! Pôda mesma terra, essência da mesma flor...

O esqueleto do homem rico ergueu-se:

—Não o entendo, francamente! Explique-se melhor!

E o outro:

—Meu caro, sou apenas ósso... E seus ossos não são acaso muito iguais aos meus?

—Os nossos ossos! Os nossos ossos!

E os dois esqueletos se puzeram então a rir com escândalo. A rir lugubremente... dolorosamente...

As tres coisas mais difíceis da vida, já o disse Chilon de Sparta, um dos sete sabios da Grécia, são: "Guardar um segredo; esquecer as injurias; aproveitar as horas livres". Mas nenhum sabio, que eu saiba, — pondera E. Bevilacqua, — já sentenciou sobre as tres mais faceis. Modestamente direi quais são: "Soffrer dos nervos; fabricar um soneto; conseguir uma cruz de cavaleiro".

A VINGANÇA DE SÉRINANI

TARQUINIO NETTO

Abriram-se as grandes portas do palacio de Sabopolasar, rangendo nos gonzos.

Os leões hieraticos, talhados em granito, brilhavam aos raios de sol.

Tocaram as fanfarras.

Com todo o esplendor oriental o cortejo do vencedor franqueia as portas do palacio, arrastando os prisioneiros.

O azorrague canta no tronco nú dos vencidos, ensanguentando-lhes o dorso.

Mais aíravam vinham as mulas carregando os despojos.

Cerram-se, lentamente, as pesadas portas de bronze.

Nó dia imediato inicia-se o castigo imposto aos vencidos.

Com ferros em braza cegam-nos ante os olhos horrorizados dos que esperam a vez.

A grande atração, porém, da festa, devia ser o castigo de Cayarés, o rei vencido.

Possante escravo negro fere o gongo...

Reina profundo silêncio!

Cayarés, acorrentado como fera, é lançado, brutalmente, para o centro da grande sala, próximo ao brazeiro onde estão os ferros incandescentes.

Sérinani, ricamente trajada, é levada a presença de Sabopolasar, e obrigada a sentar-se nos

ricos almofadões a-fim-de apreciar o sacrifício de seu pae.

A um signal della obrigam Cayarés a ajoelhar-se junto do brazeiro. Cortam-lhe a barba e a negra cabelleira. Ferem-lhe a face em X com a ponta da lança. Arrancam-lhe as unhas dos pés e das mãos. Num grande retalho, tiram-lhe a pele do torax, deixando a descoberto os músculos. Põem-lhe na cabeça uma coroa de ferro cercado interiormente de uma serrilha.

O infeliz não solta um ai, nem verte uma lágrima.

A filha, apavorada e horrorizada ante tão ingente barbaridade, não consegue articular uma palavra e jáz prostrada nos almofadões, immovel, de olhos desmesuradamente abertos, com respiração ofegante.

Na fronte altaiva do prisioneiro, com ferros em brasa, fazem signaes...

Cegam-nos, enfim! Um urro de animal ferido se ouve.

Entre os assistentes corre um arrepião de horror.

Não satisfeito, o satanico vencedor, chama o carrasco e, em segredo, emite uma ordem.

Todos os convivas parecem, antecipadamente, sentir, o pavor da nova cena barbara, que vão presenciar.

O escravo approxima-se do infeliz. Amola, cuidadosamente, a larga lamina de uma faca de sacrificios. Depois, com requinte de selvageria, retalha os músculos do lado esquerdo; com um martelete quebra duas costellas e, pelo vao, arranca, com um movimento brusco o coração que ainda pulsava. O corpo tomba no solo.

Sabopolasar, rindo como um louco, toma dum copo e levanta, sarcasticamente, um brinde ao morto.

Como despertada de um pesadelo, Sérinani, levanta-se de um salto e, a elle, pede musica, pois, tem vontade de dansar para o grande monarca.

Veem os musicos.

Ella agora está dansando. Os véus multicolores agitam-se, histericamente, numa dança voluptuosa e, impetuosamente sensual.

Sabopolasar não desprega os olhos da bailarina que parece adejar no immenso salão. O

José Ruy, filhinho do sr. Paulo E. dos Santos Bastos, chefe da Repartição dos Correios e Telegraphos em Barra do Corda, e de sua dilecta esposa d. Helena Mussalem Rocha

A VINGANÇA DE SÉRINANI

TARQUINIO NETTO

Abriram-se as grandes portas do palacio de Sabopolasar, rangendo nos gonzos.

Os leões hieraticos, talhados em granito, brilhavam aos raios de sol.

Tocaram as fanfarras.

Com todo o esplendor oriental o cortejo do vencedor franqueia as portas do palacio, arrastando os prisioneiros.

O azorrague canta no tronco nú dos vencidos, ensanguentando-lhes o dorso.

Mais atraç vinham as mulas carregando os despojos.

Cerram-se, lentamente, as pesadas portas de bronze.

Nó dia imediato inicia-se o castigo imposto aos vencidos.

Com ferros em braza cegam-nos ante os olhos horrorizados dos que esperam a vez.

A grande atração, porém, da festa, devia ser o castigo de Cayarés, o rei vencido.

Possante escravo negro fere o gongo...

Reina profundo silêncio!

Cayarés, acorrentado como fera, é lançado, brutalmente, para o centro da grande sala, próximo ao brazeiro onde estão os ferros incandescentes.

Sérinani, ricamente trajada, é levada a presença de Sabopolasar, e obrigada a sentar-se nos

ricos almofadões a-fim-de apreciar o sacrifício de seu pae.

A um signal della obrigam Cayarés a ajoelhar-se junto do brazeiro. Cortam-lhe a barba e a negra cabelleira. Ferem-lhe a face em X com a ponta da lança. Arrancam-lhe as unhas dos pés e das mãos. Num grande retalho, tiram-lhe a pele do torax, deixando a descoberto os músculos. Põem-lhe na cabeça uma coroa de ferro cercado interiormente de uma serrilha.

O infeliz não solta um ai, nem verte uma lágrima.

A filha, apavorada e horrorizada ante tão ingente barbaridade, não consegue articular uma palavra e jáz prostrada nos almofadões, immovel, de olhos desmesuradamente abertos, com respiração ofegante.

Na fronte altaiva do prisioneiro, com ferros em brasa, fazem signaes...

Cegam-nos, enfim! Um urro de animal ferido se ouve.

Entre os assistentes corre um arrepião de horor.

Não satisfeito, o satanico vencedor, chama o carrasco e, em segredo, emite uma ordem.

Todos os convivas parecem, antecipadamente, sentir, o pavor da nova scena barbara, que vão presenciar.

O escravo approxima-se do infeliz. Amola, cuidadosamente, a larga lamina de uma faca de sacrificios. Depois, com requinte de selvageria, retalha os músculos do lado esquerdo; com um martelete quebra duas costellas e, pelo vao, arranca, com um movimento brusco o coração que ainda pulsava. O corpo tomba no solo.

Sabopolasar, rindo como um louco, toma dum copo e levanta, sarcasticamente, um brinde ao morto.

Como despertada de um pesadelo, Sérinani, levanta-se de um salto e, a elle, pede musica, pois, tem vontade de dansar para o grande monarca.

Veem os musicos.

Ella agora está dansando. Os véus multicos agitam-se, histericamente, numa dansa volutuosa e, impetuosamente sensual.

Sabopolasar não desprega os olhos da bailarina que parece adejar no immenso salão. Os

José Ruy, filhinho do sr. Paulo E. dos Santos Bastos, chefe da Repartição dos Correios e Telegraphos em Barra do Corda, e de sua dilecta esposa d. Helena Mussalem Rocha

SI VANCÉ SUBESSE.

Lendo Catulo, o autêntico e inimitável bardo nacional, a quem, modestamente, offereço este ensaio poético, em metro livre.

—Ah! **seu** móço, si vancé subésse...
Si vancé subésse o tanto qui eu sufri
pula a Maróca, do Mané Rainundo!...
Si vancé **seu** móço, subésse...

Avalei só qui a Maróca,
a vêiz preméra qui os seus óios grande,
nos óios meus, divéra, si craváro,
eu sinti, no meu corpo uma friage,
tão danada, qui fiquei bem tréis hora
tremendo qui nem vara verde fincada na cor-
rentêza...

Adispois... quando ela me falou,
cum a sua voz bunita cumo a do guriatan,
de manhã cedinho, no cume das parnêras
—foi lá no arraiá da igrêja do Divino,
no meio de tôdo aquêle povaréu — eu fiquei
—sérozinho! — cum o meu coração mais móle
que a pivida do mamão qui inda nem tá di-
vêiz!...

Munto adispois — bem um bandão de sumana — —
nóis dois, antão, nos amêmo...
Eu quiria tanto ela... Munto mais,
seu móço, do qui eu quiz a preméra
camisa qui minha mãe me deu!...

olhos do rei brilham de volupia e todo seu corpo
frême de desejos.

Ella dansa ainda, cada vez mais nua.
Contrastando com o corpo bronzeo, o véu
branco parece um raio de luar mordendo em furia
os seios erguidos e tenros, com o perfume pe-
caminoso de carne moça.

Approxima-se delles, com andar felino, olhos
semi-cerrados, ofegantes, espalhando no ar o aroma
de seus vinte annos em flôr. Elle levanta-se e
caminha para ella que o abraça com furia, co-
ando seus labios aos delle.

Sabopolasar tombou por terra com a faca de
acrifícios cravada soob a espadua esquerda...

S. Luiz, 2-8-39.

Pois a Maróca...
Si vancé subésse o qui a cabôca
feiz cumigo, qui amava tanto ela!...

A Maróca, **seu** móço, quando,
lá na fazenda, Mané Reimundo chegou,
foi-se prú lado dêle toda se facerando,
e, cum a mais maiô das mardade, a cabôca me
deixou!...

E, agora, aqui éla tá casada cum Mané Reimundo,
eu vivo só pensando néla,
segundo os passo déla,
de longe, sem corage de oiá mais
prus óios seus da cô da noite,
sofrendo, sofrendo calado e triste,
sem dizê nada, **seu** móço, pru que vou vendo
que éla gosta daquêle danado
tanto quanto eu gosto déla!...

ALCIMIRO SAINT CLAIR



Glyta Iamblouky, cantora lírica da Radio Ipanema

SI VANCE SUBESSE...

Lendo Catulo, o autêntico e inimitável bardo nacional, a quem, modestamente, offereço este ensaio poético, em metro livre.

—Ah! **seu** móço, si vancê subésse...
Si vancê subésse o tanto qui eu sufri
pula a Maróca, do Mané Rainundo!...
Si vancê **seu** móço, subésse...

Avalei só qui a Maróca,
a vêiz preméra qui os seus óios grande,
nos óios meus, divéra, si craváro,
eu sinti, no meu corpo uma friage,
tão danada, qui fiquei bem tréis hora
tremendo qui nem vara verde fincada na cor-
rentêza...

Adispois... quando ela me falou,
cum a sua voz bunita cumo a do guriatan,
de manhã cedinho, no cume das parnêras
—foi lá no arraiá da igrêja do Divino,
no meio de tôdo aquêle povaréu — eu fiquei
—sérozinho! — cum o meu coração mais móle
que a pivida do mamão qui inda nem tá di-
vêiz!...

Munto adispois — bem um bandão de sumana — —
nóis dois, antão, nos amêmo...
Eu quiria tanto ela... Munto mais,
seu móço, do qui eu quiz a preméra
camisa qui minha mãe me deu!...

olhos do rei brilham de volupia e todo seu corpo
frême de desejos.

Ella dansa ainda, cada vez mais nua.

Contrastando com o corpo bronzeo, o véu
branco parece um raio de luar mordendo em furia
os seios erguidos e tenros, com o perfume pe-
caminoso de carne moça.

Approxima-se delles, com andar felino, olhos
semi-cerrados, ofegantes, espalhando no ar o aroma
de seus vinte annos em flôr. Elle levanta-se e
caminha para ella que o abraça com furia, co-
ando seus labios aos delle.

Sabopolasar tombou por terra com a faca de
acrifícios cravada soob a espadua esquerda...

S. Luiz, 2-8-39.

Pois a Maróca...
Si vancê subésse o qui a cabôca
feiz cumigo, qui amava tanto ela!...

A Maróca, **seu** móço, quando,
lá na fazenda, Mané Reimundo chegou,
foi-se prú lado dêle toda se facerando,
e, cum a mais maiô das mardade, a cabôca me
deixou!...

E, agora, aqui ela tá casada cum Mané Reimundo,
eu vivo só pensando néla,
segundo os passo déla,
de longe, sem corage de oiá mais
prus óios seus da cô da noite,
sofrendo, sofrendo calado e triste,
sem dizê nada, **seu** móço, pru que vou vendo
que ela gosta daquêle danado
tanto quanto eu gosto déla!...

ALCIMIRO SAINT CLAIR



Glyta Iamblouky, cantora lírica da Radio Ipanema

As três pequenas da "Guanabara"

Maria Baptista, Aida Branca e Rachel Martins — Tres radiosas promessas do Radio Brasileiro — Jovens, lindas e com "balagandans" na voz

Chronica de Jack Duck, especialmente para ATHENAS.

Embora muita gente não saiba, o Maranhão tem dado bons nomes para o "broadcasting" brasileiro e mesmo estrangeiro. Muitos jovens daqui

labora em diversas revistas cariocas, especialmente "Cruzeiro" e "Carioca". Agora será também colaborador assíduo de ATHENAS, brindando constantemente as nossas leitoras com interessantes reportagens sobre a vida radiophônica da metrópole.

Maria Baptista, Aida Branca e Rachel Martins são três pequenas que apareceram outro dia, repentinamente, no rádio carioca. São modestas, mas surgiram de modo diferente, fazendo barulho, muito barulho. Deixando muita gente velha no rádio tonta de inveja. Alcançando sucessos cada vez maiores. Cantam sambas. E os chronis-



Maria Baptista



Aida Branca

sahidos obscuramente, empregam hoje sua actividade nas estações de rádio do Rio, S. Paulo e outros Estados, como locutores, cantores, compositores, músicos e cronistas e humoristas característicos. Basta lembrar os nomes de Chrispim Martin, que actua como "speaker" das grandes emissoras dos Estados Unidos, Arnaldo Chaves, locutor no Rio, Eleazar Campos Filho, Dilú Mello e outros. Jack Duck, que assina esta chronica para ATHENAS é também maranhense. Saíu daqui estudante e no Rio ingressou no jornalismo, especializando-se como cronista de rádio. Col-

tas especializados teceram comentários elogiosos em torno da radiosá promessa que elas representam para o "broadcasting" brasileiro, que vem

As três pequenas da "Guanabara"

Maria Baptista, Aida Branca e Rachel Martins — Tres radiosas promessas do Radio Brasileiro — Jovens, lindas e com "balagandans" na voz

Chronica de Jack Duck, especialmente para ATHENAS.

Embora muita gente não saiba, o Maranhão tem dado bons nomes para o "broadcasting" brasileiro e mesmo estrangeiro. Muitos jovens daqui

labora em diversas revistas cariocas, especialmente "Cruzeiro" e "Carioca". Agora será também colaborador assíduo de ATHENAS, brindando constantemente as nossas leitoras com interessantes reportagens sobre a vida radiophônica da metrópole.

Maria Baptista, Aida Branca e Rachel Martins são três pequenas que apareceram outro dia, repentinamente, no rádio carioca. São modestas, mas surgiram de modo diferente, fazendo barulho, muito barulho. Deixando muita gente velha no rádio tonta de inveja. Alcançando sucessos cada vez maiores. Cantam sambas. E os chronis-



Maria Baptista

sahidos obscuramente, empregam hoje sua actividade nas estações de rádio do Rio, S. Paulo e outros Estados, como locutores, cantores, compositores, músicos e cronistas e humoristas característicos. Basta lembrar os nomes de Chrispim Martin, que actua como "speaker" das grandes emissoras dos Estados Unidos, Arnaldo Chaves, locutor no Rio, Eleazar Campos Filho, Dilú Mello e outros. Jack Duck, que assina esta chronica para ATHENAS é também maranhense. Saíu daqui estudante e no Rio ingressou no jornalismo, especializando-se como cronista de rádio. Col-



Aida Branca

tas especializados teceram comentários elogiosos em torno da radiosá promessa que elas representam para o "broadcasting" brasileiro, que vem

soffrendo ultimamente uma verdadeira crise. Artistas que ha cinco annos eram "cartaz" nas antenas de nossas emissoras, continuam pontificando, por falta de substitutos, e continuam, embora

A' beira da estrada

LUSO TORRES



Raquel Martins

batidos e já sem atractivos, como "astros" queridos do momento.

E por que tudo isso? A resposta já foi dada acima: falta de novos valores, ou melhor, valeres novos. Mas aqui não cabem commentarios sobre esse assumpto. Esta chronica despretenciosa, escripta para **ATHENAS**, que por estar longe deve ficar fóra de certos segredos desagradaveis de "studio", quer apenas focalizar os nomes de tres jovens bonitas que acabam de surgir na Radio Guanabara e que cantam muito bem.

Sim; Maria Baptista, Aida Branca surgiram outro dia. Mas já actuam no principal e melhor programma da Radio Guanabara. Representam mesmo uma victoria para a popular emissora carioca, que as "descobriu". Ellas então emprestam seu concurso ao bello programma de musica leve institulado "Canta a Mocidade", que é irradiado diariamente das 18 ás 19 horas e pode ser ouvido pelos radio-ouvintes de S. Luiz.

Essas tres interessantes artistazinhas que, esperançosas, caminham para o "estrellato" do radio nacional, só cantam sambas. E, como ninguem, sabem sentir e transmittir todo o vigor da nossa musica, tropical e nervosa, de rythmos onde dominam e explodem batuques barbaros e trepidantes, numa evocação de melodias africanas.

As tres pequenas da Guanabara vão longe...

Fresca, magnifica, louçã,
Vem chegando a manhã.

Canta um galo no meu terreiro,
Respondem outros galos lá por fóra:
Lembra-me Rostand,
Lembra-me Guerra Junqueiro

E o rosiclé da aurora,
Penachinos de fumo sobre as Casas...

Ha' gorgeios no ar, rumores de asas,
Vem um homem fumando o seu charuto,
Estaca sob uma arvore copada;
E indago: — por que vai aquelle bruto
Conspurcando a pureza da alvorada? ...



Senhorita Heloisa Mendonça Silva, fino ornamento da nossa sociedade e filha do sr Isidoro de Jesus e Silva que concluiu com brilhantismo o curso de Professora Normalista e por esse tão grandioso evento foi bastante cumprimentada

Estão creando cartaz. E são ainda muito jovens. Maria Baptista é paulista e tem 15 annos de idade. Aida Branca é carioca e conta 16 annos. Rachel Martins é tambem carioca e tambem tem 15 annos. Mas todas tres formam um só e harmonioso conjunto vocal, que a gente gosta de ouvir.

E o pior é que todas tres, sendo de tipos diferentes, são todas tres bonitas.

soffrendo ultimamente uma verdadeira crise. Artistas que ha cinco annos eram "cartaz" nas antenas de nossas emissoras, continuam pontificando, por falta de substitutos, e continuam, embora

A' beira da estrada

LUSO TORRES



Raquel Martins

batidos e já sem atractivos, como "astros" queridos do momento.

E por que tudo isso? A resposta já foi dada acima: falta de novos valores, ou melhor, valeres novos. Mas aqui não cabem commentarios sobre esse assumpto. Esta chronica despretenciosa, escripta para **ATHENAS**, que por estar longe deve ficar fóra de certos segredos desagradaveis de "studio", quer apenas focalizar os nomes de tres jovens bonitas que acabam de surgir na Radio Guanabara e que cantam muito bem.

Sim; Maria Baptista, Aida Branca surgiram outro dia. Mas já actuam no principal e melhor programma da Radio Guanabara. Representam mesmo uma victoria para a popular emissora carioca, que as "descobriu". Ellas então emprestam seu concurso ao bello programma de musica leve institulado "Canta a Mocidade", que é irradiado diariamente das 18 ás 19 horas e pode ser ouvido pelos radio-ouvintes de S. Luiz.

Essas tres interessantes artistazinhas que, esperançosas, caminharam para o "estrellato" do radio nacional, só cantam sambas. E, como ninguem, sabem sentir e transmittir todo o vigor da nossa musica, tropical e nervosa, de rythmos onde dominam e explodem batuques barbaros e trepidantes, numa evocação de melodias africanas.

As tres pequenas da Guanabara vão longe...

Fresca, magnifica, louçã,
Vem chegando a manhã.

Canta um galo no meu terreiro,
Respondem outros galos lá por fóra:
Lembra-me Rostand,
Lembra-me Guerra Junqueiro

E o rosiclé da aurora.
Penachinos de fumo sobre as Casas...

Ha' gorgeios no ar, rumores de asas,
Vem um homem fumando o seu charuto,
Estaca sob uma arvore copada;
E indago: — por que vai aquelle bruto
Conspurcando a pureza da alvorada ? ...



Senhorita Heloisa Mendonça Silva, fino ornamento da nossa sociedade e filha do sr Isidoro de Jesus e Silva que concluiu com brilhantismo o curso de Professora Normalista e por esse tão grandioso evento foi bastante cumprimentada

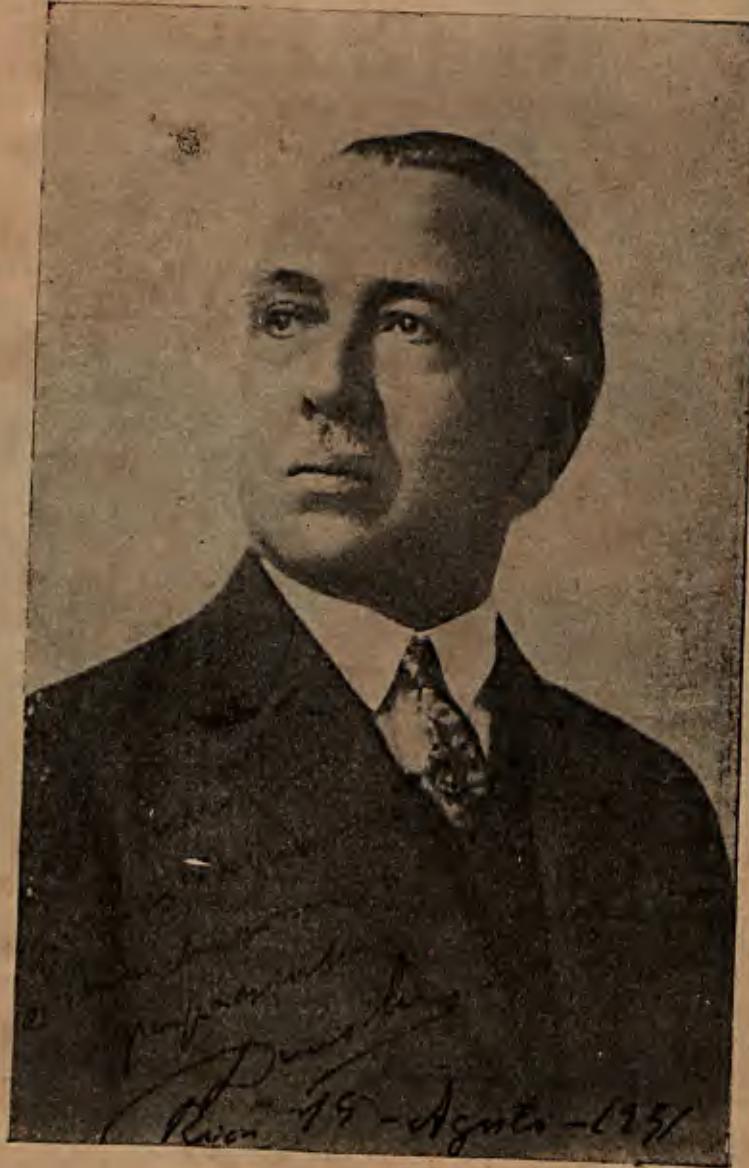
Estão creando cartaz. E são ainda muito jovens. Maria Baptista é paulista e tem 15 annos de idade. Aida Branca é carioca e conta 16 annos. Rachel Martins é tambem carioca e tambem tem 15 annos. Mas todas tres formam um só e harmonioso conjunto vocal, que a gente gosta de ouvir.

E o pior é que todas tres, sendo de typos diferentes, são todas tres bonitas.

UM CAPÍTULO INEDITO DO ROMANCE

O "CAPTIVEIRO"

DE DUNSCHEE DE ABRANCHES



Dunshee de Abranches

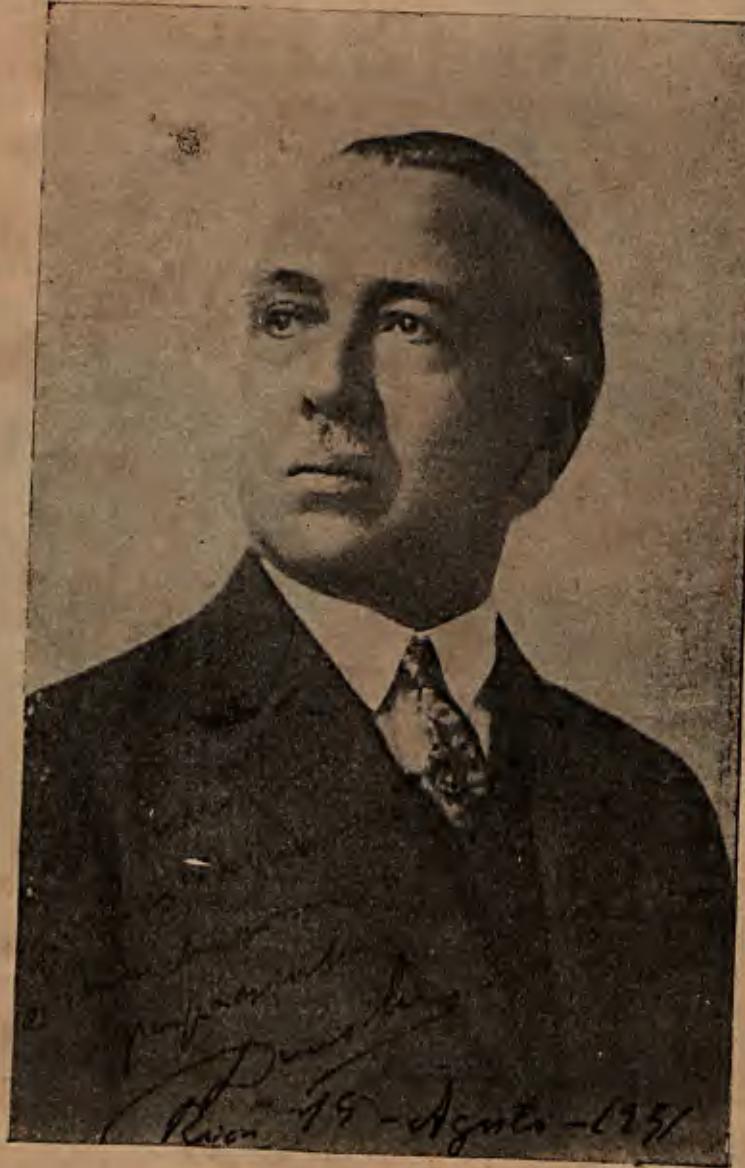
ATHENAS abre prazerosamente as suas colunas para a publicidade do primeiro capítulo de "O Captiveiro", romance inedito do illustre escritor maranhense Dunshee de Abranches.

O consagrado poesographo maranhense, que vento realizando, no Brasil, o verdadeiro romance historico, honra-nos, sobremaneira, com a distincção, que deu á ATHENAS, oferecendo-lhe esse

UM CAPÍTULO INEDITO DO ROMANCE

O "CAPTIVEIRO"

DE DUNSCHEE DE ABRANCHES



Dunshee de Abranches

ATHENAS abre prazerosamente as suas colunas para a publicidade do primeiro capítulo de "O Captiveiro", romance inedito do illustre escritor maranhense Dunshee de Abranches.

O consagrado poesigrapho maranhense, que vento realizando, no Brasil, o verdadeiro romance historico, honra-nos, sobremaneira, com a distincção, que deu á ATHENAS, oferecendo-lhe esse

pagina vigorosa do seu novo livro prestes a sahir.

A · MINHA MÃE PRETA

Mi'ama — assim nos acostumamos a chamar a Emilia, mulata clara, de dentes alvíssimos, colo setinoso e alto, braços roliços terminando em pulsos finos e delicados, sempre cobertos por seis fios de rubros coraes, entremeiados de ouro, presente de minha mãe no dia do meu baptizado.

Todos a elogiavam e lhe queriam bem. Era tida como uma das raparigas mais lindas de S. Luiz do Maranhão. Sempre alegre, risonha sempre, mas respeitosa e humilde, camisa muito rendada, saia redonda acima dos tornoselos esculturaes, quando andava, mal tocavam o solo os pés pequenos, pela metade calçados em sandalias de salto alto, moda exclusiva no tempo das captivas de estimação.

Teciam-lhe romances e enredos em torno dessa mestiça e de outras não menos famosas da época, cujas senhoras tinham orgulho em possuir-las e não se desfaziam delas por preço algum. Negociantes ricos e celibatarios as disputavam para companheiras; e muitas vezes não conseguiam obte-las, quer por compra, quer por alforria. Contra a vontade do dono, o escravo nada podia então: nem lei nem juiz por elle tinha. E **Mi'ama**, apesar de todas as suas prendas e de todas as suas bondades, tendo amamentado maternalmente filhos de seus donos e de outras nobres famílias da terra, jamais pudera conquistar a sua libertação. D. Evarinta Serra, sua senhora, desculpava-se sempre de não lhe dar a liberdade pelas suas proprias mãos ou pelas offertas de outros, dizendo que a bella mulata era a mais preciosa e estimada das suas joias...

A muito custo, fôra redimida, por occasião do baptismo, no dia de S. Benedicto, pelo pae, um portuguez bondoso e apacatado, a Amelia, sua primogenita, cafusa mais escura do que ella, mas não menos formosa e trabalhadeira. Criada por uma familia que devia á **Mi'ama** a salvação de uma criança debil e rachitica, que fortalecera com o seu leite são e puro, essa sua filha, mais feliz do que ella, apprendera a ler e escrever; crescerá sempre robusta e sadia; e, virgem ainda aos 27 annos, repelia systematicamente todas as propostas de casamento ou de sedução, com umas risadas crystalinas e rythmadas, dizendo que só pensaria em amôres no dia em que tirasse a sua mãe do cativeiro.

Amelia fôra alcunhada pela gente da terra de **Princeza da Calçada do Açoegue**. Nos baixos do sobradinho, onde ahí residia, ajudada por seus dois irmãos que já alforriára, abriu uma quitanda; e, desde a madrugada até á Ave Maria, vivia em uma incessante labuta, a vender café, mingau de



Bibi Ferreira, artista de Mayrink Veiga, interprete de Sambas. Bibi é filha do grande comicó **Procopio Ferreira**

milho, carúrú, arroz de cuchá, folhê, manuê e cuscús aos cabôclas, que vinham offerecer os seus productos no mercado, e aos caixeiros e criados que passavam e repassavam para o centro da cidade. Não lhe faltavam admiradores e pretendentes; gozava de **bôa roda**; mas se, para todos tinha a réplica facil e alacré, para ninguem olhava na sua lida, murmuravam á boca pequena, absorvida pela paixão dominante de ganhar... de ganhar muito dinheiro. E minha irmã Amelia, de quem recebera o nome, pois ambas haviam sorvido o leite dos mesmos seios bemfazejos e fecundos, era a sua confidente e o seu banqueiro, a quem cada vez entregava religiosamente os lucros do negocio.

Foi assim um dia de grande alegria para a **Princeza da Calçada do Açoegue**, quando a sua companheira de infância lhe anunciou que as economias em seu poder tinham attingido a um conto e duzentos mil réis!

Éra vespera da festa de S. Benedicto, epheméride essa quasi sempre cahindo nos ultimos dias de Abril.

As chuvas nesse mez são as mais copiosas e torrentiaes da Ilha de S. Luiz; mas a credice popular, de geração em geração, vem affirmando que, no dia da procissão do negro Thaumaturgo, a tarde é sempre magnifica se o deixam sahir á rua com o seu habito velho, já muito desbotado pela accão do tempo. Durante a missa festiva, era

pagina vigorosa do seu novo livro prestes a sahir.

A · MINHA MÃE PRETA

Mi'ama — assim nos acostumamos a chamar a Emilia, mulata clara, de dentes alvissimos, colo setinoso e alto, braços roliços terminando em pulsos finos e delicados, sempre cobertos por seis fios de rubros coraes, entremeiados de ouro, presente de minha mãe no dia do meu baptizado.

Todos a elogiavam e lhe queriam bem. Era tida como uma das raparigas mais lindas de S. Luiz do Maranhão. Sempre alegre, risonha sempre, mas respeitosa e humilde, camisa muito rendada, saia redonda acima dos tornoselos esculturaes, quando andava, mal tocavam o solo os pés pequenos, pela metade calçados em sandalias de salto alto, moda exclusiva no tempo das captivas de estimação.

Teciam-lhe romances e enredos em torno dessa mestiça e de outras não menos famosas da época, cujas senhoras tinham orgulho em possuir-las e não se desfaziam delas por preço algum. Negociantes ricos e celibatarios as disputavam para companheiras; e muitas vezes não conseguiam obte-las, quer por compra, quer por alforria. Contra a vontade do dono, o escravo nada podia então: nem lei nem juiz por elle tinha. E **Mi'ama**, apesar de todas as suas prendas e de todas as suas bondades, tendo amamentado maternalmente filhos de seus donos e de outras nobres familias da terra, jamais pudera conquistar a sua libertação. D. Evarinta Serra, sua senhora, desculpava-se sempre de não lhe dar a liberdade pelas suas proprias mãos ou pelas offertas de outros, dizendo que a bella mulata era a mais preciosa e estimada das suas joias...

A muito custo, fôra redimida, por occasião do baptismo, no dia de S. Benedicto, pelo pae, um portuguez bondoso e apacatado, a Amelia, sua primogenita, cafusa mais escura do que ella, mas não menos formosa e trabalhadeira. Criada por uma familia que devia á **Mi'ama** a salvação de uma criança debil e rachitica, que fortalecera com o seu leite são e puro, essa sua filha, mais feliz do que ella, apprendera a ler e escrever; crescerá sempre robusta e sadia; e, virgem ainda aos 27 annos, repellia systematicamente todas as propostas de casamento ou de sedução, com umas risadas crystalinas e rythmadas, dizendo que só pensaria em amôres no dia em que tirasse a sua mãe do cativoиро.

Amelia fôra alcunhada pela gente da terra de **Princeza da Calçada do Açougue**. Nos baixos do sobradinho, onde ahí residia, ajudada por seus dois irmãos que já alforriára, abriu uma quitanda; e, desde a madrugada até á Ave Maria, vivia em uma incessante labuta, a vender café, mingau de



Bibi Ferreira, artista de Mayrink Veiga, interprete de Sambas. Bibi é filha do grande comicó **Procopio Ferreira**

milho, carúru, arroz de cuchá, folhê, manuê e cuscús aos cabôclas, que vinham offerecer os seus productos no mercado, e aos caixeiros e criados que passavam e repassavam para o centro da cidade. Não lhe faltavam admiradores e pretendentes; gozava de **bôa roda**; mas se, para todos tinha a réplica facil e alacré, para ninguem olhava na sua lida, murmuravam á boca pequena, absorvida pela paixão dominante de ganhar... de ganhar muito dinheiro. E minha irmã Amelia, de quem recebera o nome, pois ambas haviam sorvido o leite dos mesmos seios bemfazejos e fecundos, era a sua confidente e o seu banqueiro, a quem cada vez entregava religiosamente os lucros do negocio.

Foi assim um dia de grande alegria para a **Princeza da Calçada do Açougue**, quando a sua companheira de infancia lhe anunciou que as economias em seu poder tinham attingido a um conto e duzentos mil réis!

Era vespera da festa de S. Benedicto, epheméride essa quasi sempre cahindo nos ultimos dias de Abril.

As chuvas nesse mez são as mais copiosas e torrentiaes da Ilha de S. Luiz; mas a credice popular, de geração em geração, vem affirmando que, no dia da procissão do negro Thaumaturgo, a tarde é sempre magnifica se o deixam sahir á rua com o seu habito velho, já muito desbotado pela accão do tempo. Durante a missa festiva, era



Santa Quiteria — um trecho da praça da Matriz, por occasião da festa da padroeira e o edificio onde funciona a Prefeitura

uso annos antes fazerem-se as tradicionaes liberações na pia de pequenos escravos, ora concedidas pelos proprios senhores, reconhecidos ás suas bôas servas, ora custeadas pelos cofres da "Sociedade Manumissora", fundada pelo grande philantropo Dr. Antonio Marques Rodrigues. Mas a pratica desses actos de benemerencia para com os captivos em geral prolongou-se muito além da lei 28 de Setembro.

Mulata esperta e sagaz, a filha de Mi'ama imaginára logo um plano engenhoso para redimil-a; offereceria todas as suas economias á D. Evarinta; e esta passaria a carta de alforria á sua mãe como se fosse um acto espontaneo de seu co-ração caritativo.

Eu tinha então sete annos; e, como filho mais moço de criação da cubicada mestiça, escolheram-me para ir com ella e a Amelia á residencia do Senador Antonio Marcelino Nunes Gonçalves, depois Visconde de S. Luiz do Maranhão, luxuoso palacete onde, no Largo do Carmo, habitava a nobre Senhora de minha ama de leite.

Ha reminiscencias que jamais se apagam das almas das crianças. Lembro-me bem da pequena caixa de tartaruga, quasi repleta de patacões e pratas de mil réis, confiada ás minhas mãos por minha irmã e madrinha que, repetidas vezes, me

ensinára o que deveria dizer ao entregar a somma a D. Evarinta.

Ao vêr-me, a illustre matrona sentou-me ao collo, pois era muito amiga de uma tia minha, e acariciou-me ternamente. Mas, quando a **Princesa da Calçada do Açoougue**, sem mais rodeios, no seu desembarço e loquacidade de mucama livre, lhe explicou o fim daquella visita, cerrou sombriamente os sobr'olhos guardando por alguns segundos um reconcentrado silencio.

Nesse momento, apparecia á entrada da varanda a figura secca e aristocrática do illustre senador que fôra logo abraçando affectuosamente Mi'ama antes que se ajoelhasse para beijar-lhe a dextra. Amelia, com olhos avidos e supplices, explicou-lhe soffregamente o que vinha pleitear. A D. Evarinta, entretanto, como que percebendo o desejo intimo do eminente parlamentar, que era um liberal de coração e de principios, de conceder essa graça á sua humilde escrava, mãe preta que fôra dos seus entes mais queridos, precipitou a sua decisão antes que pudesse elle proferir uma palavra:

—Agora, não: minha filha, não posso dar a alforria á tua mãe.

—Mas eu trouxe o conto de réis que a senhora



Santa Quiteria — um trecho da praça da Matriz, por occasião da festa da padroeira e o edificio onde funciona a Prefeitura

uso annos antes fazerem-se as tradicionaes liberações na pia de pequenos escravos, ora concedidas pelos proprios senhores, reconhecidos ás suas bôas servas, ora custeadas pelos cofres da "Sociedade Manumissora", fundada pelo grande philantropo Dr. Antonio Marques Rodrigues. Mas a pratica desses actos de benemerencia para com os captivos em geral prolongou-se muito além da lei 28 de Setembro.

Mulata esperta e sagaz, a filha de **Mi'ama** imaginára logo um plano engenhoso para redimil-a; offereceria todas as suas economias á D. Evarinta; e esta passaria a carta de alforria á sua mãe como se fosse um acto espontaneo de seu co-ração caritativo.

Eu tinha então sete annos; e, como filho mais moço de criação da cubicada mesticha, escolheram-me para ir com ella e a Amelia á residencia do Senador Antonio Marcelino Nunes Gonçalves, depois Visconde de S. Luiz do Maranhão, luxuoso palacete onde, no Largo do Carmo, habitava a nobre Senhora de minha ama de leite.

Ha reminiscencias que jamais se apagam das almas das crianças. Lembro-me bem da pequena caixa de tartaruga, quasi repleta de patacões e pratas de mil réis, confiada ás minhas mãos por minha irmã e madrinha que, repetidas vezes, me

ensinára o que deveria dizer ao entregar a somma a D. Evarinta.

Ao vêr-me, a illustre matrona sentou-me ao collo, pois era muito amiga de uma tia minha, e acariciou-me ternamente. Mas, quando a **Princesa da Calçada do Açougue**, sem mais rodeios, no seu desembarço e loquacidade de mucama livre, lhe explicou o fim daquella visita, cerrou sombriamente os sobr'olhos guardando por alguns segundos um reconcentrado silencio.

Nesse momento, apparecia á entrada da varanda a figura secca e aristocrática do illustre senador que fôra logo abraçando affectuosamente **Mi'ama** antes que se ajoelhasse para beijar-lhe a dextra. Amelia, com olhos avidos e supplices, explicou-lhe soffregamente o que vinha pleitear. A D. Evarinta, entretanto, como que percebendo o desejo intimo do eminente parlamentar, que era um liberal de coração e de principios, de conceder essa graça á sua humilde escrava, mãe preta que fôra dos seus entes mais queridos, precipitou a sua decisão antes que pudesse elle proferir uma palavra:

—Agora, não: minha filha, não posso dar a alforria á tua mãe.

—Mas eu trouxe o conto de réis que a senhora

pediu: posso mesmo dar-lhe mais duzentos mil réis, supplicou Amelia.

—Já te disse: agora não! Bem sabes que não posso passar sem a Amilia; é quem me trata nas minhas doenças: e, como vamos para a Corte nestes dias, preciso que me acompanhe, e lá então decidirei com ella o que desejas e eu quero fazer...

Uma revolta subita agitou-me o coração. Desci bruscamente do collo da illustre matrona e atrei-me a soluçar nos braços de **Mi'ama** que fitava humildemente o chão.

Ao sahirmos, a **Princeza da Calçada do Açougue**, mal contendo as lagrimas, esbravejou:

—Isso não pôde ficar assim: você embarca, minha mãe, e eu vou atraç. Lá, no Rio, ha de haver juizes. Irei até aos pés do Imperador!

Effectivamente, dois meses depois de ter seguido para a Corte o honrado representante maranhense, a filha de **Mi'ama** tambem se fazia de viagem para o sul. Ia só, confiante no seu admirável amôr filial e convencida de que S. Benedicto, a cuja procissão acompanhára atraç do andor, cheia de fé e de esperanças, não a desampararia nessa missão sacratissima.

No mesmo dia em que desembarcava no Cáes Pharoux, antes mesmo de procurar vêr a sua querida progenitora, Amelia, a astuta e corajosa mulata, que conseguira vencer no pequeno commerçio de S. Luiz, economizando dia a dia, sórdidamente, todo o producto do seu trabalho para arrancar a sua mãe do captiveiro, encaminhava-se directamente para o velho palacio do Conde d'Arcos, no Campo de Sant'Anna. E alli, á porta do Senado, aguardava a entrada do integro magistrado e insigne parlamentar que era o futuro Visconde de S. Luiz do Maranhão.

Ao descer do seu **coupé**, o Senhor Nunes Gonçalves não pôde occultar a surpreza de ver alli a bella e trefega filha da melhor de suas escravas. Mas a **Princeza da Calçada do Açougue** não o deixou falar e foi-lhe entregando um embrulho, dizendo açodadamente:

—Ahi está meu bom Senhor, tudo o que pude juntar para alforriar a minha Mãe.

O egregio politico sorriu compassivamente, e disse-lhe cheio de bondade:

—Vem'até aqui. E, alli mesmo, sobre a meza da portaria do Senado, passou, á revelia de sua dona, a carta de liberdade de Emilia.

D. Evarinta, senhora maranhense, coração bem formado e caridoso, oriunda de tradicional famí-



Imagen do Sagrado Coração de Jesus, venerada na cidade de Vianna, a Veneza Maranhense

Saber resistir á violencia é forte, mas vulgar; saber resistir á calumnia e aos motejos é maior esforço e mais raro. — A. Herculano

lia de S. Luiz e tia do grande abolicionista Joaquim Serra, se se aborreceu com o acto magnânimo do eminente estadista, que tanto a queria, não o demonstrou todavia ao receber, horas depois, a visita da extremosa e brava filha de **Mi'ama**. E, na hora de regressarem ao Maranhão as duas mestras, lá se achava no cáes o poderoso e venerando Conselheiro de Estado, para, juntamente com uma valiosa esportula, levar o ultimo abraço de despedida e reconhecimento a sua fiel e dedicada ex-escrava.

Semanas depois, a **Princeza da Calçada do Açougue** tambem dava alegres e definitivos adeus á sua variegada freguesia de tantos annos de brutal labuta; e, atravez das catadupas de suas sadias e cristalinas risadas, dizia a todos que a interpelavam:

—Agora, sim: é que vou saber o que é o amôr!...

pediu: posso mesmo dar-lhe mais duzentos mil réis, supplicou Amelia.

—Já te disse: agora não! Bem sabes que não posso passar sem a Amilia; é quem me trata nas minhas doenças: e, como vamos para a Corte nestes dias, preciso que me acompanhe, e lá então decidirei com ella o que desejas e eu quero fazer...

Uma revolta subita agitou-me o coração. Desci bruscamente do collo da illustre matrona e atrei-me a soluçar nos braços de **Mi'ama** que fitava humildemente o chão.

Ao sahirmos, a **Princeza da Calçada do Açougue**, mal contendo as lagrimas, esbravejou:

—Isso não pôde ficar assim: você embarca, minha mãe, e eu vou atraç. Lá, no Rio, ha de haver juizes. Irei até aos pés do Imperador!

Effectivamente, dois meses depois de ter seguido para a Corte o honrado representante maranhense, a filha de **Mi'ama** tambem se fazia de viagem para o sul. Ia só, confiante no seu admirável amôr filial e convencida de que S. Benedicto, a cuja procissão acompanhára atraç do andor, cheia de fé e de esperanças, não a desampararia nessa missão sacratissima.

No mesmo dia em que desembarcava no Cáes Pharoux, antes mesmo de procurar vêr a sua querida progenitora, Amelia, a astuta e corajosa mulata, que conseguira vencer no pequeno commerçio de S. Luiz, economizando dia a dia, sórdidamente, todo o producto do seu traballo para arrancar a sua mãe do captiveiro, encaminhava-se directamente para o velho palacio do Conde d'Arcos, no Campo de Sant-Anna. E alli, á porta do Senado, aguardava a entrada do integro magistrado e insigne parlamentar que era o futuro Visconde de S. Luiz do Maranhão.

Ao descer do seu **coupé**, o Senhor Nunes Gonçalves não pôde occultar a surpreza de ver alli a bella e trefega filha da melhor de suas escravas. Mas a **Princeza da Calçada do Açougue** não o deixou falar e foi-lhe entregando um embrulho, dizendo açodadamente:

—Ahi está meu bom Senhor, tudo o que pude juntar para alforriar a minha Mãe.

O egregio politico sorriu compassivamente, e disse-lhe cheio de bondade:

—Vem'até aqui. E, alli mesmo, sobre a meza da portaria do Senado, passou, á revelia de sua dona, a carta de liberdade de Emilia.

D. Evarinta, senhora maranhense, coração bem formado e caridoso, oriunda de tradicional famí-



Imagen do Sagrado Coração de Jesus, venerada na cidade de Vianna, a Veneza Maranhense

Saber resistir á violencia é forte, mas vulgar; saber resistir á calumnia e aos motejos é maior esforço e mais raro. — A. Herculano

lia de S. Luiz e tia do grande abolicionista Joaquim Serra, se se aborreceu com o acto magnânimo do eminente estadista, que tanto a queria, não o demonstrou todavia ao receber, horas depois, a visita da extremosa e brava filha de **Mi'ama**. E, na hora de regressarem ao Maranhão as duas mestras, lá se achava no cáes o poderoso e venerando Conselheiro de Estado, para, juntamente com uma valiosa esportula, levar o ultimo abraço de despedida e reconhecimento a sua fiel e dedicada ex-escrava.

Semanas depois, a **Princeza da Calçada do Açougue** tambem dava alegres e definitivos adeus á sua variegada freguesia de tantos annos de brutal labuta; e, atravez das catadupas de suas sadias e cristalinas risadas, dizia a todos que a interpelavam:

—Agora, sim: é que vou saber o que é o amôr!...

O QUÉPI DE BEBÊ

—Um jardinzinho, um pontar,
A casa humilde ao fundo,
Um casal, um Bebê...
Um venturoso lar.
Mas... nas voltas do mundo...

—Numa noite de Natal,
Bebê foi acordado, assustadinho,
Pelo papai, que lhe beijava a cabelleira
E lhe dizia, commovido:
Filhinho,
O papai
Lá se vai
Embora para trincheira.

Sí não voltar...
Não sei, talvez...

—O papai não pôde terminar
E beijou-lhe a cabelleira, outra vez.

Então, Bebê, sentadinho no leito,
Disse um segredo:
Papá, escuta aqui:
Si
O Menino Jesus estiver lá,
Dize-lhe que mande para mim,
Um quepi como o teu, assim...

—No relogio da torre
Souu a grande hora,
Nas doze bádaladas do Natal.
E o papae foi embora.

Veio outro dezembro.
Mamãe emagrecia de chorar.
Bebê, porém, todas as tardes,
Formava um regimento de cavallaria
No pomar;
Um regimento de chumbo,
Que o sol-pôr vinha illuminar.

Era, sempre, o papae o general
E, elle, o commandante.
Havia ferimentos e combates,
Num barulho troante.

Cargas de fuzilaria!
Iam por terra todos os ginétes
E os soldadinhos de metal,
Em tropel!
Bebê rasgava os seus capacetes
De papel
E dizia:

Mamã, olha aqui,
Não chores mais,
Olha, aqui está:
O commandante sou eu
E o general é o papá!
Não é?
Olha, mamã, o general não morreu,
Está de pé!

—Em pranto mudo,
A pobre da mamãe, os olhos alagados,
Olha para o campo de soldados,
Que Bebê destroçou,
E, em meio disso tudo,
Vê de pé, somente, um cavalleiro,
Que ficou.

—Passaram outros Nataes...
E outro Natal chegou:
Ia bem alta a noite,
Quando o papae, devagarinho,
Acordando Bebê, disse:
Filhinho,
O Menino Jesus estava lá:
Olha aqui o papá!

E, Bebê, assustadinho, ainda,
Meio erguido no leito, a cabelleira linda,
Indagou:
E... o meu quepi, Elle mandou?

Sim, meu querido,
Um verdadeiro quepi de soldado
Ferido,
Um quepi baleado,
Papae lhe diz,
Que o Menino Jesus te mandou dar.
—E, mostrando na fronte a funda cicatriz,
Entrega-lhe o presente.

Bebê põe-se de pé,
Leva o quepi á cabeça, râdiante,
A camisinha aberta, um anjo de inocé,
Papá, diz elle,
Eu sou o commandante,
Tu és o general!

—Muito bem, meu garoto.
Em continencia... vá!
—Bebê perfilou-se,
A mãozinha no quepi...
Papai ajoelhou-se...

O QUÉPI DE BEBÊ

—Um jardinzinho, um pontar,
A casa humilde ao fundo,
Um casal, um Bebê...
Um venturoso lar.
Mas... nas voltas do mundo...

—Numa noite de Natal,
Bebê foi acordado, assustadinho,
Pelo papai, que lhe beijava a cabelleira
E lhe dizia, commovido:
Filhinho,
O papai
Lá se vai
Embora para trincheira.

Sí não voltar...
Não sei, talvez...

—O papai não pôde terminar
E beijou-lhe a cabelleira, outra vez.

Então, Bebê, sentadinho no leito,
Disse um segredo:
Papá, escuta aqui:
Si
O Menino Jesus estiver lá,
Dize-lhe que mande para mim,
Um quepi como o teu, assim...

—No relogio da torre
Souu a grande hora,
Nas doze bádaladas do Natal.
E o papae foi embora.

Veio outro dezembro.
Mamãe emagrecia de chorar.
Bebê, porém, todas as tardes,
Formava um regimento de cavallaria
No pomar;
Um regimento de chumbo,
Que o sol-pôr vinha illuminar.

Era, sempre, o papae o general
E, elle, o commandante.
Havia ferimentos e combates,
Num barulho troante.

Cargas de fuzilaria!
Iam por terra todos os ginêtes
E os soldadinhos de metal,
Em tropel!
Bebê rasgava os seus capacetes
De papel
E dizia:

Mamã, olha aqui,
Não chores mais,
Olha, aqui está:
O commandante sou eu
E o general é o papá!
Não é?
Olha, mamã, o general não morreu,
Está de pé!

—Em pranto mudo,
A pobre da mamãe, os olhos alagados,
Olha para o campo de soldados,
Que Bebê destroçou,
E, em meio disso tudo,
Vê de pé, somente, um cavalleiro,
Que ficou.

—Passaram outros Nataes...
E outro Natal chegou:
Ia bem alta a noite,
Quando o papae, devagarinho,
Acordando Bebê, disse:
Filhinho,
O Menino Jesus estava lá:
Olha aqui o papá!

E, Bebê, assustadinho, ainda,
Meio erguido no leito, a cabelleira linda,
Indagou:
E... o meu quepi, Elle mandou?

Sim, meu querido,
Um verdadeiro quepi de soldado
Ferido,
Um quepi baleado,
Papae lhe diz,
Que o Menino Jesus te mandou dar.
—E, mostrando na fronte a funda cicatriz,
Entrega-lhe o presente.

Bebê põe-se de pé,
Leva o quepi á cabeça, râdiante,
A camisinha aberta, um anjo de inocé,
Papá, diz elle,
Eu sou o commandante,
Tu és o general!

—Muito bem, meu garoto.
Em continencia... vá!
—Bebê perfilou-se,
A mãozinha no quepi...
Papai ajoelhou-se...



Na praia de S. José de Ribamar

ATHENAS apanhou estes quatro flagrantes das senhoritas Zely Perdigão Lopes, Linéte Lebre Travassos e Rosa Amelia Pereira Mendes, elementos de destaque de nossa terra quando, em S. José de Ribamar, sorriam para a vida e para o mar...



—E... soáram na torre,
Compassadas,
Nas vozes de metal,
As doze badaladas,
Do Natal...

VIOLETA DO CAMPO

(Do livro a publicar)

O mundo está cheio de boas intenções, mas todas estas boas intenções reunidas não valem uma só vontade. De: "eu queria" nada resulta; "eu quero", sim, é efficaz. — A. Vinet



Na praia de S. José de Ribamar

ATHENAS apanhou estes quatro flagrantes das senhoritas Zely Perdigão Lopes, Linéte Lebre Trayassos e Rosa Amelia Pereira Mendes, elementos de destaque de nossa terra quando, em S. José de Ribamar, sorriam para a vida e para o mar...

—E... soaram na torre,
Compassadas,
Nas vozes de metal,
As doze badaladas,
Do Natal...

VIOLETA DO CAMPO

(Do livro a publicar)

O mundo está cheio de boas intenções, mas todas estas boas intenções reunidas não valem uma só vontade. De: "eu queria" nada resulta; "eu quero", sim, é efficaz. — A. Vinet

PELO NATAL

Natal na minha villa,
Risonha estancia timida e tranquilla,
Que lembro cheia de enterneçimento...

Minha vida, era um samba travesso
E tão cheia de luz, como o dia em começo !

Era entre risos e contentamento
Como norma de um velho ritual,
Que no meu ninho, agora tão vazio,
Celebrava-se a festa do Natal... .

Da casa grande debruçada para o rio,
(rinha doidice a imaginava
um castello roqueiro ao pé do mar)
A creançada alegre trabalhava,
Para erguer um presepio, na varanda...
Um presepio ideal, engenhoso, sem par;
Ante o qual, sob luzes multicores
Para saudar o Deus-Menino,
O bando todo em magistral ciranda,
Bailava a dansa ingenua dos "Pastores".

E noite, alta, ao som claro do sino,
Que o "Juca" badalava com o fervor
De um antigo menestrel na liça,
Sob o esplendor dos astros lucilantes,
Nós íamos à missa,

Sentindo no ar o odor dos flamboyantes.

Depois, sem sonno nem cuidados mais,
(como era dôce o brando murmurio)
Ia escutar sentada pelo caés,
A voz das aguas tremulas do rio...
E olhando as estrellas
Na renda eterna do infinito Alem,
Eu perguntava qual seria dellas,
Que conduziu os Magos a Belém !

Mas, presepios, pastores, riso, festa,
Tudo me foi aos poucos, dispersado...
A casa debruçada para o rio
Como velho castello abandonado,
E' hoje um casarão ermo e sombrio !

E de tudo o que foi, apenas resta
Esta doçura que o Natal coñuz,
—Divino sopro de esperanças,
Que florindo em Belém ao olhar de Jesus,
Vive pura, eternal, no mundo das creanças !

E toda gente nesta noite de Graça
E mysterio, relê do passado o missai,
E gosando o dulçor desta hora que passa,
Volta á ser infantil na noite de Natal !

GIESTA



Ponte Paulo Ramos, no município de Cururupú, no dia de sua inauguração

PELO NATAL

Natal na minha villa,
Risonha estancia timida e tranquilla,
Que lembro cheia de enterneçimento...

Minha vida, era um samba travesso
E tão cheia de luz, como o dia em começo !

Era entre risos e contentamento
Como norma de um velho ritual,
Que no meu ninho, agora tão vazio,
Celebrava-se a festa do Natal... .

Da casa grande debruçada para o rio,
(rinha doidice a imaginava
um castello roqueiro ao pé do mar)
A creançada alegre trabalhava,
Para erguer um presepio, na varanda...
Um presepio ideal, engenhoso, sem par;
Ante o qual, sob luzes multicores
Para saudar o Deus-Menino,
O bando todo em magistral ciranda,
Bailava a dansa ingenua dos "Pastores".

E noite, alta, ao som claro do sino,
Que o "Juca" badalava com o fervor
De um antigo menestrel na liça,
Sob o esplendor dos astros lucilantes,
Nós íamos à missa,

Sentindo no ar o odor dos flamboyantes.

Depois, sem sonno nem cuidados mais,
(como era dôce o brando murmurio)
Ia escutar sentada pelo caés,
A voz das aguas tremulas do rio...
E olhando as estrellas
Na renda eterna do infinito Alem,
Eu perguntava qual seria dellas,
Que conduziu os Magos a Belem !

Mas, presepios, pastores, riso, festa,
Tudo me foi aos poucos, dispersado...
A casa debruçada para o rio
Como velho castello abandonado,
E' hoje um casarão ermo e soñório !

E de tudo o que foi, apenas resta
Esta doçura, que o Natal coñuz,
—Divino sopro de esperanças,
Que florindo em Belem ao olhar de Jesus,
Vive pura, eternal, no mundo das creanças !

E toda gente nesta noite de Graça
E mysterio, relê do passado o missai,
E gosando o dulçor desta hora que passa,
Volta á ser infantil na noite de Natal !

GIESTA



Ponte Paulo Ramos, no município de Cururupú, no dia de sua inauguração

POETAS DO NOVO MUNDO

DOIS POEMAS DE GOMEZ MAYORGA

(Tradução de Amorim Parga). Especial para
ATHENAS.

Como Castro Alves e Langston Hughes, o grande poeta negro dos Estados Unidos, Gomez Mayorga é hoje um poeta continental. Com Gabriella Mistral são duas vozes vivas da poesia sulamericana, que cada vez se alteia e se torna comprehendida em ambos os lados dos Andes, annullando a barreira da cordilheira.

Damos hoje, como offerta aos nossos leitores, dois dos mais bellos e suggestivos poemas modernos de Mayorga, traducções que Amorim Parga lhes deu em portuguez, deixando porém toda a beleza de synthese e simplicidade que é a poesia de Mayorga.

SUPPLICIO

Lutar sem medida
Perseguinto um desejo
E nunca o alcançar

E depois, sem esforço,
Ter um mundo nas mãos
E deixar que se vá.

IDEAL

Nem amôr, nem morte, nem destino;
nada que interrompa
a paz dos meus cansaços...

Um reflexo de luz
que se detém sobre a agua
já é belleza demais
para dar vida a um poema.



Francisco de Assis — Therezinha de Jesus — José Bonifacio e Antonio Carlos (gêmeos) — Maria Helena — Crescencio e Maria Malvina, os sete filhinhos do sr. Anthenor Amaral, collector federal de Pedreiras

POETAS DO NOVO MUNDO

DOIS POEMAS DE GOMEZ MAYORGA

(Tradução de Amorim Parga). Especial para
ATHENAS.

Como Castro Alves e Langston Hughes, o grande poeta negro dos Estados Unidos, Gomez Mayorga é hoje um poeta continental. Com Gabriella Mistral são duas vozes vivas da poesia sulamericana, que cada vez se alteia e se torna comprehendida em ambos os lados dos Andes, annullando a barreira da cordilheira.

Damos hoje, como offerta aos nossos leitores, dois dos mais bellos e suggestivos poemas modernos de Mayorga, traducções que Amorim Parga lhes deu em portuguez, deixando porém toda a beleza de synthese e simplicidade que é a poesia de Mayorga.

SUPPLICIO

Lutar sem medida
Perseguindo um desejo
E nunca o alcançar

E depois, sem esforço,
Ter um mundo nas mãos
E deixar que se vá.

IDEAL

Nem amôr, nem morte, nem destino;
nada que interrompa
a paz dos meus cansaços...

Um reflexo de luz
que se detém sobre a agua
já é belleza demais
para dar vida a um poema.



Francisco de Assis — Therezinha de Jesus — José Bonifacio e Antonio Carlos (gêmeos) — Maria Helena — Crescencio e Maria Malvina, os sete filhinhos do sr. Anthenor Amaral, collector federal de Pedreiras

"A ESTRELLA VÉSPER DO PASTOR ERRANTE"

(LENDA NATALINA)

De BAPTISTA LOPES, para a Revista

"ATHENAS"

Néite alta, risonha e friorenta de Dezembro ! O plenilúnio esparzia por sobre a terra os seus ar genteos clarões. O céu salpicado de estrellas, era como um crivo por onde pingassem gottas de luz !

José e Maria — extenuados da fatiga do longo caminhar, — tinham vindo de muito distante, da longínqua Nazareth á cidade de Bethlem, para cumprirem o édito de Cesar sobre o recenseamento, e procuravam, nesta ultima cidade, uma hospedaria onde pernoitassem, pois Maria estava prestes a dar á luz. Mas, debalde ! Não encontravam pouso em parte alguma. Parecia que todos os bethlenenses haviam conspirado contra os dois seraphicos esposos; parecia que todas as portas

Tavian combinado cerrar-se á Mãe do Divino e Esperado Messias !

Maria — já não podendo supportar o cansaço — caminhava devagarinho, contando os passos, n'judinhos. E... nem siquer uma stalagem !...

Kis, porem, que — alguns passos adiante, — divisaram uma rude e pauperrima estrebaria já quase em ruinas, abandonada. Os dois santos esposos exultaram de contentamento ! E, dobrando os joelhos em terra, genuflectiram-se rendendo graças ao Pae Supremo !

Entraram na stalagem : Por toda ella, um quie de extrema pobreza, de immenso abandono. Bem á frente, logo á entrada, uma tóscia mangedoura e, ao redor della, alguns muáres, bovinos e caprinos ruminavam displicentemente. Com um certo receio dos animaes, a virginal Maria entrou, acompanhada pelo castissimo José. O dedicado e angelico ancião — num desvôlo proprio dos que vivem somente do Espírito e para o Espírito, — tirou algumas palhas secas, colheu-as na mangedoura, e cobriu-as coim u'a mantilha que trouxera. Puxou, em seguida, um pobrissimo tamborete e deu-o para Maria sentar-se.

Era meia-noite ! Um gallo cantou ao longe, e outro respondeu, nas cercanias. Outros imitaram-nos.

Subito, uma luz intensa, prateada e jamais vista, irrompeu dentro da estrebaria, illuminando os semblantes do divino casal e offuscando-lhes os olhos. José e Maria — sobressaltados com a inopinada visão, — cahiram de joelhos, com as faces quase prostradas á terra, enquanto no alto uma voz resoava musicalmente, seguida por milhares de outras, seraphicamente harmoniosas :

"GLORIA IN EXCELSIS DEO, ET IN TERRA PAX HOMINIBUS BONÆ VOLUNTATIS !" — Gloria a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens de bôa vontade !

José e Maria elevaram os olhos e viram o Archanjo Gabriel, todo vestido de ouro e prata, na sua offuscante indumentaria de generalíssimo dos



Senhorita Hilda Rodrigues Gago, dilecta filha do sr. Henrique Gago, comerciante em nossa praça, diplomada em sciencias e letras pelo Collegio Sta. Thereza, sendo a oradora de sua turma, na cerimonia do recebimento do diploma, occorrido no dia 8 de dezembro

"A ESTRELLA VÉSPER DO PASTOR ERRANTE"

(LENDA NATALINA)

De BAPTISTA LOPES, para a Revista

"ATHENAS"

Néite alta, risonha e friorenta de Dezembro ! O plenilúnio esparzia por sobre a terra os seus ar genteos clarões. O céu salpicado de estrellas, era como um crivo por onde pingassem gottas de luz !

José e Maria — extenuados da fatiga do longo caminhar, — tinham vindo de muito distante, da longínqua Nazareth á cidade de Bethlem, para cumprirem o édito de Cesar sobre o recenseamento, e procuravam, nesta ultima cidade, uma hospedaria onde pernoitassem, pois Maria estava prestes a dar á luz. Mas, debalde ! Não encontravam pouso em parte alguma. Parecia que todos os bethlenenses haviam conspirado contra os dois seraphicos esposos; parecia que todas as portas

Tavian combinado cerrar-se á Mãe do Divino e Esperado Messias !

Maria — já não podendo supportar o cansaço, — caminhava devagarinho, contando os passos, n'judinhos. E... nem siquer uma stalagem !...

Kis, porem, que — alguns passos adiante, — divisaram uma rude e pauperrima estrebaria já quase em ruinas, abandonada. Os dois santos esposos exultaram de contentamento ! E, dobrando os joelhos em terra, genuflectiram-se rendendo graças ao Pae Supremo !

Entraram na stalagem : Por toda ella, um quie de extrema pobreza, de immenso abandono. Bem á frente, logo á entrada, uma tóscia mangedoura e, ao redor della, alguns muáres, bovinos e caprinos ruminavam displicentemente. Com um certo receio dos animaes, a virginal Maria entrou, acompanhada pelo castissimo José. O dedicado e angelico ancião — num desvôlo proprio dos que vivem somente do Espírito e para o Espírito, — tirou algumas palhas secas, colheu-as na mangedoura, e cobriu-as coim u'a mantilha que trouxera. Puxou, em seguida, um pobrissimo tamborete e deu-o para Maria sentar-se.

Era meia-noite ! Um gallo cantou ao longe, e outro respondeu, nas cercanias. Outros imitaram-n'os.

Subito, uma luz intensa, prateada e jamais vista, irrompeu dentro da estrebaria, illuminando os semblantes do divino casal e offuscando-lhes os olhos. José e Maria — sobressaltados com a inopinada visão, — cahiram de joelhos, com as faces quase prostradas á terra, enquanto no alto uma voz resoava musicalmente, seguida por milhares de outras, seraphicamente harmoniosas :

"GLORIA IN EXCELSIS DEO, ET IN TERRA PAX HOMINIBUS BONÆ VOLUNTATIS !" — Gloria a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens de bôa vontade !"

José e Maria elevaram os olhos e viram o Archanjo Gabriel, todo vestido de ouro e prata, na sua offuscante indumentaria de generalíssimo dos



Senhorita Hilda Rodrigues Gago, dilecta filha do sr. Henrique Gago, comerciante em nossa praça, diplomada em sciencias e letras pelo Collegio Sta. Thereza, sendo a oradora de sua turma, na cerimonia do recebimento do diploma, occorrido no dia 8 de dezembro



Dois aspectos da Ponte Paulo Ramos inaugurada há pouco em Cururupú, ligando a cidade ao subúrbio Areia Branca

exercitos celestes, com uma brillante espada de fogo á cinta, e as azas abertas por sobre a mangedoura. Ao redor delle, uma incontável legião de seraphins e anjos, a dedilharem suas harpas, cantando "hosannas ao doce Messias Jesus de Nazareth" !

Maria — como por encanto, — deixara de sentir a dor que a maguava. Olhou para a mangedoura : eis alli um lindo e louro menino — o seu amado, almejado e divinal JESUS, — O fruto de Deus, o fructo santissimo de sua immaculada virgindade, — o celestial presente com que a Omnipotencia lhe brindára por seu amôr á Castidade !

Maria exultava, em extasis, a render mil graças ao Altissimo, e a contemplar embevecida e ininterruptamente A'quella Creancinha tão mimosa e bella ! E José — apoiado no seu modesto cajado, a cabeça pendida e a longa barba a roçar-lhe o masculo peito, — de joelhos orava, cheio de immensa alegria, de santo e ardente amôr e gratidão ao Deus de Israel !

Josaphá — o errante pastor-mestre, — dormia profundamente, no seu acampamento, com a cabeça recostada a uma pedra, a pequena distancia dos seus rebânhos e pastores.

Eram 2 horas da madrugada e fazia um frio glacial. Todos dormiam, cansados da vida errante por montes e campinas, encolhidos sob suas mantas de pelles lanigeras. Repentinamente, Josaphá e os seus companheiros são acordados por um fru-fru de azas esvoaçantes, ao mesmo tempo em que irrompe no acampamento uma luz fortíssima, e uma voz melodiosamente super-humana se ouve, a chamar-lhes :

— "Acordae, pastores ! Não temaes : uma boa nova vos trago, e que grande alegria causar-vos-á !"

Josaphá — assombrado — levantou-se, e viu um Anjo do Senhor apontando uma descommunal e magestosa estrella brilhando nos céus, a pouca distancia. Ainda apavorado, caiu de joelhos em terra e dirigiu-se ao mensageiro celeste !

— Falae, senhor, e eu vos obedecerei. De que trata ?

— "Não temos; já vos disse: Na cidade de David, em Bethleni de Judá, acaba de nascer o Salvador, que é o Christo Senhor. Eis, para vós, o sinal: seguindo aquella estrella, encontrareis um



Dois aspectos da Ponte Paulo Ramos inaugurada há pouco em Cururupú, ligando a cidade ao subúrbio Areia Branca

exercitos celestes, com uma brillante espada de fogo á cinta, e as azas abertas por sobre a mangedoura. Ao redor delle, uma incontável legião de seraphins e anjos, a dedilharem suas harpas, cantando "hosannas ao doce Messias Jesus de Nazareth" !

Maria — como por encanto, — deixara de sentir a dor que a maguava. Olhou para a mangedoura : eis alli um lindo e louro menino — o seu amado, almejado e divinal JESUS, — O fruto de Deus, o fructo santissimo de sua immaculada virgindade, — o celestial presente com que a Omnipotencia lhe brindára por seu amôr á Castidade !

Maria exultava, em extasis, a render mil graças ao Altissimo, e a contemplar embevecida e ininterruptamente A'quella Creancinha tão mimosa e bella ! E José — apoiado no seu modesto cajado, a cabeça pendida e a longa barba a roçar-lhe o masculo peito, — de joelhos orava, cheio de immensa alegria, de santo e ardente amôr e gratidão ao Deus de Israel !

Josaphá — o errante pastor-mestre, — dormia profundamente, no seu acampamento, com a cabeça recostada a uma pedra, a pequena distancia dos seus rebânhos e pastores.

Eram 2 horas da madrugada e fazia um frio glacial. Todos dormiam, cansados da vida errante por montes e campinas, encolhidos sob suas mantas de pelles lanigeras. Repentinamente, Josaphá e os seus companheiros são acordados por um fru-fru de azas esvoaçantes, ao mesmo tempo em que irrompe no acampamento uma luz fortíssima, e uma voz melodiosamente super-humana se ouve, a chamar-lhes :

— "Acordae, pastores ! Não temaes : uma boa nova vos trago, e que grande alegria causar-vos-á !"

Josaphá — assombrado — levantou-se, e viu um Anjo do Senhor apontando uma descommunal e magestosa estrella brilhando nos céus, a pouca distancia. Ainda apavorado, caiu de joelhos em terra e dirigiu-se ao mensageiro celeste !

— Falae, senhor, e eu vos obedecerei. De que se trata ?

— "Não temos; já vos disse: Na cidade de David, em Bethleni de Judá, acaba de nascer o Salvador, que é o Christo Senhor. Eis, para vós, o sinal: seguindo aquella estrella, encontrareis um

menino envolto em mantilhas e reclinado em um
présepio!"

Josaphá e os seus companheiros, se levantaram e rumaram para Bethlem. Lá chegando, acharam tudo como lhes descrevera o Anjo. E, deante do Menino Jesus, genuflectir-se e adoraram-n'o.

Era quase manhãzinha. Fazia um frio horrível. Josaphá — bem junto á magedoura, — vira o Menino Jesus a chorar, tiritando de frio. Cheio de respeitoso amor, apalpára-lhe os pésinhos nus : estavam gelados. Vira também a Virgem Maria — cheia de imensa tristeza, — procurar um panno, e, não o achando, ahegar-se mais ao berçinho e cobri-lo com o seu manto.

Josaphá não se conteve : puxando da sua manta de pelles, cortou-a pela metade, estendeu-a por sobre a magedoura, agasalhando o Divinal Infante. Ao collocar, porém, a manta, Josaphá sentiu que, dos olhinhos de Jesus, u'a lagrima cahira na sua dextra, por sobre os dedos.

Josaphá, contente, beijou aquella santa reliquia que, em recompensa, lhe derá o pequenino Messias. Quasi á alvorada, quando começava a

despontar o Sol, Josaphá retirou-se com os seus pastores para a faina quotidiana. Em meio da jornada, olhou para os dedos da sua mão direita: num delles, uma brilhante pedra preciosa scintilava ! Era a recompensa do meino Deus !

Muitos annos se haviam passado, após aquelle divino espectáculo do Préssepio.

Josaphá — alquebrado pelo peso dos annos e causado de sua vida errante de apascentar ovêlhas, cahira gravemente enfermo. Sentiu chegada a sua Hora. Chamou o seu filho mais velho e entregou-lhe a chefia dos seus redís. Daí a momentos, dando bons conselhos aos seus filhos e companheiros abençoava a todos e morria, na mais santa paz; o santo velho Josaphá, o pastor nomade das campinas de Nazareth !

Dias após a sua morte, os nazarenos viam brilhar effusamente nos céus daquella santa cidadela uma nova e esplendorosa estrella, que nascia sempre ao declinar da tarde.

Foi assim que surgiu a "ESTRELLA VESPER DO FATOR ERRANTE" !

S. Luiz, Dezembro, 1940.



PRAIAS DE S. LUIZ abertas ao vento, alagadas de sol, banhadas de mar lavado, cheias de encantos, como este formoso e pitoresco trecho do Olho d'Agua

menino envolto em mantilhas e reclinado em um
présepio!"

Josaphá e os seus companheiros, se levantaram e rumaram para Bethlem. Lá chegando, acharam tudo como lhes descrevera o Anjo. E, deante do Menino Jesus, genuflectirari-se e adoraram-n' o.

Era quase manhãzinha. Fazia um frio horrível. Josaphá — bem junto á mangedoura, — vira o Menino Jesus a chorar, tiritando de frio. Cheio de respeitoso amor, apalpára-Lhe os pésinhos nus : estavam gelados. Vira também a Virgem Maria — cheia de imensa tristeza, — procurar um panno, e, não o achando, ahegar-se mais ao berçinho e cobrilo com o seu manto.

Josaphá não se conteve : puxando da sua manta de pelles, cortou-a pela metade, estendeu-a por sobre a magedoura, agasalhando o Divinal Infante. Ao collocar, porém, a manta, Josaphá sentiu que, dos olhinhos de Jesus, u'a lagrima cahira na sua dextra, por sobre os dedos.

Josaphá, contente, beijou aquella santa reliquia que, em recompensa, lhe derá o pequenino Messias. Quasi á alvorada, quando começava a

despontar o Sol, Josaphá retirou-se com os seus pastores para a faina quotidiana. Em meio da jornada, olhou para os dedos da sua mão direita: num delles, uma brilhante pedra preciosa scintilava ! Era a recompensa do meino Deus !

Muitos annos se haviam passado, após aquelle divino espectáculo do Préssepio.

Josaphá — alquebrado pelo peso dos annos e causado de sua vida errante de apascentar ovêlhas, cahira gravemente enfermo. Sentiu chegada a sua Hora. Chamou o seu filho mais velho e entregou-lhe a chefia dos seus redís. Daí a momentos, dando bons conselhos aos seus filhos e companheiros abençoava a todos e morria, na mais santa paz; o santo velho Josaphá, o pastor nomade das campinas de Nazareth !

Dias após a sua morte, os nazarenos viam brilhar effusamente nos céus daquella santa cidadela uma nova e esplendorosa estrella, que nascia sempre ao declinar da tarde.

Foi assim que surgiu a "ESTRELLA VESPER DO PASTOR ERRANTE" !

S. Luiz, Dezembro, 1940.



PRAIAS DE S. LUIZ abertas ao vento, alagadas de sol, banhadas de mar lavado, cheias de encantos, como este formoso e pitoresco trecho do Olho d'Água

BILAC

10/07/01

Completo-se o 22º anniversario da morte de Olavo Bilac, e o seu nome está ainda presente na lembrança de todos, como o estava nos bellos tempos em que o poeta da "Via Lactea" nos ia dando os primores do seu inspirado estro.

O seu alto espirito de artista passeou as constellações, conversou as estrellas nas dôces madrugadas, encheu do aroma das tarde e das noites brasileiras os inesqueciveis sonetos que tanta gente ainda sabe de cór, e finou-se numa clara manhã de dezembro, legando-nos a obra poetica que enriquece a literatura nacional e constitue um soberano padrão de elegancia e de sobriedade.

Se, por um lado, Bilac cantou o amor, o encanto das mulheres e a grandiosidade sideral das constellações, foi por outro lado, o moderno e immortal aedo da Patria, que elle sonhava grande, forte e respeitada. No ritmo dos lindos versos em que o poeta enaltece o amor do Brasil, atinge a sua inspiração o ponto culminante do mais puro e grandioso idealismo.

E' verdade que tristes achincalhadores tentaram furtivamente deprimir essa obra excelsa, sob o pretexto das novidades literarias, mas perderam-



Senhora Maria Souto, dedicada funcionaria dos Correios de Barra do Corda é sua prendada irmã

Lelia Nava, professora da cidade de Padreiras



Saint-Clair Lopes, locutor da Radio Nacional,

no Rio

se as suas tentativas no desprezo que lhes votou o animo vigilante da nacionalidade.

A propaganda civica de Bilac em prol da defesa nacional, levantou, atravez do aticismo de suas conferencias, o espirito da inocidade brasileira, foi um brado de alerta que dia a dia ecoa mais fortemente em todos os corações. Por isto, o Exercito Brasileiro, mantenedor das tradições dos Caxias, dos Osorios, dos Tiburcios, não deixa de festejar o ardor nacionalista do poeta que exaltou o amor da Patria e os coloridos da ultima flor do Lácio inculta e bella.

Era patrono de Bilac na Academia Brasileira de Letras o immortal Gonçalves Dias, seu legitimo irmão no apaixonado sentimento que lhe despertavam os assumptos brasileiros. Elle cantou a gloria de Gonçalves Dias, enlevado nos acordes de sua lyra, e numa prosa escorreita ligou imperecivelmente o seu nome ao do extraordinario cantor dos Tymbiras, a quem igualmente não tem falta, de mesquinhos detrahidores, afanosamente mavidos de segundas intenções.

O nome de Olavo Bilac está incorporado no glorioso patrimonio do Brasil.

BILAC

10/07/01

Completo-se o 22º anniversario da morte de Olavo Bilac, e o seu nome está ainda presente na lembrança de todos, como o estava nos bellos tempos em que o poeta da "Via Lactea" nos ia dando os primores do seu inspirado estro.

O seu alto espirito de artista passeou as constellações, conversou as estrellas nas dôces madrugadas, encheu do aroma das tarde e das noites brasileiras os inesqueciveis sonetos que tanta gente ainda sabe de cór, e finou-se numa clara manhã de dezembro, legando-nos a obra poetica que enriquece a literatura nacional e constitue um soberano padrão de elegancia e de sobriedade.

Se, por um lado, Bilac cantou o amor, o encanto das mulheres e a grandiosidade sideral das constellações, foi por outro lado, o moderno e immortal aedo da Patria, que elle sonhava grande, forte e respeitada. No ritmo dos lindos versos em que o poeta enaltece o amor do Brasil, atinge a sua inspiração o ponto culminante do mais puro e grandiloquo idealismo.

E' verdade que tristes achincalhadores tentaram furtivamente deprimir essa obra excelsa, sob o pretexto das novidades literarias, mas perderam-



Senhora Maria Souto, dedicada funcionaria dos Correios de Barra do Corda é sua prendada irmã

Lelia Nava, professora da cidade de Padreiras



Saint-Clair Lopes, locutor da Radio Nacional,

no Rio

se as suas tentativas no desprezo que lhes votou o animo vigilante da nacionalidade.

A propaganda civica de Bilac em prol da defesa nacional, levantou, atravez do aticismo de suas conferencias, o espirito da inocidade brasileira, foi um brado de alerta que dia a dia ecoa mais fortemente em todos os corações. Por isto, o Exercito Brasileiro, mantenedor das tradições dos Caxias, dos Osorios, dos Tiburcios, não deixa de festejar o ardor nacionalista do poeta que exaltou o amor da Patria e os coloridos da ultima flor do Lácio inculta e bella.

Era patrono de Bilac na Academia Brasileira de Letras o immortal Gonçalves Dias, seu legitimo irmão no apaixonado sentimento que lhe despertavam os assumptos brasileiros. Elle cantou a gloria de Gonçalves Dias, enlevado nos acordes de sua lyra, e numa prosa escorreita ligou imperecivelmente o seu nome ao do extraordinario cantor dos Tymbiras, a quem igualmente não tem falta, do mesquinhos detrahidores, afanosamente mavidos de segundas intenções.

O nome de Olavo Bilac está incorporado no glorioso patrimonio do Brasil.

EM DEFESA DE HUMBERTO DE CAMPOS

(Sobre Humberto de Campos e seu detractor)

LAFAYETTE BELLO

Aquelle ten homonymo, meu caro Humberto de Campos, que te aggrediu e de cuja aggressão escapaste por te encontrares á grande altura, arrepido talvez, porém, vaidoso, voltou a fazer-te acusações ainda mais terríveis e asnáticas.

Não deveria eu, quer da primeira como da segunda vez, dar ouvidos a quem não tem ainda sequer o carácter formado para comprehendêr nitida e verdadeiramente as cousas sérias.

Mas, certo de que a *Gazeta de Alagoas* teria de levar lá fôra, aquelles insultos á tua bem notável individualidade de escriptor renomado e querido, apressei-me — receioso de que não aparecesse quem os repellisse — para fazel-o em nome do respeito que se deve tributar á memoria dos que se vão, e, principalmente, á daqueles que como tú, sonberam edificar obras intelligentes e conquistar aplausos.

Eis porque invoquei o teu nome e eis porque dei ouvidos a quem ainda se não apparelhou — nem tão cedo se apparelhárá — para analysar e criticar.

Si fôra outro que não elle, o analysta criterioso, o critico consciente das responsabilidades da critica na sua verdadeira acepção, de certo que me não preocuparia assim, com um facto que nada tem de invulgar na vasta arena das luctas literarias, scientificas e philosophicas.

O teu homonymo, meu caro Humberto de Campos, esse "rapaz" **adiantado** que tentou ferirte de baixo para cima, sem se lembrar da difficultade muito natural que encontra o projecto para attingir o alvo, disse, insultando-te pela segunda vez, que o fizera a conselho das suas (delle) "conclusões sinceras, resultado do trabalho, da critica,



A magnifica e linda Cathedral de Grajahu, neste Estado, esplendida obra que atesta a operosidade dos frades capuchinhos na hinterlandia maranhense.

EM DEFESA DE HUMBERTO DE CAMPOS

(Sobre Humberto de Campos e seu detractor)

LAFAYETTE BELLO

Aquelle ten homonymo, meu caro Humberto de Campos, que te aggrediu e de cuja aggressão escapaste por te encontrares á grande altura, arrepido talvez, porém, vaidoso, voltou a fazer-te acusações ainda mais terríveis e asnáticas.

Não deveria eu, quer da primeira como da segunda vez, dar ouvidos a quem não tem ainda sequer o caracter formado para comprehendêr nitida e verdadeiramente as cousas sérias.

Mas, certo de que a *Gazeta de Alagoas* teria de levar lá fôra, aquelles insultos á tua bem notável individualidade de escriptor renomado e querido, apressei-me — receioso de que não aparecesse quem os repellisse — para fazel-o em nome do respeito que se deve tributar á memoria dos que se vão, e, principalmente, á daqueles que como tú, sonberam edificar obras intelligentes e conquistar aplausos.

Eis porque invoquei o teu nome e eis porque dei ouvidos a quem ainda se não apparelhou — nem tão cedo se apparelhará — para analysar e criticar.

Si fôra outro que não elle, o analysta criterioso, o critico consciente das responsabilidades da critica na sua verdadeira acepção, de certo que me não preoccuparia assim, com um facto que nada tem de invulgar na vasta arena das luctas literarias, scientificas e philosophicas.

O teu homonymo, meu caro Humberto de Campos, esse "rapaz" **adiantado** que tentou ferirte de baixo para cima, sem se lembrar da difficultade muito natural que encontra o projecto para attingir o alvo, disse, insultando-te pela segunda vez, que o fizera a conselho das suas (delle) "conclusões sinceras, resultado do trabalho, da critica,



A magnifica e linda Cathedral de Grajahu, neste Estado, esplendida obra que atesta a operosidade dos frades capuchinhos na hinterlandia maranhense.



Senhorita Noris Garrido, fino ornamento da sociedade maranhense, e que enche com a graça festiva de seu sorriso o lar feliz de seus pais sr. Antonio Garrido e d. Adelaide Garrido

do estudo, das impressões falsas dos devotos".

Elle, de facto, poderá futuramente chegar á altura que chegaste, e, consequentemente, á condição de critico, de analysta e de estudioso de assuntos, para a analyse e o estudo dos quaes são necessarios requisitos intellectuaes accumulados atravez dos annos.

Agora, porém, á mancira de como se encontra, tendo ainda á mão a carta de **a b c**; tendo ainda medo de almas do outro mundo, dizendo-se muito embora materialista; fugindo de passar á porta dos cemiterios com medo de fogo fátnuo; (fogo corredor) gritando por N. S. do Bom Parto cada vez que o ventre se lhe avoluma por effeito de uma digestão mal elaborada, e, intitulando-se de critico e de analysta, quando apenas sabe chamar de immoraes, de ridiculos, de pornographicos e de

cretinos, aos homens de intelligencia e de valor como tú o foste — e que elle talvez o não seja nunca — agora é que não poderá de modo algum criticar e analysar.

O teu homonymo, meu caro Humberto de Campos, fez apenas em torno de tudo isto uma descoberta digna de apreço... Observou a minha devoção pelo teu espirito, pela tua intelligencia e pelas tuas obras.

Nisto elle foi intelligente e por isto dou-lhe os meus parabens, porque, de facto, nunca deixei de ter devoção pelos homens de espirito, como tú o foste para gloria da literatura nacional.

Pór elle, isto é, pelo teu homonymo, é que se não pode ainda ter devoção alguma, porque além, dê não se ter alphabetizado ainda, é de uma vaidade e de uma presumpção que vão muito alén,



Senhorita Noris Garrido, fino ornamento da sociedade maranhense, e que enche com a graça festiva de seu sorriso o lar feliz de seus pais sr. Antonio Garrido e d. Adelaide Garrido

do estudo, das impressões falsas dos devotos".

Elle, de facto, poderá futuramente chegar á altura que chegaste, e, consequentemente, á condição de critico, de analysta e de estudioso de assuntos, para a analyse e o estudo dos quaes são necessarios requisitos intellectuaes accumulados atravez dos annos.

Agora, porém, á mancira de como se encontra, tendo ainda á mão a carta de **a b c**; tendo ainda medo de almas do outro mundo, dizendo-se muito embora materialista; fugindo de passar á porta dos cemiterios com medo de fogo fátnuo; (fogo corredor) gritando por N. S. do Bom Parto cada vez que o ventre se lhe avoluma por effeito de uma digestão mal elaborada, e, intitulando-se de critico e de analysta, quando apenas sabe chamar de immoraes, de ridiculos, de pornographicos e de

cretinos, aos homens de intelligencia e de valor como tú o foste — e que elle talvez o não seja nunca — agora é que não poderá de modo algum criticar e analysar.

O teu homonymo, meu caro Humberto de Campos, fez apenas em torno de tudo isto uma descoberta digna de apreço... Observou a minha devoção pelo teu espirito, pela tua intelligencia e pelas tuas obras.

Nisto elle foi intelligente e por isto dou-lhe os meus parabens, porque, de facto, nunca deixei de ter devoção pelos homens de espirito, como tú o foste para gloria da literatura nacional.

Por elle, isto é, pelo teu homonymo, é que se não pode ainda ter devoção alguma, porque além, dê não se ter alphabetizado ainda, é de uma vaidade e de uma presumpção que vão muito alén.

do ridículo... Nada fez ainda no dominio das letras, nem o poderia ter feito.

Fallando-te assim, meu caro Humberto de Campos, não quero que te passe pelo espirito a suposição de que pretenda apresentar-me como um teu igual. Não. Eu e o teu detractor, esse "rapaz" **adiantado**, para quem a sciencia não tem segredos, conforme declara publicamente, somos bem diferentes. Elle está acostumado, segundo disse, "a olhar os factos sem devoção, sem sugestinamentos, sem falsas impressões, sem ser victimas de desvios psychicos", e, eu, acostumei-me de ha muito, a possuir um bom espelho, para que me possa mirar dia a dia, hora a hora, minuto a

minuto, introspectivamente, para confessar depois que nada sou e nada sei, porque, sou daquelles que se impressionaram com a asserção do philosopho: — "graças a Deus aprendi a não ignorar a minha ignorancia".

Dando por finda a tarefa a que me consagrei por amôr e respeito ao sentimento alheio, digo-te ainda: — perdóá áquelle teu homonymo, porque, possivelmente, elle comprehenderá mais tarde, quando o tempo lhe fôr abrindo a intelligencia ás concepções sadias, que peccou por te haver insultado, e, peccou ainda, por se julgar um critico, um estudosio, um analysta consciente.

O Dia da Justiça



Revestiu-se de inexcedivel brilhantismo a commemoração do Dia da Justiça em S. Luiz. O Tribunal de Appellaçao festejou a data com uma sessão solemnissima. Foram presentes a essa magna reunião altas autoridades federaes e estadoaes, elementos destacados de nossa terra. O Presidente do Tribunal desembargador Publio de Mello pronunciou um magnifico discurso abrindo a sessão. Falaram com muito brilho os drs. Teixeira Junior, Edson Brandão e João Mattos. Encerrou a sessão o Interventor Paulo Ramos. Foram inaugurados os retratos do Presidente da Republica e do Interventor Paulo Ramos. O "cliché" acima dá-nos um aspecto dessa festa em homenagem a Themis

do ridículo... Nada fez ainda no dominio das letras, nem o poderia ter feito.

Fallando-te assim, meu caro Humberto de Campos, não quero que te passe pelo espirito a suposição de que pretenda apresentar-me como um teu igual. Não. Eu e o teu detractor, esse "rapaz" **adiantado**, para quem a sciencia não tem segredos, conforme declara publicamente, somos bem diferentes. Elle está acostumado, segundo disse, "a olhar os factos sem devoção, sem sugestinamentos, sem falsas impressões, sem ser victimas de desvios psychicos", e, eu, acostumei-me de ha muito, a possuir um bom espelho, para que me possa mirar dia a dia, hora a hora, minuto a

minuto, introspectivamente, para confessar depois que nada sou e nada sei, porque, sou daquelles que se impressionaram com a asserção do philosopho: — "graças a Deus aprendi a não ignorar a minha ignorancia".

Dando por finda a tarefa a que me consagrei por amôr e respeito ao sentimento alheio, digo-te ainda: — perdóá áquelle teu homonymo, porque, possivelmente, elle comprehenderá mais tarde, quando o tempo lhe fôr abrindo a intelligencia ás concepções sadias, que peccou por te haver insultado, e, peccou ainda, por se julgar um critico, um estudosio, um analysta consciente.

O Dia da Justiça



Revestiu-se de inexcedivel brilhantismo a commemoração do Dia da Justiça em S. Luiz. O Tribunal de Appellação festejou a data com uma sessão solemnissima. Foram presentes a essa magna reunião altas autoridades federaes e estadoaes, elementos destacados de nossa terra. O Presidente do Tribunal desembargador Publio de Mello pronunciou um magnifico discurso abrindo a sessão. Falaram com muito brilho os drs. Teixeira Junior, Edson Brandão e João Mattos. Encerrou a sessão o Interventor Paulo Ramos. Foram inaugurados os retratos do Presidente da Republica e do Interventor Paulo Ramos. O "cliché" acima dá-nos um aspecto dessa festa em homenagem a Themis

CAPITULO DE UM LIVRO

DE AS TOLPHO SERRA

“O BARQUEIRO”

O barqueiro é o tipo legendario da bravura dos conquistadores de terra, pelo mar.

Ficaram-lhe ainda, na alma sonhadora, os im-
petos e arrojos dos nautas primitivos. Vive para
domar tempestades e montar oceanos encapelados,
afrontando ondas enormes, com a fragilidade de
suas vellas e de seus barcos velozes.

Preso ao seu batel, arma aos ventos o peda-
ço de vella talhada de mil maneiras e tinta de cô-
res variadas a seu gosto artistico de homem do
mar.

O barqueiro ama as aventuras marítimas, jogando a vida ao deus dâra de todos os perigos, sem outra paixão que não seja a de esticar a vella, riscar a vaga hirsuta, montar a onda brava e domar o mar em furia.

Sabe de cór as cantigas das vagas. Conhece, com precizão, mesmo dentro das mais negras borrascas, todos os pontos da costa, todas as praias e portos e furos. Guia-se pelas estrellas, bússulas naturaes, que Deus collocou, no alto, para servir de rumos aos caprichos desses arrojados domadores, de pélagos. Tem uma alma sempre aberta, arejada e alegre, como os mares que percorre. Na hora de maior perigo, não perde a calma. A tempestade cresce, elle alteia a voz. Os ventos uivam, elle canta feliz. O mar ruge, elle o acalma aos

gritos. As vellas rasgam, elle sobe aos mastros frageis. Concerta tudo, no alto. Aína essa aven-
tura. Faz parte do mar. Sente-se empolgado por
ele. O seu maior prazer é viajar, cortar milhas e milhas de mar, sem medo algum de perigos.

Homem rustico, o barqueiro é um tipo de
músculos fortes e de corpo bronzeado. A sua
alma é nobre. Tem a virtude dos nautas primitivos. Navega por vocação. Cumpre o seu destino, como quem pratica um estranho culto de religião.

Dentro de seu barco, é um bravo. Em terra, anda desajeitado. Dá a impressão de amphibios, que vivem em terra, mas sentem-se melhor dentro da agua.

São elles, esses barqueiros humildes que muito fazem pelo Maranhão, mantendo uma navegação permanente, embora perigosa, em toda a costa litoranea.

Preso ao leme de suas embarcações que tra-
zem nomes bizarros, abrindo as velas tyricas aos
ventos fortes, esses bravos escrevem, sobre as
ondas verdes, o velho poema heroico de seus ante-
passados, guardando na alma, sem saber, o mesmo
espírito aventureiro dos que, do mar bravio, deram
ao mundo novas terras conquistadas, para os es-
plendores da civilizaç.

CAPITULO DE UM LIVRO

DE AS TOLPHO SERRA

—“O BARQUEIRO”

O barqueiro é o tipo legendario da bravura dos conquistadores de terra, pelo mar.

Ficaram-lhe ainda, na alma sonhadora, os im-
petos e arrojos dos nautas primitivos. Vive para domar tempestades e montar oceanos encapelados, afrontando ondas enormes, com a fragilidade de suas vellas e de seus barcos velozes.

Preso ao seu batel, arma aos ventos o pedaço de vella talhada de mil maneiras e tinta de côres variadas a seu gosto artistico de homem do mar.

O barqueiro ama as aventuras marítimas, jogando a vida ao deus dária de todos os perigos, sem outra paixão que não seja a de esticar a vella, riscar a vaga hirsuta, montar a onda brava e domar o mar em furia.

Sabe de cór as cantigas das vagas. Conhece, com precizão, mesmo dentro das mais negras borrascas, todos os pontos da costa, todas as praias e portos e furos. Guia-se pelas estrellas, bussulas naturaes, que Deus collocou, no alto, para servir de rumos aos caprichos desses arrojados domadores, de pélagos. Tem uma alma sempre aberta, arejada e alegre, como os mares que percorre. Na hora de maior perigo, não perde a calma. A tempestade cresce, elle alteia a voz. Os ventos uivam, elle canta feliz. O mar ruge, elle o acalma aos

gritos. As vellas rasgam, elle sobe aos mastros frageis. Concerta tudo, no alto. Aína essa aventura. Faz parte do mar. Sente-se empolgado por elle. O seu maior prazer é viajar, cortar milhas e milhas de mar, sem medo algum de perigos.

Homem rustico, o barqueiro é um tipo de musculos fortes e de corpo bronzeado. A sua alma é nobre. Tem a virtude dos nautas primitivos. Navega por vocação. Cumpre o seu destino, como quem pratica um estranho culto de religião.

Dentro de seu barco, é um bravo. Em terra, anda desajeitado. Dá a impressão de amphibios, que vivem em terra, mas sentem-se melhor dentro da agua.

São elles, esses barqueiros humildes que muito fazem pelo Maranhão, mantendo uma navegação permanente, embora perigosa, em toda a costa litoranea.

Preso ao leme de suas embarcações que trazem nomes bizarros, abrindo as velas tyricas aos ventos fortes, esses bravos escrevem, sobre as ondas verdes, o velho poema heroico de seus antepassados, guardando nalma, sem saber, o mesmo espirito aventureiro dos que, do mar bravio, deram ao mundo novas terras conquistadas, para os esplendores da civilizaçao.

Canção Rotineira

(INEDITO DE J. G. DE ARAUJO JORGE)

... E EU A CUMPRIMENTAR SEMPRE AS MESMAS PESSOAS CONHECIDAS,
 A ATROPELAR OS MESMOS TRANSEUNTES DESCONHECIDOS,
 A LER SEMPRE OS MESMOS JORNAES,
 A TROCAR O MESMO "MIL RE'IS",
 E A TOMAR TODAS AS TARDES, COM OS MESMOS AMIGOS DE SEMPRE
 O MESMO CAFE'
 NOS MESMOS "CAFÉS"...

DAR DOIS PASSOS: — "ALÔ ! QUE HA DE NOVO ? ONDE VAMOS ?"
 E ADEANTE: — "QUE TEM FEITO ? COMO TEM PASSADO ?"
 E NUNCA HA NADA DE NOVO, NEM VAMOS NUNCA
 PRA LOGAR NENHUM,
 SE FICAMOS ONDE ESTAMOS
 E SE ESTA' TUDO PARADO...

NO EMANTO E' SEMPRE ASSIM O MESMO REFRÃO COMMUM
 — "COMO VAE ? QUE TEM FEITO ?"
 E ULTIMAMENTE
 POR ONDE TEM ANDADO ?"
 POSITIVAMENTE
 NÃO SE TEM AO MENOS O DIREITO
 DE DAR UM AI !
 SOCEGADO...

E A OUVIR SEMPRE: — "BÔA NOITE !" E A OUVIR SEMPRE: — BOM DIA !"
 OS MESMOS CUMPRIMENTOS, O MESMO IDIOMA, AS MESMAS CARAS,
 AUSENCIA DE ASPECTOS NOVOS, DE COISAS RARAS,
 NADA DIFFERENTE !
 — UM DIA, PASSA EM CARBONO A MESMA PHYSIONOMIA
 DO OUTRO DIA !
 — NEURASTHENIA ! NEURASTHENIA !
 DIARIAMENTE...

— "VOU MUITO BEM OBRIGADO !"
 — "VAE-SE ANDANDO POR AHÍ !"

OH ! A VONTADE DE RESPONDER: ESTA' TUDO PARADO
 MAS SE LHE IMPORTA SABER AFINAL MEU ESTADO,
 — SAIBA QUE JA' MORRI !

(Do livro "Cantico do Homem Prisioneiro")

Canção Rotineira

(INEDITO DE J. G. DE ARAUJO JORGE)

... E EU A CUMPRIMENTAR SEMPRE AS MESMAS PESSOAS CONHECIDAS,
 A ATROPELAR OS MESMOS TRANSEUNTES DESCONHECIDOS,
 A LER SEMPRE OS MESMOS JORNAES,
 A TROCAR O MESMO "MIL RE'IS",
 E A TOMAR TODAS AS TARDES, COM OS MESMOS AMIGOS DE SEMPRE
 O MESMO CAFE'
 NOS MESMOS "CAFÉS"...

DAR DOIS PASSOS: — "ALÔ ! QUE HA DE NOVO ? ONDE VAMOS ?"
 E ADEANTE: — "QUE TEM FEITO ? COMO TEM PASSADO ?"
 E NUNCA HA NADA DE NOVO, NEM VAMOS NUNCA
 PRA LOGAR NENHUM,
 SE FICAMOS ONDE ESTAMOS
 E SE ESTA' TUDO PARADO...

NO EMANTO E' SEMPRE ASSIM O MESMO REFRÃO COMMUM
 — "COMO VAE ? QUE TEM FEITO ?"
 E ULTIMAMENTE
 POR ONDE TEM ANDADO ?"
 POSITIVAMENTE
 NÃO SE TEM AO MENOS O DIREITO
 DE DAR UM AI !
 SOCEGADO...

E A OUVIR SEMPRE: — "BÔA NOITE !" E A O'JVIR SEMPRE: — BOM DIA !"
 OS MESMOS CUMPRIMENTOS, O MESMO IDIOMA, AS MESMAS CARAS,
 AUSENCIA DE ASPECTOS NOVOS, DE COISAS RARAS,
 NADA DIFFERENTE !
 — UM DIA, PASSA EM CARBONO A MESMA PHYSIONOMIA
 DO OUTRO DIA !
 — NEURASTHENIA ! NEURASTHENIA !
 DIARIAMENTE...

— "VOU MUITO BEM OBRIGADO !"
 — "VAE-SE ANDANDO POR AHI !"

OH ! A VONTADE DE RESPONDER: ESTA' TUDO PARADO
 MAS SE LHE IMPORTA SABER AFINAL MEU ESTADO,
 — SAIBA QUE JA' MORRI !

(Do livro "Cantico do Homem Prisioneiro")

A Moda em Revista

No domínio da cor - branca



Os modelos oferecidos aqui às gentilissimas leitoras de ATHENAS trazem muita elegancia e dão muito donaire a quem delles se utilizar. São estampados em fundo branco, encanto para os olhos, deslumbramento das reuniões "chics". E' o domínio do branco na sua graça e na sua pompa.

A Moda em Revista

No domínio da cor - branca



Os modelos oferecidos aqui às gentilissimas leitoras de ATHENAS trazem muita elegancia e dão muito donaire a quem delles se utilizar. São estampados em fundo branco, encanto para os olhos, deslumbramento das reuniões "chics". E' o domínio do branco na sua graça e na sua pompa.



Mais três modelos em branco. Vê-se, ahí, o milagre da arte de bem vestir-se.

São muito simples no seu conjunto, mas muito formosos e elegantes

Se não sabem o que seja "capricho", posso confiar-lhes este segredo da minha invenção: é um colibri que tem o ninho no coração de certos moços, e lhes chupa o mel de todas as flores dalmia. — **José de Alencar**

O carácter é a physionomia moral do homem. — **Mantegazza**

O ciúme vê com lentes, que fazem grandes as cousas pequenas, gigantes os anões, verdades as suspeitas. — **Camilo Castello Branco**



Mais três modelos em branco. Vê-se, ahí, o milagre da arte de bem vestir-se.

São muito simples no seu conjunto, mas muito formosos e elegantes

Se não sabem o que seja "capricho", posso confiar-lhes este segredo da minha invenção: é um colibri que tem o ninho no coração de certos moços, e lhes chupa o mel de todas as flores dalmia. — **José de Alencar**

O carácter é a physionomia moral do homem. — **Mantegazza**

O ciúme vê com lentes, que fazem grandes as cousas pequenas, gigantes os anões, verdades as suspeitas. — **Camilo Castello Branco**



Um costume elegante e completo para um passeio



Estampado em branco, crepe da China com plastron de leuceria — um magnífico modelo para uma juventude feliz.

Os que lamentam não ter tempo, começam, quasi sempre, por não estabelecer o "alvo das aspirações" e deixam para iniciar o trabalho "quando tiverem tempo", mas este nunca chegará, porque nem ao menos esboçaram no que o trabalho consistia. — **Renato Kehl**

Os que se queixam da fortuna não têm, muitas vezes, que se queixar senão delles próprios. — **Voltaire.**

Far-se-iam bem mais cousas se se acreditasse menos nós impossíveis. — **Malesherbes**



P. L.

Um costume elegante e completo para um passeio



Estampado em branco, crepe da China com plastron de leuceria — um magnifico modelo para uma juventude feliz.

Os que lamentam não ter tempo, começam, quasi sempre, por não estabelecer o "alvo das aspirações" e deixam para iniciar o trabalho "quando tiverem tempo", mas este nunca chegará, porque nem ao menos esboçaram no que o trabalho consistia. — **Renato Kehl**

Os que se queixam da fortuna não têm, muitas vezes, que se queixar senão delles próprios. — **Voltaire.**

Far-se-iam bem mais cousas se se acreditasse menos nós impossíveis. — **Malesherbes**

O dia renasce e com elle volta a pequena série habitual de obrigações e deveres áridos. Cumpre-me desempenhar as minhas obrigações com calma e boa vontade; que o bom humor acompanhe a minha actividade. Impõe-se-me nos momentos destinados ao descanso, despreocupar-me, alegre e completamente de meus afazeres, mantendo-me contente e com a consciencia tranquilla por ter cumprido o meu dever. — Nyssens

Quem pretende executar uma obra deve planejá-la, traçar um esboço, fixar o alvo dos propósitos. Qualquer roceiro, ao abrir uma picada, estabelece, previamente, o ponto que pretende atingir. Sem saber onde ir, sem fixar um destino, não se inicia a abertura de um caminho nem mesmo de simples vereda. — Renato Kehl



Um automóvel, um vestido elegante para passeio e o donaire de uma mulher bonita

O dia renasce e com elle volta a pequena série habitual de obrigações e deveres áridos. Cumpre-me desempenhar as minhas obrigações com calma e boa vontade; que o bom humor acompanhe a minha actividade. Impõe-se-me nos momentos destinados ao descanso, despreocupar-me, alegre e completamente de meus afazeres, mantendo-me contente e com a consciencia tranquilla por ter cumprido o meu dever. — Nyssens

Quem pretende executar uma obra deve planejá-la, traçar um esboço, fixar o alvo dos propósitos. Qualquer roceiro, ao abrir uma picada, estabelece, previamente, o ponto que pretende atingir. Sem saber onde ir, sem fixar um destino, não se inicia a abertura de um caminho nem mesmo de simples vereda. — Renato Kehl



Um automovel, um vestido elegante para passeio e o donaire de uma mulher bonita

Como nasceu Jesus



Senhoritas Amélia Teixeira e Conceição Milhomem, fino ornamento da sociedade de Barra do Corda

A beira da estrada

LUSO TORRES

Fresca, magnifica, louçã
Vem chegando a manhã.

Canta um galo no meu terreiro,
Respondem outros galos lá por fóra;
Lembra-me Rostand,
Lembra-me Guerra Junqueiro
E o rosicléir da aurora.

Ha gorgelos no ar, rumores de asas,
Penachinos de fumo sobre as casas...

Vem um homem fumando o seu charuto,
Estaca sob uma arvore copada;
E indago: — por que vai aquelle bruto
Conspurcando a pureza da alvorada...

Reproduzido por ter sahido com incorreções
à pagina 15.

Palestina... Terra Santa...
Belém... do Imperador César Augusto, a lei,
cumpre-a, da Judéa, a grei...
Humilde carpinteiro
de Nazaré, cansado, exhausto, em companhia
de uma mulher, montada em um burrinho andeiro,
a cumprí-la, também, se adianta...

José e Maria.

Nas estalagens, um lugar,
siquér, onde possam pousar!...
E numa estala velha, antiga,
é que o santo casal se abriga!

Sanguineo, rubro, fenece
No céu do poente, o sol, nessa hora, num braceiro...
E uma noite de luar, formosa, desce,
envolvendo Belém, Judéa, o mundo inteiro,
numa efusão de luz, mirifica,
esplendente!

José resôna. Um galo o canto desferindo,
agudo, de Maria, o espôso, acórdá... Assente,
no sólo, a nangedoura. O fêno agréste a cobre.
Um bêrço original. Nêle deitado, lindo,
meigo, Jesus sorri.
E' Deus.
E nasceu pobre!...

Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1939.

ALCIMIRO SAINT-CLAIR

Não estranhem os leitores de **ATHENAS** encontrar neste numero duas produções do nosso talentoso collaborador, dr. Alcimiro Saint-Clair.

Já estava impressa a pagina em que se encontrava a sua poesia "Si Vancê Soubesse", quando recebemos a que se lê nesta pagina, que é um delicado chromo sobre o nascimento de Jesus, com a qual **ATHENAS** conseguiu mais uma expressão delicada e emotiva sobre a grande data do mes.

Como nasceu Jesus



Senhoritas Amélia Teixeira e Conceição Milhomem, fino ornamento da sociedade de Barra do Corda

A beira da estrada

LUSO TORRES

Fresca, magnifica, louçã
Vem chegando a manhã.

Canta um galo no meu terreiro,
Respondem outros galos lá por fóra;
Lembra-me Rostand,
Lembra-me Guerra Junqueiro
E o rosiclé da aurora.

Ha gorgelos no ar, rumores de asas,
Penachinos de fumo sobre as casas...

Vem um homem fumando o seu charuto,
Estaca sob uma arvore copada;
E indago: — por que vai aquelle bruto
Conspurcando a pureza da alvorada...

Reproduzido por ter sahido com incorreções
à pagina 15.

Palestina... Terra Santa...
Belém... do Imperador César Augusto, a lei,
cumpre-a, da Judéa, a grei...
Humilde carpinteiro
de Nazaré, cansado, exhausto, em companhia
de uma mulher, montada em um burrinho andeiro,
a cumprir-lá, também, se adianta...

José e Maria.

Nas estalagens, um lugar,
siquér, onde possam pousar!...
E numa estala velha, antiga,
é que o santo casal se abriga!

Sanguineo, rubro, fenece
No céu do poente, o sol, nessa hora, num braceiro...
E uma noite de luar, formosa, desce,
envolvendo Belém, Judéa, o mundo inteiro,
numa efusão de luz, mirifica,
esplendente!

José resôna. Um galo o canto desferindo,
agudo, de Maria, o espôso, acórdâa... Assente,
no sólo, a nangedoura. O fêno agréste a cobre.
Um bêrço original. Nêle deitado, lindo,
meigo, Jesus sorri.

E' Deus,

E nasceu pobre!...

Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1939.

ALCIMIRO SAINT-CLAIR

Não estranhem os leitores de **ATHENAS** encontrar neste numero duas produções do nosso talentoso colaborador, dr. Alcimiro Saint-Clair.

Já estava impressa a pagina em que se encontrava a sua poesia "Si Vancê Soubesse", quando recebemos a que se lê nesta pagina, que é um delicado chromo sobre o nascimento de Jesus, com a qual **ATHENAS** conseguiu mais uma expressão delicada e emotiva sobre a grande data do mes.

SEGREDOS de HOLLYWOOD

por MAX FACTOR, JR. *

Autoridade Suprema da Arte do Make-up

CUIDADO COM A PELLE

Innumeras têm sido as vezes que me fazem esta pergunta: "Como é que as estrelas de Hollywood conseguem aparecer tão encantadoras e com o rosto tão repousado depois de um dia de intensa actividade nos studios ?".

São muitas as respostas que poderia dar a essa pergunta, mas nenhuma delas poderia ser seguida tão praticamente como aquella que aconselharia um "tratamento completo e demorado de relaxamento dos músculos do rosto": Este é o methodo ideal e que devia ser adoptado por todas as mulheres. Mas, sucede que nem sempre as estrelas encontram tempo suficiente para se entregarem a uma massagem facial. E, ahí, então, que a substituição é feita ao se usar o "crème de branquear".

SARDAS

Os varios crèmes de branquear são, em geral, aconselhados ou usados para fazer desaparecer as sardas, mas outra das suas qualidades é branquear a pelle ou fazer sumir, tambem, as queimaduras de sol, dando ao rosto um bronzeado equilibrado e perfeito.

Este tratamento de emergencia serve não só para estimular ou reavivar a pelle do rosto, como tambem contribue para que desapareçam certas partículas de pelle morta, deixando os póros abertos, e facilitando, assim, que as impurezas sejam expelidas por elles.

Os efeitos obtidos pelo uso do "crème de branquear", como substituto de emergencia a uma massagem facial completa, não são imaginarios ou baseados apenas numa theoria minha.

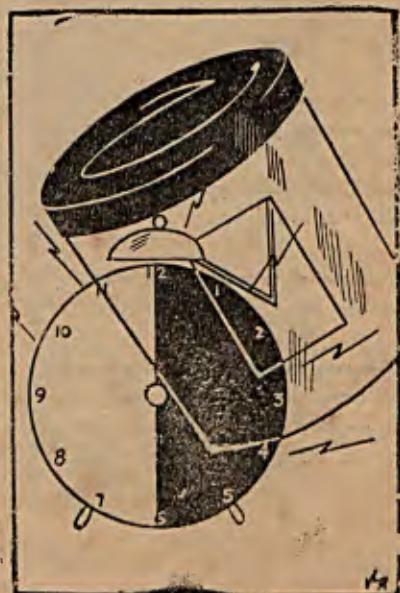
Como "tratamento" rápido para "rejuvenescimento" do rosto é elle empregado, usualmente, por dezenas e dezenas de estrelas de Hollywood, principalmente após um dia de grande actividade em frente ás cameras. Assim, sem que tenham

bastante tempo para um tratamento demorado, as estrelas lançam mão desse "crème de branquear", assim de que com elle possam descansar o rosto e aparecer numa festa, baile ou ao theatro, nesse mesma noite.

MERLE OBERON

Ainda bem recentemente, observei Merle Oberon entregar-se a esse tratamento rápido, usando do "crème de branquear", no seu camarim, depois de haver terminado o seu dia de trabalho nos palcos do studio. Muitas vezes, tambem tenho palestrado com Janet Gaynor, enquanto ella se entrega a esse descanço de meia hora, enquanto o "crème" assenta em seu rosto. Miriam Hopkins e Joan Fontaine são ainda algumas das muitas estrelas que o empregam e se fosse eu ennumerar aqui todas as estrelas que o fazem a minha lista seria infinável.

Se, vocês leitoras, se decidirem a usar esse



SEGREDOS de HOLLYWOOD

por MAX FACTOR, JR. *

Autoridade Suprema da Arte do Make-up

CUIDADO COM A PELLE

Innumeras têm sido as vezes que me fazem esta pergunta: "Como é que as estrelas de Hollywood conseguem aparecer tão encantadoras e com o rosto tão repousado depois de um dia de intensa actividade nos studios ?".

São muitas as respostas que poderia dar a essa pergunta, mas nenhuma delas poderia ser seguida tão praticamente como aquella que aconselharia um "tratamento completo e demorado de relaxamento dos músculos do rosto". Este é o methodo ideal e que devia ser adoptado por todas as mulheres. Mas, sucede que nem sempre as estrelas encontram tempo suficiente para se entregarem a uma massagem facial. E, ahí, então, que a substituição é feita ao se usar o "crème de branquear".

SARDAS

Os varios crèmes de branquear são, em geral, aconselhados ou usados para fazer desaparecer as sardas, mas outra das suas qualidades é branquear a pelle ou fazer sumir, tambem, as queimaduras de sol, dando ao rosto um bronzeado equilibrado e perfeito.

Este tratamento de emergencia serve não só para estimular ou reavivar a pelle do rosto, como tambem contribue para que desapareçam certas partículas de pelle morta, deixando os póros abertos, e facilitando, assim, que as impurezas sejam expelidas por elles.

Os efeitos obtidos pelo uso do "crème de branquear", como substituto de emergencia a uma massagem facial completa, não são imaginarios ou baseados apenas numa theoria minha.

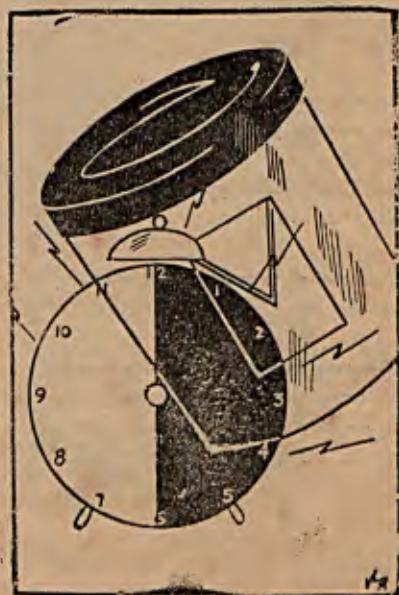
Como "tratamento" rápido para "rejuvenescimento" do rosto é elle empregado, usualmente, por dezenas e dezenas de estrelas de Hollywood, principalmente após um dia de grande actividade em frente ás cameras. Assim, sem que tenham

bastante tempo para um tratamento demorado, as estrelas lançam mão desse "crème de branquear", assim de que com elle possam descansar o rosto e aparecer numa festa, baile ou ao theatro, nesse mesma noite.

MERLE OBERON

Ainda bem recentemente, observei Merle Oberon entregar-se a esse tratamento rápido, usando do "crème de branquear", no seu camarim, depois de haver terminado o seu dia de trabalho nos palcos do studio. Muitas vezes, tambem tenho palestrado com Janet Gaynor, enquanto ella se entrega a esse descanso de meia hora, enquanto o "crème" assenta em seu rosto. Miriam Hopkins e Joan Fontaine são ainda algumas das muitas estrelas que o empregam e se fosse eu ennumerar aqui todas as estrelas que o fazem a minha lista seria infinável.

Se, vocês leitoras, se decidirem a usar esse





Actrizes cinematographicas usam, regularmente, um "crème de branquear", segundo os conselhos de Max Factor Jr., o perito da maquilagem

"crème de branquear", façam-no conscientemente e não o appliquem sem que obedeçam às indicações fornecidas para o seu uso.

PROTECÇÃO

Antes de se applicar o crème, os cabellos devem ser protegidos com uma toalha, uma rede ou touca e as sobrancelhas devem ser untadas com uma ligeira camada de brillantina ou vaselina.

Se a pelle fôr secca ou muito macia, o crème deve ser applicado numa caniada muito fina; mas, se fôr oleosa, deve-se, então, usar de uma crosta bem grossa..

Após o rosto tiver sido completamente coberto com o crème, aconselho que se cubram os olhos com algodão molhado em uma "skin freshener".

uma solução para os olhos ou simplesmente um preparado qualquer refrescante.

A seguir, vem a parte mais importante do tratamento: descanso absoluto e relaxamento completo dos músculos. Digo mais, se puderem fazer uma sesta, dormindo mesmo que seja por meia hora, devem fazê-lo.

RETOQUE FINAL

Se, por acaso, dormirem, não se esqueçam portanto de acertar o despertador para que despertem dentro do tempo exacto e reclamado pela variedade do "crème de branquear" que estiverem usando. A applicação do crème, segundo as indicações pessoais, deve ser mantida durante determinado espaço de tempo e esse "tempo" deve ser observado rigorosamente se desejarem obter delle os resultados pretendidos.



Actrizes cinematographicas usam, regularmente, um "crème de branquear", segundo os conselhos de Max Factor Jr., o perito da maquilagem

"crème de branquear", façam-no conscientemente e não o appliquem sem que obedeçam às indicações fornecidas para o seu uso.

PROTECÇÃO

Antes de se applicar o crème, os cabellos devem ser protegidos com uma toalha, uma rede ou touca e as sobrancelhas devem ser untadas com uma ligeira camada de brillantina ou vaselina.

Se a pelle fôr secca ou muito macia, o crème deve ser applicado numa caniada muito fina; mas, se fôr oleosa, deve-se, então, usar de uma crosta bem grossa..

Após o rosto tiver sido completamente coberto com o crème, aconselho que se cubram os olhos com algodão molhado em uma "skin freshener".

uma solução para os olhos ou simplesmente um preparado qualquer refrescante.

A seguir, vem a parte mais importante do tratamento: descanso absoluto e relaxamento completo dos músculos. Digo mais, se puderem fazer uma sesta, dormindo mesmo que seja por meia hora, devem fazê-lo.

RETOQUE FINAL

Se, por acaso, dormirem, não se esqueçam portanto de acertar o despertador para que despertem dentro do tempo exacto e reclamado pela variedade do "crème de branquear" que estiverem usando. A applicação do crème, segundo as indicações pessoais, deve ser mantida durante determinado espaço de tempo e esse "tempo" deve ser observado rigorosamente se desejarem obter delle os resultados prometidos.

Trecho do romance

GAZOMETRO

De ERASMO DIAS

O nosso companheiro Erasmo Dias vai publicar, em 1941 — proximo, o seu romance intitulado "Gazometro". E' um livro realista apanhando aspectos impressionantes da cidade histórica de S. Luiz.

ATHENAS oferece à leitura de seus fans este capítulo inédito.

* * *

Estevam parou na esquina da rua de Santana. Olhou para baixo. No seu angulo visual se comprimia o Gazometro.

O luar clareava, com fartura de luz, prateando a miseria e a sordidez do bairro. Um brulha de vozes, gritos, ruidos, sons tentava fugir do Gazometro para invadir a cidade. Estevam pensou: e se o Gazometro invadisse a cidade com os seus vicios e as suas miserias? Suas sobrancelhas grossas arquearam-se, severamente. Os olhos arregalaram-se. O labio grosso de mulato prolongou-se interrogativamente. Camaleão impacientou-se.

Lá em baixo já começara a correria da corja, no carrapatal. Ah! O carrapatal! Lembrou-se que a Dú insistira com elle para o "pegador" no carrapatal. Quando a Dú insistia com alguém para brincar no carrapatal era um bom signal. E, logo agora, que o Estevam parava, ali, com uns olhos bestas, como o "Burra Velha". Gostava do Estevam não tinha duvidas mas o pegador com a Dú, no carrapatal, era melhor. E logo hoje que a Dú, o havia convidado. Era capaz de ficar com o Badico. Mas elle daria uma pedrada no Badico se tal acontecesse. E o diabo do Estevam continuava lerdo no canto.

— "Cobra", tu desce ou não desce?

Estevam despertou da meditação com a voz clara do pequeno.

— Si tu não desce diz logo, que eu não vou ficar aqui feito besta. Tu'stá doente "Cobra"?

— Não, mas eu não vou lá Camaleão!

— Tu não vae, não? Martinha tá chorando como que desde onte. O amazio de nhá Severiana,inda hoje disse que a curpa era della que se mettia de uma, com uma porquêra como tú. A mae do Badico disse que tú alem de vagabundo tá se fazendo de bom agora.

Fallou no Badico e lembrou-se da Dú, Era capaz daquella peste ja estar com o Badico no carrapatal.

Estevam sentiu a attracção do Gazometro. A Martinha parece que até fazia feitiço para ho-



Daisy Macêdo Burgos Xavier, graça e sorriso do lar de nosso distinto amigo sr. Waldemiro Burgos Xavier e sua dignissima esposa d. Erine de Macêdo Burgos Xavier. Daisy venceu mais um periodo letivo, com muitas justas alegrias o coração de seus pais

Trecho do romance

GAZOMETRO

De ERASMO DIAS

O nosso companheiro Erasmo Dias vai publicar, em 1941 — proximo, o seu romance intitulado "Gazometro". E' um livro realista apanhando aspectos impressionantes da cidade histórica de S. Luiz.

ATHENAS oferece à leitura de seus fans este capítulo inédito.

* * *

Estevam parou na esquina da rua de Santana. Olhou para baixo. No seu angulo visual se comprimia o Gazometro.

O luar clareava, com fartura de luz, prateando a miseria e a sordidez do bairro. Um brulha de vozes, gritos, ruidos, sons tentava fugir do Gazometro para invadir a cidade. Estevam pensou: e se o Gazometro invadisse a cidade com os seus vicios e as suas miserias? Suas sobrancelhas grossas arquearam-se, severamente. Os olhos arregalaram-se. O labio grosso de mulato prolongou-se interrogativamente. Camaleão impacientou-se.

Lá em baixo já começara a correria da corja, no carrapatal. Ah! O carrapatal! Lembrou-se que a Dú insistira com elle para o "pegador" no carrapatal. Quando a Dú insistia com alguém para brincar no carrapatal era um bom signal. E, logo agora, que o Estevam parava, ali, com uns olhos bestas, como o "Burra Velha". Gostava do Estevam não tinha duvidas mas o pegador com a Dú, no carrapatal, era melhor. E logo hoje que a Dú, o havia convidado. Era capaz de ficar com o Badico. Mas elle daria uma pedrada no Badico se tal acontecesse. E o diabo do Estevam continuava lerdo no canto.

— "Cobra", tu desce ou não desce?

Estevam despertou da meditação com a voz clara do pequeno.

— Si tu não desce diz logo, que eu não vou ficar aqui feito besta. Tu'stá doente "Cobra"?

— Não, mas eu não vou lá Camaleão!

— Tu não vae, não? Martinha tá chorando como que desde onte. O amazio de nhá Severianainda hoje disse que a curpa era della que se mettia de uma, com uma porquêra como tú. A mae do Badico disse que tú alem de vagabundo tá se fazendo de bom agora.

Fallou no Badico e lembrou-se da Dú. Era capaz daquella peste ja estar com o Badico no carrapatal.

Estevam sentiu a attracção do Gazometro. A Martinha parece que até fazia feitiço para ho-



Daisy Macêdo Burgos Xavier, graça e sorriso do lar de nosso distinto amigo sr. Waldemiro Burgos Xavier e sua dignissima esposa d. Erine de Macêdo Burgos Xavier. Daisy venceu mais um periodo letivo, com muitas justas alegrias o coração de seus pais

mem. Olhou novamente para baixo. Os coqueiros saccudidos pela brisa vinda do mar pareciam-lhe os braços magrinhos da Martinha, desesperada, nervosa, acenando-lhe de longe, promettendo-lhes abraços e caricias mornas, na grande rête de fio da casa de nhá Severiana. A ladeira da rua da Cruz seduziu-o para descer. Mas... si fosse, poderia algum dia sahir mais de lá? Ficaria como o Bemvindo e o Zé Tiquira, preso, ali, eternamente...

Camaleão affligia-se. Seria tão bom que o "Cobra" descesse com elle. A Martinha era até capaz de lhe dar um nickel e, si ella desse, elle compraria duas rapaduras de leite para a Dú. E, assim, a Dú iria, sempre, com elle, ao carrapatal. Por que seria que o Cobra não queria descer? Isso era cousa com a Martinha. Quando a Dú crescesse e fosse amazia delle tambem haveria de fazer essas cousas. Ah, mas elle daria nella como seu Luiz Carreiro fazia com a mãe do "Burra Velha". E o diabo de Estevam não se resolvia a descer. Si a Dú chorasse por ellé, como a Martinha chorava pelo Cobra...

Resolveu fazer uma confidencia ao Cobra:

—Cobra eu vou te dizê nma cousa, mas só porque tú é meu camarada. Olha eu não t'espero mais não é por mal.

E' porque a Dú disse que, hoje, na hora do pégador ellá ficava escondida no tanque me esperando. O pegador já começoou. Tu não quê ir, e, si eu não fô a Dú não m'espera mais, nunqui-



José Reynaldo Rodrigues de Castro, filho de Feliciano Pereira de Castro, escripturario da Companhia Fluvial Maranhense e d. Virginia Rodrigues de Castro

nha. Té logo. Eu digo p'ra Martinha que tú tava aqui?

Estevam não respondeu. Automaticamente desceu tambem. Sentia a attracção irresistivel lá de baixo. Sentia que descia para sempre. Sabia que o Gazometro acabara de enlaçal-o. Jamais sahiria de lá. A cachaça do Zeferino e a molestia de peito acabariam com elle. Sentia que ia se sumir, ser devorado como uma pedra de assucar na chicara de café, pelo bairro maldito. Tentou reagir. Mas as pernas desciam, naturalmente, a ladeira da rua da Cruz, que accelerava o rythmo dos seus passos, como si quizesse atral-o, mais depressa, lá em baixo.

Tentou pensar. As idéas vinham ao seu cérebro em pedaços. Um mundo de retalhos de idéa levantava-se e gyrava no seu consciente, como as centenas de papeis velhos do monturo do Gazometro baillavam no ar, quando a ventania as flagellava.

Uma vez, quando creança, quase se afogara no S. Lourenço, em Cururupú. No momento em que a correnteza o subjugara tambem a sua cabeça ficara assim. Pensou então: Não eram sómte o mar e os rios que tinha redemoinhos, a vida os tinha tambem. E elle, naquella hora, submergia num, para nunca mais aparecer.

Ao seu lado o Camaleão, com o remedio na mão, descia calado, pensando na Dú e no carrapal.

Chegarain no canto da Fente das Pedras. Mais



Sr. Antonio G---s Pereira, Secretario da Prefeitura de Porto Franco

mem. Olhou novamente para baixo. Os coqueiros saccudidos pela brisa vinda do mar pareciam-lhe os braços magrinhos da Martinha, desesperada, nervosa, acenando-lhe de longe, promettendo-lhes abraços e caricias mornas, na grande rête de fio da casa de nhá Severiana. A ladeira da rua da Cruz seduziu-o para descer. Mas... si fosse, poderia algum dia sahir mais de lá? Ficaria como o Bemvindo e o Zé Tiquira, preso, ali, eternamente...

Camaleão affligia-se. Seria tão bom que o "Cobra" descesse com elle. A Martinha era até capaz de lhe dar um nickel e, si ella desse, elle compraria duas rapaduras de leite para a Dú. E, assim, a Dú iria, sempre, com elle, ao carrapatal. For que seria que o Cobra não queria descer? Isso era cousa com a Martinha. Quando a Dú crescesse e fosse amazia delle tambem haveria de fazer essas cousas. Ah, mas elle daria nella como seu Luiz Carreiro fazia com a mãe do "Burra Velha". E o diabo de Estevam não se resolvia a descer. Si a Dú chorasse por elle, como a Martinha chorava pelo Cobra...

Resolveu fazer uma confidencia ao Cobra:

—Cobra eu vou te dizer una cousa, mas só porque tú é meu camarada. Olha eu não t'espero mais não é por mal.

E' porque a Dú disse que, hoje, na hora do pégador ellá ficava escondida no tanque me esperando. O pegador já começoou. Tu não quê ir, e, si eu não fô a Dú não m'espera mais, nunqui-



José Reynaldo Rodrigues de Castro, filho de Feliciano Pereira de Castro, escripturario da Companhia Fluvial Maranhense e d. Virginia Rodrigues de Castro

nha. Té logo. Eu digo p'ra Martinha que tú tava aqui?

Estevam não respondeu. Automaticamente desceu tambem. Sentia a attracção irresistivel lá de baixo. Sentia que descia para sempre. Sabia que o Gazometro acabara de enlaçal-o. Jamais sahiria de lá. A cachaça do Zeferino e a molestia de peito acabariam com elle. Sentia que ia se sumir, ser devorado como uma pedra de assucar na chicara de café, pelo bairro maldito. Tentou reagir. Mas as pernas desciam, naturalmente, a ladeira da rua da Cruz, que accelerava o rythmo dos seus passos, como si quizesse atral-o, mais depressa, lá em baixo.

Tentou pensar. As idéas vinham ao seu cérebro em pedaços. Um mundo de retalhos de idéa levantava-se e gyrava no seu consciente, como as centenas de papéis velhos do monturo do Gazometro baillavam no ar, quando a ventania as flagellava.

Uma vez, quando creança, quase se afogara no S. Lourenço, em Cururupú. No momento em que a correnteza o subjugara tambem a sua cabeça ficara assim. Pensou então: Não eram sómente o mar e os rios que tinha redemoinhos, a vida os tinha tambem. E elle, naquella hora, subiu a energia num, para nunca mais aparecer.

Ao seu lado o Camaleão, com o remedio na mão, descia calado, pensando na Dú e no carrapal.

Chegarain no canto da Fente das Pedras. Mais



Sr. Antonio G---s Pereira, Secretario da Prefeitura de Porto Franco



Porto Franco — Rua Juarez Távo ra em um de seus aspectos pittorescos

um quarteirão e estariam no Gazometro.

Na porta do Hemeterio um grupo de meninas brincava o "Mande eu tirar".

—Que ofício darás a ella?

—Mande eu tirar, ou tiro lá.

—Ofício de professora.

—Mande eu tirar, eu tiro lá!

A escolhida era a Josephia. Camaleão estourou numa risada sordida.

—Vê só Cobra, si essa lambisgoia pode sé professora. Professora é só quem nasce rica. Onde já se viu professora de "chamatot".

—Ninguem te chamou, aqui, moleque! gritou a Ritta. Isto é brinquêdo de menina, sem-vergonha.

—Isso é brinquedo de besta!

—Besta é tú e tua mãe.

—Minha mãe não é osso pra andá na boca de uma cachorra, como tú!

—Oh! papae, gritou a Ritta, venha vê Camaleão que tá inticando com a gente.

Camaleão calou-se e continuou a andar, assim de alcançar o Estevam, que já no meio do quarteirão.

—Eh! Eh! Fugiu. Iu-Iu-Ou-Ou, vaiaram as pequenas.

Camaleão parou.

—Eu dou de pedra nessa desgraça!...

Estevam só então se apercebeu do incidente: "Vamos, deixa as pequenas!"

—Mas não é, Cobra essas pequenas não são besta mesmio. Qui professora nada. Muihé do Gazometro acaba é no "P. P." e no "Radian-te".

Calou-se e pensou. Depois perguntou:

ASAS

O dr. Luiz Carvalho é um poeta renomado. Os seus versos têm beleza rara. São talhados com arte, têm rythmos perfeitos.

Asas que aqui publicamos é uma delicia para o ouvido e para o espirito.

Eil-o:

Asas! Pudesse eu, homem, tel-as! Tel-as de ouro, luzindo, aligeras, de pennas, asas, que, aflando, me levassem pelas alturas, asas palpitas, serenas!

Tel-as assim para voar centenas de vezes, ir ás nuvens brancas, vel-as, ver o céu, ver o sol, ver as pequenas, as pequeninas, timidas estréllas!

E voar e voar, que o espaço é vasto: fazer de cada ponto luminoso um pouso alegre luminoso e casto...

Viver longe dos miserios humanos, viver sosinho e, como um Deus glorioso, Sem paixões, sem pesar, sem desenganos!

LUIZ CARVALHO

—Tu sabes "Cobra" porque a gente é pobre?!



Porto Franco — Rua Juarez Távora em um de seus aspectos pittorescos

um quarteirão e estariam no Gazometro.

Na porta do Hemeterio um grupo de meninas brincava o "Mande eu tirar".

—Que ofício darás a ella?

—Mande eu tirar, ou tiro lá.

—Ofício de professora.

—Mande eu tirar, eu tiro lá!

A escolhida era a Josephia. Camaleão estourou numa risada sordida.

—Vê só Cobra, si essa lambisgoia pode sé professora. Professora é só quem nasce rica. Onde já se viu professora de "chamatot".

—Ninguem te chamou, aqui, moleque! gritou a Ritta. Isto é brinquêdo de menina, sem-vergonha.

—Isso é brinquedo de besta!

—Besta é tú e tua mãe.

—Minha mãe não é osso pra andá na boca de uma cachorra, como tú!

—Oh! papae, gritou a Ritta, venha vê Camaleão que tá inticando com a gente.

Camaleão calou-se e continuou a andar, assim de alcançar o Estevam, que já no meio do quarteirão.

—Eh! Eh! Fugiu. Iu-Iu-Ou-Ou, vaiaram as pequenas.

Camaleão parou.

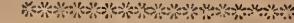
—Eu dou de pedra nessa desgraça...

Estevam só então se apercebeu do incidente: "Vamos, deixa as pequenas!"

—Mas não é, Cobra essas pequenas não são besta mesmio. Qui professora nada. Muihé do Gazometro acaba é no "P. P." e no "Radian-te".

Calou-se e pensou. Depois perguntou:

ASAS



O dr. Luiz Carvalho é um poeta renomado. Os seus versos têm beleza rara. São talhados com arte, têm rythmos perfeitos.

Asas que aqui publicamos é uma delicia para o ouvido e para o espirito.

Eil-o:

Asas! Pudesse eu, homem, tel-as! Tel-as de ouro, luzindo, aligeras, de pennas, asas, que, aflando, me levassem pelas alturas, asas palpitas, serenas!

Tel-as assim para voar centenas de vezes, ir ás nuvens brancas, vel-as, ver o céu, ver o sol, ver as pequenas, as pequeninas, timidas estréllas!

E voar e voar, que o espaço é vasto: fazer de cada ponto luminoso um pouso alegre luminoso e casto...

Viver longe dos miserios humanos, viver sosinho e, como um Deus glorioso, Sem paixões, sem pesar, sem desenganos!

LUIZ CARVALHO

—Tu sabes "Cobra" porque a gente é pobre?



CANHENHO SOCIAL

Dr. Tibiriçá de Oliveira — Faz annos, a 1º do corrente, o sr. dr. Tibiriçá de Oliveira, conceituado engenheiro e projecto director do Lycen de Artes e Ofícios do Estado.

Dr. Tarquinio Netto — Anniversaria-se, a 2 do corrente, o sr. dr. Tarquinio Netto, conceituado clínico conterraneo e autor do livro "A' feição dos canticos dos canticos".

Dr. Edison Brandão — Completa annos, a 2 do corrente, o sr. dr. Edison Brandão, Procurador Geral do Estado e elemento de pról na sociedade e nos círculos forenses desta capital.

Manoel Sobrinho — Decorre, a 4 do corrente, o anniversario natalicio, do sr. Manoel Sobrinho, funcionario federal neste Estado.

O digno anniversariante, que é tambem um dos mais festejados poetas conterraneos da geração a que pertence, tem dado, sobejas provas do seu talento de escol, em diversos numeros desta revista.

Dr. Fernando Perdigão — Transcorre, a 5 do corrente, a data natalicia do sr. dr. Fernando Perdigão, Secretario da Interventoria Federal no Estado.

O digno nataliciante, que é bastante relacionado em nossa terra, receberá expressivas homenagens da parte de seus amigos.

Sra. Zairy Moreira — Vê passar, a 7 do corrente, a sua data natalicia, a exma. sra. d.

Anniversarios :

nhazinha Carvalho Moreira, esposa do sr. Zairy Moreira, fief de thesoureiro na Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional, neste Estado.

Dr. Soares de Quadros — Assiste, a 8 do corrente, ao transcurso do seu anniversario natalicio o nosso confrade dr. João Soares de Quadros, conceituado advogado no fôro desta Capital.

Dr. Genesio Rêgo — Registra-se, a 9 do corrente, o anniversario natalicio d'p sr. dr. Genesio Rêgo, abalizado clínico maranhense e figura de prestigio na sociedade local.

João Alves Junior Pereira — A data de 10 do corrente assinala a passagem do anniversario natalicio do estimavel cavalheiro, sr. João Alves Junior Pereira, socio chefe da importante firma Alves Junior & Cia., de nossa praça.

Dr. Henrique Alberto Magalhães de Almeida — Anniversaria-se, a 13 do corrente, nosso distinquo conterraneo, sr. dr. Henrique Alberto Magalhães de Almeida, auditor da Marinha de Guerra Nacional, residente na Capital do Paiz.

Zaide Mattos — Deflue, a 13 do corrente, a data genetliaca da gentil menina Zaide Mattos, dilecia filha do sr. Tancredo Mattos, socio-chefe da firma J. Vietai de Mattos & Cia., de nos-

sa praça e de sua esposa sra. d. Esther Mattos.

Senhorita Yvette Aguiar — Transcorre, a 13 do corrente, a data genetliaca da senhorita Yvette Aguiar, fino ornamento de nossa sociedade e filha do nosso distinquo amigo, sr. Francisco Coelho de Aguiar, socio-chefe da conceituada firma, Francisco Aguiar & Cia., desta praça, e digno consul de Portugal em nosso Estado.

Sra. Ribamar Pinheiro — Assiste, a 13 do corrente, à passagem de sua data natalicia, a exma. sra. d. Joannita Pinheiro, esposa do nosso conrade Ribamar Pinheiro, alto funcionario do Estado e primoroso poeta conterraneo.

Sra. Victorino Freire — Registra-se, a 15 do corrente, o transcurso do anniversario natalicio da exma. sra. d. Maria Helena de Oliveira Freire, esposa do nosso distinquo amigo sr. dr. Victorino Freire, Official de Gabinete do Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas.

Dr. Waldemar Britto — Faz annos, a 17 do corrente, o intellectual dr. Waldemar Britto, alto funcionario do Estado e elemento de relevo nos círculos forenses desta Capital.

Desor. Publio de Mello — A data de 21 do corrente regista o transcurso do anniversario natalicio do sr. desor. Publio de Mello, ilustre Presidente do Tribunal de Appelação do Estado e figura de destaque na sociedade maranhense.



CANHENHO SOCIAL

Dr. Tibiriçá de Oliveira — Faz annos, a 1º do corrente, o sr. dr. Tibiriçá de Oliveira, conceituado engenheiro e projecto director do Lycen de Artes e Ofícios do Estado.

Dr. Tarquinio Netto — Anniversaria-se, a 2 do corrente, o sr. dr. Tarquinio Netto, conceituado clínico conterraneo e autor do livro "A' feição dos canticos dos canticos".

Dr. Edison Brandão — Completa annos, a 2 do corrente, o sr. dr. Edison Brandão, Procurador Geral do Estado e elemento de pról na sociedade e nos círculos forenses desta capital.

Manoel Sobrinho — Decorre, a 4 do corrente, o anniversario natalicio, do sr. Manoel Sobrinho, funcionario federal neste Estado.

O digno anniversariante, que é tambem um dos mais festejados poetas conterraneos da geração a que pertence, tem dado, sobejas provas do seu talento de escol, em diversos numeros desta revista.

Dr. Fernando Perdigão — Transcorre, a 5 do corrente, a data natalicia do sr. dr. Fernando Perdigão, Secretario da Interventoria Federal no Estado.

O digno nataliciante, que é bastante relacionado em nossa terra, receberá expressivas homenagens da parte de seus amigos.

Sra. Zairy Moreira — Vê passar, a 7 do corrente, a sua data natalicia, a exma. sra. d. Si-

Anniversarios :

nhazinha Carvalho Moreira, esposa do sr. Zairy Moreira, fief de thesoureiro na Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional, neste Estado.

Dr. Soares de Quadros — Assiste, a 8 do corrente, ao transcurso do seu anniversario natalicio o nosso confrade dr. João Soares de Quadros, conceituado advogado no fôro desta Capital.

Dr. Genesio Rêgo — Registra-se, a 9 do corrente, o anniversario natalicio d'p sr. dr. Genesio Rêgo, abalizado clínico maranhense e figura de prestigio na sociedade local.

João Alves Junior Pereira — A data de 10 do corrente assinala a passagem do anniversario natalicio do estimável cavaleiro, sr. João Alves Junior Pereira, socio chefe da importante firma Alves Junior & Cia., de nossa praça.

Dr. Henrique Alberto Magalhães de Almeida — Anniversaria-se, a 13 do corrente, nosso distinquo conterraneo, sr. dr. Henrique Alberto Magalhães de Almeida, auditor da Marinha de Guerra Nacional, residente na Capital do Paiz.

Zaide Mattos — Deflue, a 13 do corrente, a data genetliaca da gentil menina Zaide Mattos, dilecia filha do sr. Tancredo Mattos, socio-chefe da firma J. Vietai de Mattos & Cia., de nos-

sa praça e de sua esposa sra. d. Esther Mattos.

Senhorita Yvette Aguiar — Transcorre, a 13 do corrente, a data genetliaca da senhorita Yvette Aguiar, fino ornamento de nossa sociedade e filha do nosso distinquo amigo, sr. Francisco Coelho de Aguiar, socio-chefe da conceituada firma, Francisco Aguiar & Cia., desta praça, e digno consul de Portugal em nosso Estado.

Sra. Ribamar Pinheiro — Assiste, a 13 do corrente, à passagem de sua data natalicia, a exma. sra. d. Joannita Pinheiro, esposa do nosso conrade Ribamar Pinheiro, alto funcionario do Estado e primoroso poeta conterraneo.

Sra. Victorino Freire — Registra-se, a 15 do corrente, o transcurso do anniversario natalicio da exma. sra. d. Maria Helena de Oliveira Freire, esposa do nosso distinquo amigo sr. dr. Victorino Freire, Official de Gabinete do Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas.

Dr. Waldemar Britto — Faz annos, a 17 do corrente, o intellectual dr. Waldemar Britto, alto funcionario do Estado e elemento de relevo nos círculos forenses desta Capital.

Desor. Publio de Mello — A data de 21 do corrente regista o transcurso do anniversario natalicio do sr. desor. Publio de Mello, ilustre Presidente do Tribunal de Appelação do Estado e figura de destaque na sociedade maranhense.

Sra. Magalhães de Almeida

— Occorre, a 22 do corrente, a data natalicia da exma. sra. d. Virginia Magalhães de Almeida, digna esposa do eminent maranhense, sr. comte. José Maria Magalhães de Almeida, ex-Presidente do Estado e figura de realce na sociedade brasileira.

A illustre dama, que, em companhia do seu esposo, reside na Capital do Paiz, receberá, nesse dia, por motivo do auspicioso evento, as expressivas homenagens a que faz jus.

Viriato Corrêa — Os altos círculos intellectuaes do Paiz festejam, a 23 do corrente, a passagem do anniversario natalicio do escriptor conterraneo, sr. Viriato Corrêa, applaudido theatrologo e romancista de grandes recursos.

Dr. Matta Roma — Faz annos, a 23 do corrente, o sr. dr. José Matta Roma, figura de realce no magisterio maranhense.

se e director do conceituado "Colégio Cysne", desta Capital.

Lais Bandeira de Mello

Decorre, a 24 do corrente, a data natalicia da senhorita Lais Bandeira de Mello, filha do sr. desor. Publio de Mello, illustre Presidente do Tribunal de Apelação do Estado.

Dr. Aloysio Braga — Completa annos, a 24 do corrente, o sr. dr. Aloysio Braga, digno advogado em nossa terra e elemento destacado da nossa sociedade.

Tancredo Mattos — Assiste, a 25 do corrente, ao decurso do seu anniversario natalicio, o estimavel cavalheiro, sr. dr. Tancredo Mattos, socio da firma João Victal de Mattos & Cia., e elemento de relevo na sociedade maranhense.

Sra. Bernardino Cunha — Occorre, a 25 do corrente, o an-

niversario natalicio da exma. sra. d. Myrthes Pereira Cunha, esposa do sr. Bernardino Cunha, socio da conceituada firma Alves Junior & Cia., desta praça.

Conego Chaves

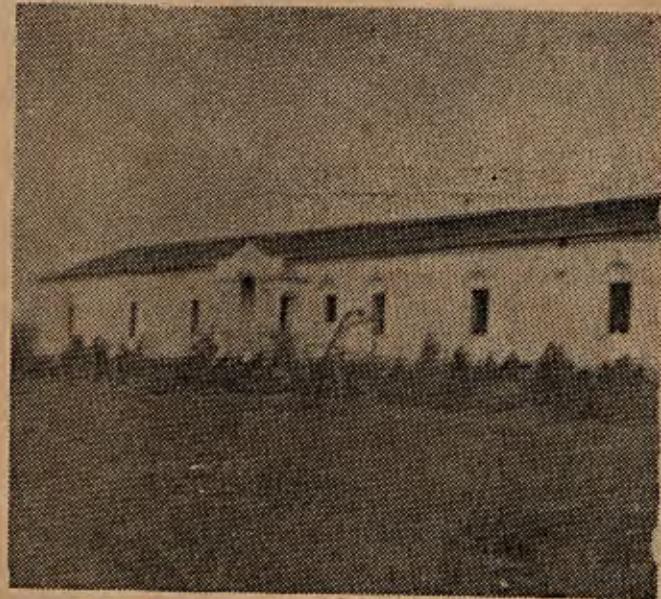
Vê passar, a 27 do corrente, a sua data natalicia, o reudo. conejo João dos Santos Chaves, figura de relevo no clero e na sociedade maranhense.

Bastante estimado em nosso meio por seus optimos predicatorios pessoaes, o illustre sacerdote receberá nessa data merecidas manifestações de apreço, por parte de seus coestadanos.

Attila Costa

Anniversariase, a 31 do corrente, o estimavel cavalheiro, sr. Attila Costa, proprietario da Empreza Maranhense de Pesca e membro do Departamento Administrativo do Estado.

O digno anniversariante receberá, decerto, por essa occasião, innumeras provas de estima e consideração da parte de seus amigos.



Instituto Bíblico, em Barra do Corda, sob a direcção do dr. Jorge Thomaz



Pierre Alhadef, escripturário da Prefeitura de Cururupu.

Sra. Magalhães de Almeida

— Occorre, a 22 do corrente, a data natalicia da exma. sra. d. Virginia Magalhães de Almeida, digna esposa do eminent maranhense, sr. comte. José Maria Magalhães de Almeida, ex-Presidente do Estado e figura de realce na sociedade brasileira.

A illustre dama, que, em companhia do seu esposo, reside na Capital do Paiz, receberá, nesse dia, por motivo do auspicioso evento, as expressivas homenagens a que faz jus.

Viriato Corrêa — Os altos círculos intellectuaes do Paiz festejam, a 23 do corrente, a passagem do anniversario natalicio do escriptor conterraneo, sr. Viriato Corrêa, applaudido theatrologo e romancista de grandes recursos.

Dr. Matta Roma — Faz annos, a 23 do corrente, o sr. dr. José Matta Roma, figura de realce no magisterio maranhense.

se e director do conceituado "Colégio Cysne", desta Capital.

Lais Bandeira de Mello

Decorre, a 24 do corrente, a data natalicia da senhorita Lais Bandeira de Mello, filha do sr. desor. Publio de Mello, illustre Presidente do Tribunal de Apelação do Estado.

Dr. Aloysio Braga — Completa annos, a 24 do corrente, o sr. dr. Aloysio Braga, digno advogado em nossa terra e elemento destacado da nossa sociedade.

Tancredo Mattos — Assiste, a 25 do corrente, ao decurso do seu anniversario natalicio, o estimavel cavalheiro, sr. dr. Tancredo Mattos, socio da firma João Victal de Mattos & Cia., e elemento de relevo na sociedade maranhense.

Sra. Bernardino Cunha — Occorre, a 25 do corrente, o an-

niversario natalicio da exma. sra. d. Myrthes Pereira Cunha, esposa do sr. Bernardino Cunha, socio da conceituada firma Alves Junior & Cia., desta praça.

Conego Chaves

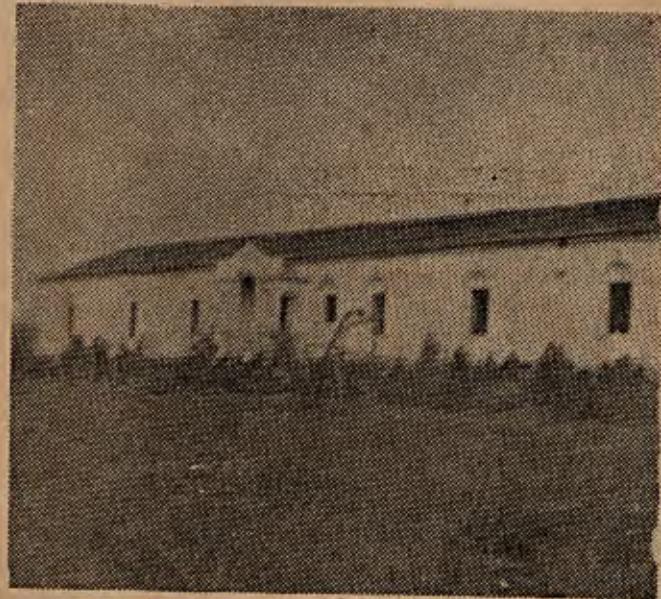
Vê passar, a 27 do corrente, a sua data natalicia, o reydo. conejo João dos Santos Chaves, figura de relevo no clero e na sociedade maranhense.

Bastante estimado em nosso meio por seus optimos predicados pessoaes, o illustre sacerdote receberá nessa data merecidas manifestações de apreço, por parte de seus coestadanos.

Attila Costa

Anniversariase, a 31 do corrente, o estimavel cavalheiro, sr. Attila Costa, proprietario da Empreza Maranhense de Pesca e membro do Departamento Administrativo do Estado.

O digno anniversariante receberá, decerto, por essa occasião, innumeras provas de estima e consideração da parte de seus amigos.



Instituto Bíblico, em Barra do Corda, sob a direcção do dr. Jorge Thomaz



Pierre Alhadef, escripturário da Prefeitura de Cururupú.

1940 - 1941

Desta vez, não há motivos para festas. Banhado em sangue, o anno de 1940 despediu-se de nós. Banhado em sangue surge o Anno Novo. Mas



WINSTON CHURCHILL

Chefe do governo britannico

vendo-se bem, o Anno Novo não existe. O dia que surge no horizonte, não nos impressiona com um traço de alegria. Simbolicamente, pudemos dizer que não há esperanças nos seus olhos, nem promessas de dias melhores nos seus gestos. A guerra que com a derrota da França, parecia entrar em declínio, tomou maiores proporções. A entrada da Italia na luta, em vez de enfraquecer a Inglaterra, como se suppunha acentecesse, fez que esta redobrasse de energia e mais bem apparelhada e mais robusta se mostrasse, para enfrentar o inimigo que se fortalecera com a alliance de uma das maiores potencias da Europa, possuidora de um exercito disciplinado, e uma esquadra constituída de unidades modernas e de uma renomada aviação. Pode-se dizer que contra o Imperio Britannico dois Imperios se apresentaram: O Imperio Germanico e o Imperio Italiano. O primeiro ainda não consolidado, mas plenamente delineado com os paizes conquistados: A Tcheco-Slovaquia, a Austria, a Polonia, a Dinamarca, a Noruega, a Belgica, a Holanda e a França Septentrional. Si não lhe fornecem soldados para as suas legiões, dão-lhe grandes

e efficazes elementos para a sua victoria tal sejam bases navaes e aéreas, fabrícias, usinas, officinas, operarios, armas, munições, viveres, matéria prima, magnificos pontos estratégicos. O segundo era um Imperio de grandes dimensões que no continente africano tinha incalculaveis forças materiaes.

Ninguem, pois, poderia suppor que a Inglaterra, desajudada das polidas armas francesas, de um exercito tido como um dos mais valentes e bem disciplinados do mundo, pudesse continuar na lucta para vencer obstáculos e mais obstáculos que lhe apresentavam tantos elementos conjugados contra a sua existencia.

E no entanto foi que se verificou e é o que se está verificando.

A Inglaterra resolveu vender caro á vida, e fez e está fazendo um esforço supremo. Todo o seu vasto imperio colonial, como se fôra um bloco indestrutivel, organizou-se material e militarmente para a resistencia. A esquadra inglesa destemero-



ADOLPH HITLER

Fuehrer alemão

sa, dentro de pouco tempo, dominava os mares. A sua aviação, surpreendentemente levou a guerra ao coração da Alemanha. A Gran-Bretanha con-

1940 - 1941

Desta vez, não há motivos para festas. Banhado em sangue, o anno de 1940 despediu-se de nós. Banhado em sangue surge o Anno Novo. Mas



WINSTON CHURCHILL

Chefe do governo britannico

vendo-se bem, o Anno Novo não existe. O dia que surge no horizonte, não nos impressiona com um traço de alegria. Simbolicamente, pudemos dizer que não há esperanças nos seus olhos, nem promessas de dias melhores nos seus gestos. A guerra que com a derrota da França, parecia entrar em declínio, tomou maiores proporções. A entrada da Italia na luta, em vez de enfraquecer a Inglaterra, como se suppunha acentuasse, fez que esta redobrasse de energia e mais bem apparelhada e mais robusta se mostrasse, para enfrentar o inimigo que se fortalecera com a alliance de uma das maiores potencias da Europa, possuidora de um exercito disciplinado, e uma esquadra constituída de unidades modernas e de uma renomada aviação. Pode-se dizer que contra o Imperio Britannico dois Imperios se apresentaram: O Imperio Germanico e o Imperio Italiano. O primeiro ainda não consolidado, mas plenamente delineado com os paizes conquistados: A Tcheco-Slovaquia, a Austria, a Polonia, a Dinamarca, a Noruega, a Belgica, a Holanda e a França Septentrional. Si não lhe fornecem soldados para as suas legiões, dão-lhe grandes

e efficazes elementos para a sua victoria tal sejam bases navaes e aéreas, fabrícias, usinas, officinas, operarios, armas, munições, viveres, matéria prima, magnificos pontos estratégicos. O segundo era um Imperio de grandes dimensões que no continente africano tinha incalculaveis forças materiaes.

Ninguem, pois, poderia suppor que a Inglaterra, desajudada das polidas armas francesas, de um exercito tido como um dos mais valentes e bem disciplinados do mundo, pudesse continuar na lucta para vencer obstáculos e mais obstáculos que lhe apresentavam tantos elementos conjugados contra a sua existencia.

E no entanto foi que se verificou e é o que se está verificando.

A Inglaterra resolveu vender caro á vida, e fez e está fazendo um esforço supremo. Todo o seu vasto imperio colonial, como se fôra um bloco indestrutivel, organizou-se material e militarmente para a resistencia. A esquadra inglesa destemere-



ADOLPH HITLER

Fuehrer alemão

sa, dentro de pouco tempo, dominava os mares. A sua aviação, surpreendentemente levou a guerra ao coração da Alemanha. A Gran-Bretanha con-

um exercito de dois milhões e meio de homens desafiou a invasão germanica.

A Italia, rainha do Mediterraneo, e que ha muito pretendia contra a França o dominio abso-



General METAXAS

Chefe do governo grego

luto desse famoso mar interior, não enfrentou o poder naval da Inglaterra.

A esquadra inglesa dominou inteiramente a baia do Mediterraneo e por ultimo a do mar Adriatico. Que resta agora, á Italia, que politicamente, já perdeu a sua caracterização de peninsula?

A Grecia, agredida pela Italia, que queria facilitar á sua aliada a passagem do Cairo e Suez para o fim de separar a Inglaterra do seu vasto império colonial, com o exterminio da esquadra inglesa, a Grecia, expulsou o exercito italiano de suas terras e levou a guerra até a Albania, ha pouco conquistada pela Italia, que nesta hora já está em vespertas de perdê-la.

Na Africa a luta tomou um caracter serio e apresenta aspectos originaes. E' a luta no deserto. De um lado as forças inglesas que já expulsaram os italianos do Egypto, invadiram a Lybia, onde estão triunfantes, pois espera-se a cada instante a queda de Bardia, na costa do Mediterraneo, o maior reducto italiano.

O general De Gaule já dividiu ali, o Imperio Colonial frances em duas porções e ameaça agora reunir-lo todo no bloco dos franceses livres.

A França do General Pétain acha-se impossibilitada de acodir os franceses que ainda lhe são

fieis na Africa, porque o General Weigand, unica esperança do General Pétain, não dá signal de vida, si não é que ali se ache executando as suas ordens secretas.

No Extremo Oriente a lucta entre Chineses Japoneses continua terrivel. Mas os Chineses resistem heroicamente e segundo os ultimos comunicados não é boa a situação das forças japonesas.

Agora, na ultima hora, annuncia-se um lucta entre a Alemanha e a Russia, por causa da Bulgaria, ou melhor por causa do dominio da peninsula balcanica de que faz questão a Alemanha por necessidade de sua existencia material.

A America felizmente está em paz, mas reinam todos os seus paizes a inquietação, o desassego. Os governos americanos preparam suas armas

Todas as energias são no sentido de um apparelhamento militar. Mas sob o ponto de vista economico o soffrimento é grande. A exportação está paralisada. A importação tambem.



MUSSOLINI

Chefe do governo italiano

Augmenta a crise commercial e industrial no mundo!

Assim, o 1941 é apenas a continuação do anno de 1940, e digamos com franqueza, — com as mais sombrias perspectivas.

um exercito de dois milhões e meio de homens desafiou a invasão germanica.

A Italia, rainha do Mediterraneo, e que ha muito pretendia contra a França o domínio abso-



General METAXAS

Chefe do governo grego

luto desse famoso mar interior, não enfrentou o poder naval da Inglaterra.

A esquadra inglesa dominou inteiramente a baia do Mediterraneo e por ultimo a do mar Adriatico. Que resta agora, á Italia, que politicamente, já perdeu a sua caracterização de peninsula?

A Grecia, agredida pela Italia, que queria facilitar á sua aliada a posse do Cairo e Suez para o fim de separar a Inglaterra do seu vasto império colonial, com o exterminio da esquadra inglesa, a Grecia, expulsou o exercito italiano de suas terras e levou a guerra até a Albania, ha pouco conquistada pela Italia, que nesta hora já está em vespertas de perdê-la.

Na Africa a luta tomou um caracter serio e apresenta aspectos originaes. E' a luta no deserto. De um lado as forças inglesas que já expulsaram os italianos do Egypto, invadiram a Lybia, onde estão triunfantes, pois espera-se a cada instante a queda de Bardia, na costa do Mediterraneo, o maior reducto italiano.

O general De Gaule já dividiu ali, o Imperio Colonial frances em duas porções e ameaça agora reunir-lo todo no bloco dos franceses livres.

A França do General Pétain acha-se impossibilitada de acodir os franceses que ainda lhe são

fieis na Africa, porque o General Weigand, unica esperança do General Pétain, não dá signal de vida, si não é que ali se ache executando as suas ordens secretas.

No Extremo Oriente a lucta entre Chineses e Japoneses continua terrivel. Mas os Chineses resistem heroicamente e segundo os ultimos comunicados não é boa a situação das forças japonesas.

Agora, na ultima hora, annuncia-se um lucta entre a Alemanha e a Russia, por causa da Bulgaria, ou melhor por causa do domínio da peninsula balcanica de que faz questão a Alemanha por necessidade de sua existencia material.

A America felizmente está em paz, mas reina em todos os seus paizes a inquietação, o desassego. Os governos americanos preparam suas armas

Todas as energias são no sentido de um apparelhamento militar. Mas sob o ponto de vista economico o soffrimento é grande. A exportação está paralisada. A importação tambem.



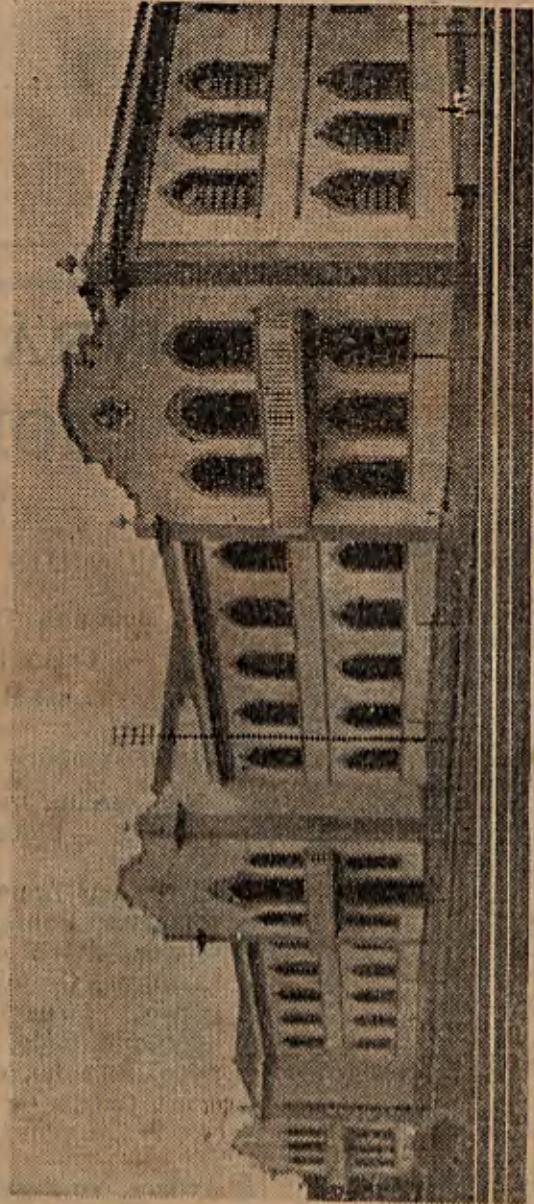
MUSSOLINI

Chefe do governo italiano

Augmenta a crise commercial e industrial no mundo!

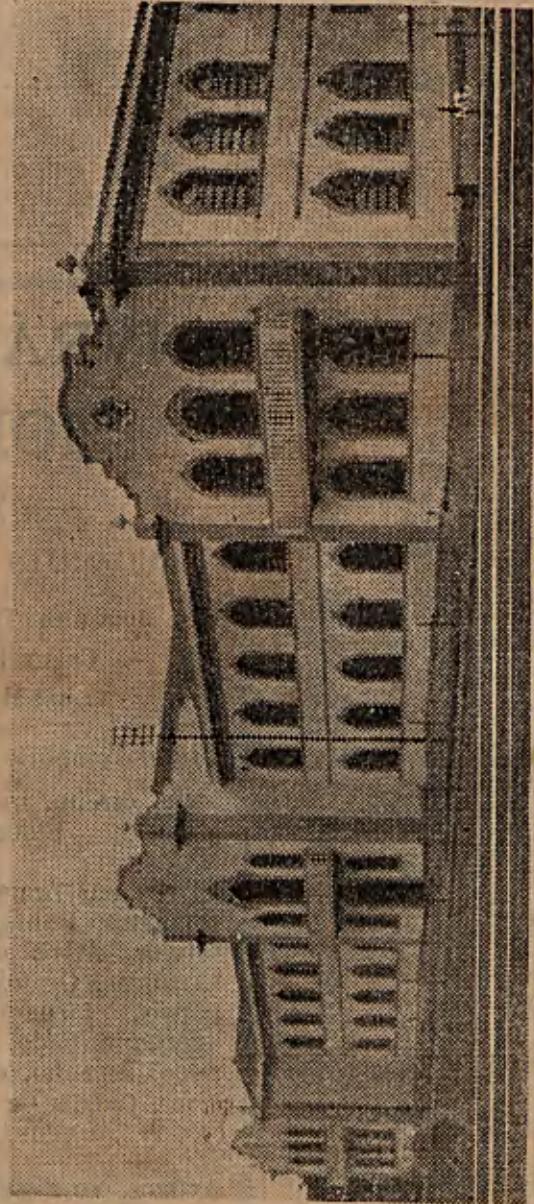
Assim, o 1941 é apenas a continuação do anno de 1940, e digamos com franqueza, — com as mais sombrias perspectivas.

Palacio da Educação



Damos, hoje, aqui, em primeira mão o presente "cliché" do Palacio de Educação em S. Luiz, obra que affirma, de maneira expressiva, o governo d' s. excia. o dr. Paulo Ramoⁱ; E', sem dúvida, uma realização digna dos melhores aplausos e vale pe'o inicio de um grande cyclo, verdadeiramente fulminoso, para a vida da instrucção publica em nosso Estado

Palacio da Educação



Damos, hoje, aqui, em primeira mão o presente "cliché" do Palacio de Educação em S. Luiz, obra que affirma, de maneira expressiva, o governo d. s. excia. o dr. Paulo Ramo¹; E', sem dúvida, uma realização digna dos melhores aplausos e vale pe'o inicio de um grande cyclo, verdadeiramente fulminoso, para a vida da instrucção publica em nosso Estado

POR QUE SE DISSOLVEU O CLUB FAMILIAR

(Continuação da pag. IV)

ella constituiu um lar, frequentaste-o e colheste os melhores resultados desta amizade.

—Mas isto é uma infamia! gritou Fernando Caleça, vibrando violento soco em cima da mesa.

—Tu o disseste, replicou Ignacio Costa, e sabem todos que não minto.

Os bohemios protestaram.

—Sabemos que o Fernando era intimo da casa, nem elle poderá negá-lo, acode Alfredo Carvalho, um contabilista.

—Até ahi estamos de acordo, affirma o jornalista Barradas.

—Está nos autos! exclama o bacharel Pedro Motta.

—Mas quanto aos proventos... continua Lucio Mendes, um dos maiores amigos de Caleça, despachante da casa commercial de que o Caleça era guarda-livro.

—Sim, quanto aos proventos... disseram algumas vozes.

—...Ficaram nas entrelinhas de sua exposição, terminou Ignacio Costa, sempre sorridente, a esvaiar o copo de cerveja, e a fumar.

—Exijo uma explicação clara! brada o Fernando Cacela.

—É facil satisfazer-te. O primeiro marido de Vanda, aquelle magistrado cuja morte acabou de ser deploreada aqui, por alguns companheiros deste cénvescote, foi victimá de seu desprezo, conforme as explicacões cabaes que deste, e que causaram admiração a todos. Fizeste, de improviso, a respeito, uma pagina de psychologia individual, que demonstrou tua vida dentro do lar do inditoso magistrado. O que elle não poude dar a Vanda, destes tu!

—Fazes-me uma aggressão insolita!

—Não é tal.

—Positivamente um aggressão insolita, insiste Fernando Caleça, com os dentes cerrados e os labios crispados pela colera.

—Não é tal, insiste, displicente Ignacio Costa, desmangolado na sua cadeira.

—Provarás, em nome de tua dignidade o que affirmas?

—Esperava o teu desafio. Todos os grandes dissimuladores vibram, nos seus momentos criticos, um golpe de audacia. Lançastes o teu com todas as probabilidades de exito, mas infelizmente vais rolar por terra.

E um dos bohemios já alarmados:

—Acabemos com esta discussão qué afinal não

nos interessa, nem estamos aqui reunidos á guisa de um tribunal de honra! Deixemos a Vanda em paz!

—Agora é tarde! exclama com rapidez Fernando Caleça.

—É tarde! E muito tarde! como diria o Monte Alverne, exclamou Acrisio Porto, um professor ainda moço, e que já ia muito dentro com a sua embriaguez, e não sabia do que se tratava.

—Não te lembreste, meu querido Caleça, que o medico é um individuo que assiste grande dramas sociaes, penetra nos porões da sociedade e

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.
1220 — Caixa Postal, 97 — S.
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros escolares, direito, medicina e contabilidade.

Livros em branco, de todos os formatos, Romances de todos os estylos, Livros de Historias para Creanças. Grande variedade em papeis, jornaes, encadernação, apergaminhado, de seda, gelatinado, desenho, etc. Blocos diversos, Caixas de papel, Cartões em branco

Artigos para escriptorio e escolares. Artigos proprios para presentes —

Visitae a LIVRARIA MODERNA

POR QUE SE DISSOLVEU O CLUB FAMILIAR

(Continuação da pag. IV)

ella constituiu um lar, frequentaste-o e colheste os melhores resultados desta amizade.

—Mas isto é uma infamia! gritou Fernando Caleça, vibrando violento soco em cima da mesa.

—Tu o disseste, replicou Ignacio Costa, e sabem todos que não minto.

Os bohemios protestaram.

—Sabemos que o Fernando era intimo da casa, nem elle poderá negá-lo, acode Alfredo Carvalho, um contabilista.

—Até ahi estamos de acordo, affirma o jornalista Barradas.

—Está nos autos! exclama o bacharel Pedro Motta.

—Mas quanto aos proventos... continua Lucio Mendes, um dos maiores amigos de Caleça, despachante da casa commercial de que o Caleça era guarda-livro.

—Sim, quanto aos proventos... disseram algumas vozes.

—...Ficaram nas entrelinhas de sua exposição, terminou Ignacio Costa, sempre sorridente, a esvaiar o copo de cerveja, e a fumar.

—Exijo uma explicação clara! brada o Fernando Caeela.

—É facil satisfazer-te. O primeiro marido de Vanda, aquelle magistrado cuja morte acabou de ser deploreada aqui, por alguns companheiros deste cénvescote, foi victimá de seu desprezo, conforme as explicacões cabaes que deste, e que causaram admiração a todos. Fizeste, de improviso, a respeito, uma pagina de psychologia individual, que demonstrou tua vida dentro do lar do inditoso magistrado. O que elle não poude dar a Vanda, des-tes tu!

—Fazes-me uma aggressão insolita!

—Não é tal.

—Positivamente um aggressão insolita, insiste Fernando Caleça, com os dentes cerrados e os labios crispados pela coléra.

—Não é tal, insiste, displicente Ignacio Costa, desmangolado na sua cadeira.

—Provarás, em nome de tua dignidade o que affirmas?

—Esperava o teu desafio. Todos os grandes dissimuladores vibram, nos seus momentos criticos, um golpe de audacia. Lançastes o teu com todas as probabilidades de exito, mas infelizmente vais rolar por terra.

E um dos bohemios já alarmados:

—Acabemos com esta discussão qué afinal não

nos interessa, nem estamos aqui reunidos á guisa de um tribunal de honra! Deixemos a Vanda em paz!

—Agora é tarde! exclama com rapidez Fernando Caleça.

—É tarde! E muito tarde! como diria o Monte Alverne, exclamou Acrisio Porto, um professor ainda moço, e que já ia muito dentro com a sua embriaguez, e não sabia do que se tratava.

—Não te lembreste, meu querido Caleça, que o medico é um individuo que assiste grande dramas sociaes, penetra nos porões da sociedade e

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.
1220 — Caixa Postal, 97 — S.
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros escolares, direito, medicina e contabilidade.

Livros em branco, de todos os formatos, Romances de todos os estylos, Livros de Historias para Creanças. Grande variedade em papeis, jornaes, encadernação, apergaminhado, de seda, gelatinado, desenho, etc. Blocos diversos, Caixas de papel, Cartões em branco

Artigos para escriptorio e escolares. Artigos proprios para presentes —

Visitae a LIVRARIA MODERNA

as camaras fechadas á curiosidade publica. Não
lembrestes...

—Não me lembrei, é verdade, e não sei o que
em isto ao caso !

—Vem muito ao caso, como vaes ver. Quando
ouvi a minha clínica, aqui em S. Luiz, logo ao
egar da Faculdade Bahiana, foi meu guia e mes-
se nos meus primeiros passos o dr. Costa Lima,
que ainda vive, e que é o melhor obstresta desta
idade.

Quando se me apresentava alguma dificuldade,
ocorría-me de sua sciencia e experientia, e elle,
quando cercado de muitos clientes que lhe inspira-
ram cuidado, mandava-me substitui-lo nos casos
aceis. E foi nesta phase de minha vida de clinico
que alias não vai longe, que a pedido do dr. Costa
Lima tomei conta dos curativos de uma senhora da
alta sociedade que apresentava muitas mor-
didas em varias partes do corpo... Eu te posso
garantir que a victima não era a Vanda, mas o
mordido certamente eras tu !...

Fernando Caleça não se conteve. Levantou-se
de um impeto, e em furia acesa, rapido descreveu
um arco no salão, para se precipitar sobre Ignacio
Costa, no que foi tolhido pelos companheiros,
que lhe acompanharam o movimento e lhe obsta-
riam, com grande esforço a passagem, que, a murs-
s procurava abrir.

Caleça era um rapaz de elevada estatura, forte,
como um touro.

Ignacio Costa era de fraca compleição, e esta-
tura mean. Mas não se intimidou. Como se já es-
perasse o ataque, levantou-se, lesto, e de um salto
desfistou-se da mesa e do grupo que segurava o
agressor. Sacou de um bolso trazeiro da calça um
pequeno revolver Coalt, e sorrindo, caiu em guarda:
—A industria, disse, inventou esta compensa-
ção. E mostrava a arma de cano relusente. A
teus musculos, continuou, oppórei, com segurança
resolver. Antes que me toques, estarás por terra.
meu querido Fernando Caleça.

—Acabemos com isto ! gritavam os bohemios.

—Canalha ! gritava Fernando Caleça. Cana-
lha é covarde !

—Nem canalha, nem covarde, mas um medico
que entendeu que devia apresentar hoje, a tua ficha
a esta roda de bohemios a quem de ha muito
iludes com as tuas dissimulações.

—Miseravel !

—Não é que sejas culpado de tua degeneresc-
cia, admiro até o teu esforço na dissimulação im-
pêccavel com que a procuras occultar com uma
mascara impermeavel de galan das elites femininas.
A tua inferioridade moral, a meu ver, está, na tua
conducta, quando perdes uma victima. Que todos
comprehendam porque demoraste tantos meses no

FOTOGRAFIAS E CLICHES

QUANDO PRECISAR
DE UM PROFISSIONAL DESSE
ASSUMPTO, DEVEIS PROCURAR

«MENDONCA»

foto-gravador

do «O IMPARCIAL» e ATHENAS

Rua Nina Rodrigues, 176

Calma e presença de espirito — cis duas ar-
mas valiosissimas para os momentos difficeis.
Quando a maioria se exalta — acalme-se; quando
todos gritam — cale-se ou fale baixo. — Renato
Kehl.

Rio. Foste ao encalço da Vanda. Encontraste-a
casada com esse Rodolpho Ayres que pertenceu a
esta roda. Espreitaste-a. Armaste-lhe a tocaia
dentro do seu proprio lar. E nada conseguiste !
Comprehendest, então que havias perdido a presa.
Viste na brutalidade do Rodolpho Ayres a causa
de tua derrota. Deceptionado vistes, e hoje, ar-
mado de uma perfidia cor de rosa, vieste accusa-la
perante esta roda de bohemios, apresentando-a
como um caso extravagante de tuas observações !
Era mais uma coroa de loiro que ias ganhar. Su-
bias mais alguns degraus na admiracão desses ra-
pazes que te receberam com uma das festas mais
brilhantes destes ultimos tempos em S. Luiz !

—Deixem-me passar ! Deixem-me passar !

—Pelo que vejo, queres morrer ás minhas
mãos ! Si é este o teu destino cumpra-se !

* * *

Estava encerrado o convescote. Os bohemios
dividiram-se em dois grupos. Um saiu com o
Fernando Caleça, e o outro com o Ignacio Costa.

A porta do clube estacionavam alguns car-
ros:

Os coxeiros dormiam nas boleas altas, espe-
rando-os. Despertavam com as vozes que se ap-
proximavam e os passos fortes pela escadaria.

E os carros começaram a rodar, á medida que
se enchiham. Rodou o ultimo com Ignacio Costa e
alguns de seu grupo.

O gerente do baile fechou de novo a pesada

as camaras fechadas á curiosidade publica. Não
lembrestes...

—Não me lembrei, é verdade, e não sei o que
em isto ao caso !

—Vem muito ao caso, como vaes ver. Quando
ouvi a minha clinica, aqui em S. Luiz, logo ao
egar da Faculdade Bahiana, foi meu guia e mes-
fe nos meus primeiros passos o dr. Costa Lima,
que ainda vive, e que é o melhor obstresta desta
idade.

Quando se me apresentava alguma dificuldade,
ocorria-me de sua sciencia e experientia, e elle,
quando cercado de muitos clientes que lhe inspira-
ram cuidado, mandava-me substitui-lo nos casos
aceis. E foi nesta phase de minha vida de clinico
que alias não vai longe, que a pedido do dr. Costa
Lima tomei conta dos curativos de uma senhora da
alta sociedade que apresentava muitas mor-
didas em varias partes do corpo... Eu te posso
garantir que a victima não era a Vanda, mas o
mordido certamente eras tu !...

Fernando Caleça não se conteve. Levantou-se
de um impeto, e em furia acesa, rapido descreveu
um arco no salão, para se precipitar sobre Ignacio
Costa, no que foi tolhido pelos companheiros,
que lhe acompanharam o movimento e lhe obsta-
riam, com grande esforço a passagem, que, a muri-
do procurava abrir.

Caleça era um rapaz de elevada estatura, forte,
como um touro.

Ignacio Costa era de fraca compleição, e esta-
tura mean. Mas não se intimidou. Como se já es-
perasse o ataque, levantou-se, lesto, e de um salto
desfistou-se da mesa e do grupo que segurava o
agressor. Sacou de um bolso trazeiro da calça um
pequeno revolver Coalt, e sorrindo, caiu em guarda:

—A industria, disse, inventou esta compensa-
ção. E mostrava a arma de cano relusente. A
teus musculos, continuou, oppórei, com segurança
resolver. Antes que me toques, estarás por terra.
meu querido Fernando Caleça.

—Acabemos com isto ! gritavam os bohemios.

—Canalha ! gritava Fernando Caleça. Cana-
lha e covarde !

—Nem canalha, nem covarde, mas um medico
que entendeu que devia apresentar hoje, a tua ficha
a esta roda de bohemios a quem de ha muito
iludes com as tuas dissimulações.

—Miseravel !

—Não é que sejas culpado de tua degeneresc-
cia, admiro até o teu esforço na dissimulação im-
peccável com que a procuras occultar com uma
mascara impermeavel de galan das elites femininas.
A tua inferioridade moral, a meu ver, está, na tua
conducta, quando perdes uma victima. Que todos
comprehendam porque demoraste tantos meses no

FOTOGRAFIAS E CLICHES

QUANDO PRECISAR
DE UM PROFISSIONAL DESSE
ASSUMPTO, DEVEIS PROCURAR

«MENDONCA»

foto-gravador

do «O IMPARCIAL» e ATHENAS

Rua Nina Rodrigues, 176

Calma e presença de espirito — eis duas ar-
mas valiosissimas para os momentos difficeis.
Quando a maioria se exalta — acalme-se; quando
todos gritam — cale-se ou fale baixo. — Renato
Kehl.

Rio. Foste ao encalço da Vanda. Encontraste-a
casada com esse Rodolpho Ayres que pertenceu a
esta roda. Espreitaste-a. Armaste-lhe a tocaia
dentro do seu proprio lar. E nada conseguiste !
Comprehendest, então que havias perdido a presa.
Viste na brutalidade do Rodolpho Ayres a causa
de tua derrota. Deceptionado voltastes, e hoje, ar-
mado de uma perfidia cor de rosa, viste accusa-la
perante esta roda de bohemios, apresentando-a
como um caso extravagante de tuas observações !
Era mais uma coroa de loiro que ias ganhar. Su-
bias mais alguns degraus na admiracão desses ra-
pazes que te receberam com uma das festas mais
brilhantes destes ultimos tempos em S. Luiz !

—Deixem-me passar ! Deixem-me passar !

—Pelo que vejo, queres morrer ás minhas
mãos ! Si é este o teu destino cumpra-se !

* * *

Estava encerrado o convescote. Os bohemios
dividiram-se em dois grupos. Um saiu com o
Fernando Caleça, e o outro com o Ignacio Costa.

A porta do clube estacionavam alguns car-
ros:

Os coxeiros dormiam nas boleas altas, espe-
rando-os. Despertavam com as vozes que se ap-
proximavam e os passos fortes pela escadaria.

E os carros começaram a rodar, á medida que
se enchiham. Rodou o ultimo com Ignacio Costa e
alguns de seu grupo.

O gerente do baile fechou de novo a pesada

BANCO DO BRASIL

CAPITAL	100.000.000\$000
FUNDO DE RESERVA	240.778.691\$000

RECEBE DEPOSITOS, PAGANDO JUROS A'S SEGUINTE TAXAS:

Depositos populares — limite de 10.000\$000	4 % a. a.
» limitados — limite de 50.000\$000	3 % a. a.
» com juros	2 % a. a.

a prazo fixo e letras a premio — 4% (por 6 meses)
— 5% (por 12 meses)

Aviso previo: de 30 dias — 3 1/2%; de 60 dias — 4%; de 90 dias — 4 1/2%

Prazo fixo com renda mensal: a 12 meses — 3 1/2% a. a.
a 6 meses — 3 1/2% a. a.

PRINCIPAES OPERAÇÕES DO BANCO

Desconto de saques sobre as praças do Brasil — Descontos de promissorias e duplicatas — Emprestimo sob caução — Cobrança de titulos — Pagamento dentro do Paiz, por meio de ordens telegraphicais, cartas ou cheques — Emissão de cartas de creditos directos e circulares para todo o Brasil — Depositos à ordem e a prazo fixo — Guarda de titulos e valores, etc.

Endereço — Teleg. — SATELITE

SÉDE — RIO DE JANEIRO

AGENCIA EM MARANHÃO:

GERENCIA	1893
TELEPHONES:	— (Cambio — 1720 Geral — 1380)

RUA CANDIDO MENDES 336

porta principal do vasto predio, e subiu as escadas, compassadamente. Chegando ao salão encontrou os criados de braços cruzados em uma mesa como si estivessem servido, á espera de ordens,

Era um mulato quarentão, forte, de boa estatura, cabellos crespos-grisalhos e bem penteados. No seu rosto moreno e sympathico, nos seus olhos fatigados pelas noites mal dormidas, um pensamento se reflectia. De braços cruzados passou a varanda grande, no seu sentido longitudinal. E depois voltando-se para os criados:

— Não sei o que vou dizer. Mas a meu ver a festa de hoje, destes bohemios, não foi a da chegada do dr. Caleça, mas a de sua despedida. Elle perdeu, de uma vez, todos os amigos de S. Luiz!

E depois de uma pausa:

Devemos seguir sempre o caminho que conduz ao mais alto. — Platão

— E procurem outro emprego, pois de amanhã em diante irei fazer o mesmo.

— Que culpa temos nós de que se passou? perguntou um dos criados.

— Vocês não são culpados de nada. Si lhes falo assim, é porque conheço de sobra o Maranhão. Fiquem certo de que este clube nunca mais abrirá seus salões à sociedade. Está dissolvido

E o mulato velho falou como se fosse um profeta.

BANCO DO BRASIL

CAPITAL	100.000.000\$000
FUNDO DE RESERVA	240.778.691\$000

RECEBE DEPOSITOS, PAGANDO JUROS A'S SEGUINTE TAXAS:

Depositos populares — limite de 10.000\$000	4 % a. a.
» limitados — limite de 50.000\$000	3 % a. a.
» com juros	2 % a. a.
a prazo fixo e letras a premio — 4% (por 6 meses)	
—5% (por 12 meses)	
Aviso previo: de 30 dias — 3 1/2; de 60 dias — 4 %; de 90 dias — 4 1/2 %	
Prazo fixo com renda mensal: a 12 meses — 3 1/2 % a. a.	
a 6 meses — 3 1/2 % a. a.	

PRINCIPAES OPERAÇÕES DO BANCO

Desconto de saques sobre as praças do Brasil — Descontos de promissorias e duplicatas — Emprestimo sob caução — Cobrança de titulos — Pagamento dentro do Paiz, por meio de ordens telegraphicais, cartas ou cheques — Emissão de cartas de creditos directos e circulares para todo o Brasil — Depositos à ordem e a prazo fixo — Guarda de titulos e valores, etc.

Endereço — Teleg. — SATELITE

SÉDE — RIO DE JANEIRO

AGENCIA EM MARANHÃO:

GERENCIA	1893
TELEPHONES:	— (Cambio — 1720
(Geral	— 1380

RUA CANDIDO MENDES 336

porta principal do vasto predio, e subiu as escadas, compassadamente. Chegando ao salão encontrou os criados de braços cruzados em uma mesa como si estivessem servido, á espera de ordens,

Era um mulato quarentão, forte, de boa estatura, cabellos crespos-grisalhos e bem penteados. No seu rosto moreno e sympathico, nos seus olhos fatigados pelas noites mal dormidas, um pensamento se reflectia. De braços cruzados passou a varanda grande, no seu sentido longitudinal. E depois voltando-se para os criados:

—Não sei o que vou dizer. Mas a meu ver a festa de hoje, destes bohemios, não foi a da chegada do dr. Caleça, mas a de sua despedida. Elle perdeu, de uma vez, todos os amigos de S. Luiz!

E depois de uma pausa:

Devemos seguir sempre o caminho que conduz ao mais alto. — Platão

—E procurem outro emprego, pois de amanhã em diante irei fazer o mesmo.

—Que culpa temos nós de que se passou? perguntou um dos criados.

—Vocês não são culpados de nada. Si lhes falo assim, é porque conheço de sobra o Maranhão. Fiquem certo de que este clube nunca mais abrirá seus salões à sociedade. Está dissolvido

E o mulato velho falou como se fosse um profeta.



ETROPOLE

DIRETORIA

Jano da Cunha — Presidente
rdo Truda — José Sampaio
Moreira.

Barreto — Virgilio de Melo
Franco

Cedro Carneiro Leão

Tabela de premios arrecadada
na METRÓPOLE, desde o ini-
cado seu funcionamento até o ul-
timo exercicio (1935 a 1939) :

5	2.465:017\$700
6	3.959:528\$900
7	6.622:181\$000
8	8.735:829\$900
9	9.800:900\$000

cifras não foram ainda alcan-
cadas em nosso país, por nenhuma
congênera, em idêntica fase
de negócios. —

RÓPOLE E' UMA COMPA-
HIA GENUINAMENTE
BRASILEIRA

— INCENDIO — ACIDEN-
— AUTOMOVEIS — TRANS-
PORTES — GRANIZO

Z: Rua Primeiro de Março,
phone: 43-2890 — Rio de
Janeiro

S: São Paulo, Minas Gerais,
Baia e Pernambuco

IA: Avenida D. Pedro II, 241

LUIZ DO MARANHÃO

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS,
TINTAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

Depósito permanente de ma-
terias para construções — Fer-
ramentas para lavoura — Chas-
pas de cobre, zinco, ferro, esta-
nho e chumbo — Telhas de fer-
ra galvanizadas — Oleos, Verni-
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
Amarras, Louças de Ferro es-
maltado e alumínio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
e 502 metros (metragem
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS

DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 93

SANTOS & CIA.

REPRESENTAÇÕES

Unicos distribuidores, no Mara-
nhão, das afamadas machinas
de escrever

«OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 281

CAIXA POSTAL, 54

Endereço telegr. «SATMA»

SÃO LUIZ-MARANHÃO



ETROPOLE

DIRETORIA

Jano da Cunha — Presidente
rdo Truda — José Sampaio
Moreira.

Barreto — Virgilio de Melo
Franco

Cedro Carneiro Leão

Tabela de premios arrecadada
na METRÓPOLE, desde o ini-
cado seu funcionamento até o ul-
timo exercicio (1935 a 1939) :

5	2.465:017\$700
6	3.959:528\$900
7	6.622:181\$000
8	8.735:829\$900
9	9.800:900\$000

cifras não foram ainda alcan-
cadas em nosso país, por nenhuma
congênera, em idêntica fase
de negócios. —

RÓPOLE E' UMA COMPA-
HIA GENUINAMENTE
BRASILEIRA

— INCENDIO — ACIDEN-
- AUTOMOVEIS — TRANS-
- PORTES — GRANIZO

Z: Rua Primeiro de Março,
ephone: 43-2890 — Rio de
Janeiro

S : São Paulo, Minas Gerais,
Baia e Pernambuco

IA: Avenida D. Pedro II, 241

LUIZ DO MARANHÃO

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS,
TINTAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

Depósito permanente de ma-
terias para construções — Fer-
ramentas para lavoura — Chas-
pas de cobre, zinco, ferro, esta-
nho e chumbo — Telhas de fer-
ra galvanizadas — Oleos, Verni-
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
Amarras, Louças de Ferro es-
maltado e alumínio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
e 502 metros (metragem
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS

DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 93

SANTOS & CIA.

REPRESENTAÇÕES

Unicos distribuidores, no Mara-
nhão, das famosas machinas
de escrever

«OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 281

CAIXA POSTAL, 54

Endereço telegr. «SATMA»

SÃO LUIZ-MARANHÃO

*Que aroma
delicioso...*



DELIO SA'

*Que aroma
delicioso...*



DELIO SA'

